



**Setor Ciências Humanas, Letras e Artes - SCHLA  
Programa de Pós-Graduação em História - PPGHIS**

**João Vicente de Medeiros Publio Dias**

**DAS FRONTEIRAS PARA CONSTANTINOPLA: INSERÇÃO DA *CANÇÃO DE  
DIGENIS AKRITES* NO CENÁRIO POLÍTICO BIZANTINO (SÉCULOS XI E  
XII)**

**CURITIBA  
2010**

**João Vicente de Medeiros Publio Dias**

**DAS FRONTEIRAS PARA CONSTANTINOPLA: INSERÇÃO DA *CANÇÃO DE  
DIGENIS AKRITES* NO CENÁRIO POLÍTICO BIZANTINO (SÉCULOS XI E  
XII)**

Dissertação apresentada para a banca de  
defesa do título de Mestre na linha  
“História Cultura e Poder” do programa  
de Pós-Graduação em História da  
Universidade Federal do Paraná

**Orientador: Profa. Dra. Marcella  
Lopes Guimarães**

**CURITIBA  
2010**

“Perguntaram a Sócrates de onde era e ele não respondeu “de Atenas”, mas “do Mundo”. Para ele, cuja inteligência era mais vasta e aberta que a de outrem abarcava o universo e dele fazia sua cidade, o objeto de sua afeição era o gênero humano; e não agia como nós que apenas olhamos em torno de nós. Quando a vinha se queima sob a geada em minha aldeia, o cura imagina que a cólera divina ameaça a humanidade e crê que já andam os canibais mortos de sede”

- Michel de Montaigne.

## AGRADECIMENTOS

Essa Dissertação foi uma construção desenvolvida durante dois anos de minha vida com auxílio de muitas mãos. Alguns me ajudaram com conselhos, outros com materiais e outros com afeto. Por isso, gostaria, em primeiro lugar, agradecer minha orientadora Marcella Lopes Guimarães que pacientemente me ofereceu seus conselhos, seus materiais e seu afeto. Da mesma forma quero agradecer a todos do Programa de Pós-Graduação em História, em especial a secretária Maria Cristina Parzowski.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, a Capes, e por consequência a todos os brasileiros que, através de seus impostos, financiaram minha pesquisa, o que me permitiu concentrar todas as minhas energias ao estudo.

Sou igualmente e profundamente grato ao Leonardo Avelino Duarte, de Campo Grande, pelo seu mecenato, à Victoria Gerhold, de Buenos Aires, pelas discussões e diversas correspondências que me trouxeram riquíssimos textos, sem os quais esse trabalho perderia muito em embasamento historiográfico e ao professor Diego Melo, da Universidade Adolfo Ibáñez, no Chile, por ter me apresentado a tradução da *Canção de Digenis Akrites* que me baseei para desenvolver esse trabalho.

Agradeço também à minha família, meu pai e minha mãe pelo eterno apoio.

Agradeço aos meus amigos por aceitarem meu desaparecimento durante largos períodos, mas que sempre me recebem de braços abertos.

Sou para sempre grato à Daiane pela sua ternura, seu interesse de historiadora pela pesquisa, paciência em freqüentes momentos de mau-humor causados por falta de inspiração. Por essas coisas e muitas outras serei agradecido a ela por ter estado sempre ao meu lado nesses dois anos de estudos e pesquisa.

Também reconheço e agradeço pelos dons divinos da Curiosidade e do Questionamento sem os quais nenhum historiador pode exercer seu ofício.

Por último, agradeço todos os estudiosos que vieram antes de mim e que construíram, em seus escritos, o conhecimento o qual essa pesquisa se embasou. Por mais que algumas vezes os critiquem, reconheço sem nenhuma reserva que, sem essas pessoas, essa Dissertação simplesmente não existiria. Eu dedico meu trabalho a elas.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>7</b>
<b>RESUMEN.....</b>	<b>8</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>9</b>
<b>Abreviação de Fontes.....</b>	<b>10</b>
<b>Lista de Imagens.....</b>	<b>11</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1ª PARTE: DAS FRONTEIRAS</b>	
<b>CAPÍTULO 1: CONCEITUAÇÃO E FORMAÇÃO DE UMA ARISTOCRACIA BIZANTINA (SÉCULOS IX-XI).....</b>	<b>23</b>
<b>1.1. Da existência ou não de divisões dentro da aristocracia.....</b>	<b>26</b>
<b>CAPÍTULO 2: FORMAÇÃO DA ARISTOCRACIA MILITAR ANATÓLICA. ....</b>	<b>27</b>
<b>CAPÍTULO 3: AS FRONTEIRAS ORIENTAIS E AS ESPECIFICIDADES DE SUA ARISTOCRACIA.....</b>	<b>33</b>
<b>CAPÍTULO 4: A FORMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE GUERREIRA.....</b>	<b>38</b>
<b>CAPÍTULO 5. O CICLO ÉPICO BIZANTINO DE FRONTEIRA.....</b>	<b>39</b>
<b>5.1. O surgimento.....</b>	<b>39</b>
<b>5.2. Os cantares e a aristocracia akrítica.....</b>	<b>43</b>
<b>5.3. O micro-ciclo dos Doukas e as relações “aristocracia – poder imperial”.....</b>	<b>50</b>
<b>5.4. Postura afirmativa das fronteiras: pontuações sobre o universo akrítico dos séculos IX, X e XI. ....</b>	<b>53</b>
<b>2ª. PARTE: ... PARA CONSTANTINOPLA</b>	
<b>CAPÍTULO 6: O ALÇAMENTO DOS COMNENOS, MANZIKERT E MAIS CRISE POLÍTICA NO SÉCULO XI.....</b>	<b>58</b>
<b>6.1. A “crise” do século XI: debates interpretativos.....</b>	<b>58</b>

6.2. De Basílio II a Aleixo I: Ebulição política, enriquecimento econômico e descentralização do poder.....	61
<b>CAPÍTULO 7. O REINADO DE ALEIXO I E O ESTABELECIMENTO DOS ARCHONTES KOMNENOI.....</b>	<b>66</b>
<b>CAPÍTULO 8. QUESTÕES SOBRE A DIGENEIDA. ....</b>	<b>78</b>
<b>CAPÍTULO 9: RELACIONAMENTO DA OBRA COM SEU TEMPO.....</b>	<b>82</b>
9.1. O <i>Cantar de Digenis Akrites</i> e <i>Alexiada</i> : uma relação indireta.....	84
9.2. Digeneida e as tendências literárias dos séculos XI e XII.....	87
9.3. Influências literárias na <i>Digeneida</i> ou sobre seu autor.....	92
<b>CAPÍTULO 10: A PROPOSTA DA CANÇÃO OU DIGENIS AKRITES E ALEIXO I COMNENOS.....</b>	<b>99</b>
10.1. Nova situação nas fronteiras orientais.....	99
10.2. Os senhores das fronteiras depois de Manzikert.....	103
10.3. A reconquista anatólica de Aleixo I.....	108
10.4. Casamento de Digenis Akrites e surgimento político de Aleixo Comnenos.....	112
10.5. As fronteiras de Digenis Akrites e o cenário de Aleixo Comnenos.....	124
10.6. Digenis Akrites a “Fronteirização de Constantinopla”.....	130
<b>11. CONCLUSÃO.....</b>	<b>135</b>
 <b>APÊNDICES.</b>	
<b>APÊNDICE I:</b> Lista de imperadores bizantinos entre os anos de 867 e 1185.....	138
<b>APÊNDICE II:</b> Comparação do trecho do <i>Cantar do Emir</i> quando o próprio Emir relata sua decisão de se casar com a dama Doukas, converter-se ao Cristianismo e mudar de fidelidade a <i>Romania</i> ou Império Bizantino.....	140
<b>Apêndice III:</b> Organograma de títulos bizantinos anterior e posteriormente a reforma de Aleixo Comnenos.....	141
<b>Apêndice IV:</b> Árvore Genealógica das linhagens Comnenos e Doukas.....	142
<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>143</b>

## RESUMO:

Dentro da produção literária bizantina, há um gênero que se destaca dos demais e foi a base para a literatura grega moderna: o ciclo épico fronteiriço, sendo a obra principal a *Canção de Digenis Akrites*. Considerava-se que a *Canção* fosse uma compilação nostálgica, feita na passagem do século XI para o XII, por um aristocrata – talvez exilado em Constantinopla – que tinha como objetivo recolher a tradição épica que marcava a identidade de uma elite ex-fronteiriça e de um tempo glorioso que havia se acabado. Nesse sentido, essa Dissertação dividiu-se em dois momentos. Em primeiro lugar, analisa os pequenos cantares akriticos como uma expressão de uma aristocracia fronteiriça num período entre a invasão muçulmana do século VII e a supremacia turca no último terço do século XI. Num segundo momento, analisa a *Canção de Digenis Akrites* como uma expressão das mudanças que estavam acontecendo com Bizâncio no período da composição. Entretanto, contestamos aqui conceitos-chaves utilizados para a maior parte dos estudos feitos sobre essa fonte, como “Apogeu” no século X, “Decadência” no século XI e “Nostalgia” relacionada à composição da *Canção*. Desse modo, analisamos essa fonte como um reflexo do estabelecimento do regime aristocrático e da reafirmação do poder imperial iniciada com a elevação de Aleixo I Comnenos (1081-1118) ao trono. Nesse sentido, buscamos uma série de indícios que confirmariam a relação entre a *Canção de Digenis Akrites* com a figura e o reinado desse imperador.

**Palavras-Chaves:** Bizâncio, *Canção de Digenis Akrites*, Aleixo I Comnenos, Fronteira, Constantinopla, História Política.

## RESUMEN:

En la producción literaria bizantina, es un género que se destaca de los demás y es la base para la literatura griega moderna: el ciclo épico fronterizo, y el trabajo principal es la *Canción de Digenis Akrites*. Se considerará que la *Canción* era una recompilación de nostalgia, realizada en la transición del siglo XI para o XII, por un aristócrata – quizás en exilio en Constantinopla - que se trató de recoger la tradición épica que marcó la identidad de una élite no más fronteriza y de una época gloriosa que había terminado. En este sentido, esta tesis se dividió en dos momentos. En primer lugar, examina los cantos akriticos como una expresión de una aristocracia fronteriza entre la invasión musulmana del siglo VII y la supremacía turca en lo último tercio de lo siglo XI. En segundo lugar, examina la *Canción de Digenis Akrites* como una expresión de los cambios que tienen lugar en Bizancio en el periodo de la composición. Sin embargo, aquí se oponen a los conceptos-clave que se utiliza en la mayor parte de los estudios realizados sobre esta fuente, como “cume” del siglo X, “decadencia” del siglo XI y “nostalgia” en relación con la composición de la canción. Así, hemos analizado esta fuente como un reflejo de la creación de un régimen aristocrático y la reafirmación del poder imperial comenzó con el surgimiento de Alejo I Comnenos (1081-1118) al trono. En consecuencia, buscamos una serie de pruebas que confirman la relación entre el *Canción de Digenis Akrites* con la figura y el reinado del emperador.

**Palabras-Claves:** Bizancio, Canción de Digenis Akrites, Alejo I Comnenos, Frontera, Constantinopla, Historia Política.



**ABSTRACT:**

Within the Byzantine literary production, there is a Genre which stands out from the others and it was the basis for the modern Greek literature: the Frontier Epic Cycle, being the Song of Digenis Akrites the main work of this genre. It was considered that the Song was a nostalgic compilation, made in the turning of the 11th and 12th Century, by an aristocrat – maybe exiled in Constantinople – whose objective was to collect the epic tradition that marked the identity of a former border elite and of a glorious time that was gone. In this direction, this Dissertation was divided in two moments. First of all, it analyses the short akritic songs as an expression of a border aristocracy in a period between the 7th Century's Islamic invasion and the Turkish supremacy on the last thirty years of the 11th Century. In the second part, it analyses the Song of Digenis Akrites as an expression of the changes that were happening in Byzance by the time of the composition. However, here we contest key-concepts used by most of the studies on this source, like "10th Century's Apex", "11th Century's Decay" and the "Nostalgia" related with the Song composition. Thereby, we analyze this source as a reflex of creation of an aristocratic regime and of a byzantine imperial authority's reaffirmation with Alexius I Comnenos' (1018-1118) eminence to the throne. In this direction, we search a series of evidences that would confirm the relation between Song of Digenis Akrites and the person and the reign of this Emperor.

**Key-words:** Byzance, Digenis Akrites, Alexius I Comnenos, Frontier, Constantinople, Politic History

## ABREVIACÕES DE FONTES

**Dig. Akr. E.** EL POEMA de Digenis Akritas. (manuscrito Escorial). Tradução Miguel Castillo Didier .In: CASTILLO DIDIER, Miguel. *Poesia Heróica Bizantina: Epopeya de Digenis Akritas, cantares de Armuris y Andronico*. Santiago: Centro de Estudos Neohelenicos e Bizantinos. 1994.

**Dig. Akr. G.** ΒΑΣΙΛΕΙΟΥ ΔΙΓΕΝΟΥΣ ΑΚΡΙΤΟΥ: *Texto del Manuscrito Grottaferrata*. Introdução, bibliografia, notas e tradução de GARRIDO, Juan Valero. Barcelona: Bosch.1981.

**Cantar de Armouris.** CANTAR de Armuris. Tradução Miguel Castillo Didier. In: CASTILLO DIDIER, Miguel. *Poesia Heróica Bizantina: Epopeya de Digenis Akritas, cantares de Armuris y Andronico*. Santiago: Centro de Estudos Neohelenicos e Bizantinos. 1994.

**Cantar de Andronikos.** CANTAR de Andronico. Tradução Miguel Castillo Didier.. In: CASTILLO DIDIER, Miguel. *Poesia Heróica Bizantina: Epopeya de Digenis Akritas, cantares de Armuris y Andronico*. Santiago: Centro de Estudos Neohelenicos e Bizantinos. 1994

**CECAUMENOS.** CECAUMENOS. *Strategikon: Consejos de un Aristócrata Bizantino*. Introdução, tradução e notas de Juan Signes Cordoñer. Madri: Alianza Editorial. 2000.

**ANA COMNENA.** COMNENA, Ana. *Alexiada* Tradução de E.R.A. Sewters. London: Penguin, 1969

**MIGUEL PSELLOS.** MIGUEL PSELLOS. *Chronografia*. Tradução de E.R.A Sewters. Yale University Press: Yale, EUA. 1953.

### **Lista de Imagens.**

<b>Imagem 1:</b> Distribuição das <i>themata</i> na Ásia Menor por volta de 650.....	29
<b>Imagem 2:</b> Império Bizantino e sua organização em <i>themata</i> (1025).....	36
<b>Imagem 3:</b> Bizâncio e Sudeste do Mediterrâneo no ano 1100.....	75
<b>Imagem 4:</b> São Jorge lutando com Dragão. Igreja de Yilanli, Capadócia, século XI...	94
<b>Imagem 5:</b> Selo de Philaretos Brachamios (1080/1082).....	107
<b>Imagem 6:</b> Mosaico sob pórtico na catedral de Santa Sofia.....	117

## INTRODUÇÃO.

No início do século XIX, o Império Otomano estava agonizante. As potências ocidentais rivais, como Inglaterra e França, que enriqueceram muitíssimo com a colonização da Ásia, África e da América, mantinham o Sultão no poder por conveniência. A enorme abrangência territorial desse Império abarcava uma série de etnias, religiões e culturas, porém o caráter universal da ideologia imperial otomana se sobrepunha a essas identidades regionais.<sup>1</sup> Essa situação mudou drasticamente no início do século XIX, devido ao enfraquecimento do poder otomano e ao nascimento de nacionalismos locais por todo o Império, principalmente na Europa Oriental. Um desses nacionalismos nascentes foi o grego. Era grande a parcela da população de fala grega e religião cristã-ortodoxa vivendo onde era o "núcleo" do Império Otomano, isto é, a Ásia Menor e a Grécia. Essa relação entre os gregos e a autoridade central, de início, foi relativamente pacífica, mas a crise do Império Otomano a deteriorou e os gregos cada vez mais pressionavam a autoridade otomana em prol de um estado-nacional próprio. Situação que se desenrolou no início da guerra de independência grega em 1825<sup>2</sup>.

Uma das formas de construção da identidade grega foi através de uma releitura de sua História<sup>3</sup>. Eles se viam como descendentes dos gregos clássicos, romanos e bizantinos, assim houve uma intensa busca, pelos gregos, por símbolos que os identificassem como tais. Nessa época, em 1868, foi descoberto, por S. Ioanidis, num Monastério em Trebizonda (Nordeste da Turquia), um manuscrito contendo a epopéia de um herói bizantino chamado *Digenis Akrites*. Ele já era conhecido através de canções populares gregas transmitidas oralmente, algumas recolhidas e publicadas entre 1824-5. Esse manuscrito, no entanto, tinha algo inédito, pois era uma compilação de vários episódios da vida desse herói com uma trama organizada. A descoberta não somente interessou a gregos, como despertou interesse em helenistas por toda a Europa. O resultado disso foi o aparecimento de vários outros manuscritos contendo a história de

---

<sup>1</sup> Sobre a natureza do Império Turco-Otomano vide IMBER, Collin. *El Império Otomano: 1300-1650*. Barcelona: Vergara. 2004.

<sup>2</sup> Sobre o declínio do poder otomano vide HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. pp. 350-458, LEWIS, Bernard. *Los árabes en la História*. Buenos Aires: Edhasa. 2004. pp. 309-353.

<sup>3</sup> Para mais detalhes sobre como nasceu o nacionalismo grego e como os gregos se viam sob a autoridade otomana. Vide AHRWEILER, Hélène. *Hellenic Europe: Problems of Greek Continuity*. In: AHRWEILER, Hélène. *The Making of Europe, Lecture and Studies*. Athens: Nea Synora Livanis. 2000

Digenis Akrites, assim como de outros heróis bizantinos como Andronikos e Armouris<sup>4</sup>. Essas canções têm características em comum, pois narravam, em verso, os feitos guerreiros de potentados fronteiriços bizantinos contra bandidos e muçulmanos, com rapto de donzelas e casamentos interétnicos. Foi observado que tais obras constituíam um ciclo épico coerente.<sup>5</sup>

Entretanto, as descobertas mais significativas, por sua antiguidade e por serem os modelos que outros manuscritos posteriores utilizaram, foram os manuscritos contendo a *Canção de Digenis Akrites* de Grotaferrata, do século XIV, descoberto por G. Müller em 1879 e editada por Emilè Legrand, e Escorial, do século XV, achado por Karl Krumbacher, apresentado em 1904 e editado posteriormente por Hesselting. Por essa preeminência, essas versões serão as únicas trabalhadas na análise aqui desenvolvida.

Até o momento não há nenhuma tradução integral para a Língua Portuguesa de qualquer das versões da *Canção de Digenis Akrites*<sup>6</sup>, por isso nesse trabalho de dissertação serão utilizadas duas traduções bilíngües, em grego e espanhol. A tradução da versão Grotaferrata é uma edição espanhola e foi realizada por A. P. Molinaros em 1981. Já a tradução da versão Escorial é do *Centro de Estudios Bizantinos y Neohelénicos “Fotios Maleros”* no Chile e foi realizada por Miguel Castillo Didier. Nessa mesma obra há também traduções bilíngües do *Cantar de Armouris* e do *Cantar do Filho de Andronikos*. Ambas as traduções são sérias, dirigidas a trabalhos acadêmicos e se esforçaram ao máximo para manter as características originais do texto em grego. Porém, o documento em grego não será ignorado, por isso, na análise, as

---

<sup>4</sup> CASTILLO, Miguel. *Poesia Heróica Bizantina: Epopeya de Digenis Akritas, cantares de Armuris y Andronico*. Santiago: Centro de Estudios Neohelénicos e Bizantinos. 1994. pp.17-19.

<sup>5</sup> Sobre os *akrites* históricos vide em CECAUMENOS. VI e VII & CONSTANTINO PORFIROGENITO Apud PERTUSI, Agostino. *Akritai e Ghâzi sulla frontiera orientale di Bisanzio*. In: Actes du XVIe. Congrès International des Etudes Byzantines. Bucarest: Academiei Republicii Socialiste România. 1974: 240-242 & NICÉFORO FOCAS Apud PERTUSI, Op.cit. pp. 241-245. (Todo o artigo de Agostino Pertusi é interessante no sentido que ele faz um paralelo entre os *akrites* históricos e os *akrites* literários). & HALDON, John. *Warfare, State and Society in the Byzantine World: 565-1204*. Londres: Routledge. 1999. *passim*. 78-115 & NEVILLE, Leonora. *Authority in Byzantine Provincial Society, 950-1100*. Cambridge: Press Syndicate of the University of Cambridge. 2004. pp. 26-30.

<sup>6</sup> Uma exceção pode ser feita à dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos de Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, em 2008, de Théo Borba Marques Moosburger, intitulada “*Tradução comentada dos versos 1-609 do épico bizantino Vasileios Digenis Akritis*”. Provavelmente esta é a primeira iniciativa de tradução dessa obra para a Língua Portuguesa, mas devido ao fato de que somente parte da versão Escorial é traduzida e somente tivemos acesso a esse trabalho num estágio avançado da pesquisa, mantivemos as edições em castelhano como base para o presente trabalho.

versões originais em grego e as traduções em espanhol serão postas em paralelo para evitar percepções errôneas ou precipitadas.

Na primeira parte da *Canção de Digenis Akrites* é contada a história de seus pais e algumas vezes esse segmento é concebido como uma obra à parte: “O *Cantar do Emir*”. Toda a história se passa nas fronteiras entre o Império Bizantino e o Califado Abássida. O Emir<sup>7</sup> da Síria, em um ataque a terras bizantinas, toma como prisioneira a filha de um nobre bizantino da família Doukas, que havia sido exilado por rebelar-se contra o imperador. A mãe da moça conjura seus filhos varões, exortando-os a resgatarem a irmã, pois do contrário recairia sobre eles a maldição materna. A negociação entre os irmãos e o Emir é tensa, repleta de enganações e ameaças, porém decidem que o irmão gêmeo da refém, Constantino/Constandis, iria duelar com o Emir pela posse da moça. No fim de um sangrento e descritivo combate, Constantino triunfa, mas, ao exigir levar a irmã, o Emir revela sua vontade de se casar com a donzela, se converter ao Cristianismo e passar para o lado do Império. A proposta é imediatamente aceita pelos irmãos, que o levam de volta para terras bizantinas, casando-o com a irmã. Convenientemente, os recém-casados têm uma vida marital muito feliz, vivem nas propriedades familiares da família da esposa nas fronteiras orientais e, como fruto desse casamento, nasce o herói Basílio Digenis Akrites. É interessante aqui apontar a simbologia do nome: Basílio é um nome relativo ao principal título imperial, “*basileos*” em grego, Digenis significa “de duas origens”, o que faz alusão à origem árabe e bizantina do personagem, ao passo que Akrites refere-se a seu papel como defensor das fronteiras.

A felicidade marital do casal é perturbada pela carta da mãe do Emir, lamentando o abandono do Islã por seu filho, que causou muita dor e problemas a ela e aos seus parentes. Em função disso, ela chama o Emir de volta à Síria sob ameaça, novamente, de maldições. Ele revela seu plano de voltar somente para sua esposa, porém, quando estava prestes a partir, um dos irmãos tem um sonho que prevê a viagem do Emir e deduz que ele iria voltar à Síria e ao Islã, abandonando mulher e filho. Por isso, interceptam-no, mas após lamentações e explicações, ele é liberado para ir visitar sua mãe, com a promessa de voltar tão logo resolva o problema. Chegando à Síria, os dois travam um debate em que a mãe se lamenta por seu destino e defende o Islã e o Emir, por outro lado, explica sua opção pelo Cristianismo, exaltando as belezas da

---

<sup>7</sup> Emir é um título hierárquico muçulmano que poderia ser traduzido como comandante, general e governador provincial

*Romania*, isto é, do Império Bizantino. Por fim, o Emir a convence também a se converter e a voltar ao Império com ele.<sup>8</sup>

A segunda parte do poema narra os feitos do próprio Digenis Akrites e é conhecida como *Digenisroman*, pois se assemelha a um gênero literário que surgiu no século XII e é conhecido como “Romances Bizantinos”.<sup>9</sup> Contudo, a forma narrativa que perpassa toda a trama ainda a liga à tradição épica. Observamos uma série de características que diferem bastante da primeira parte. O ambiente é mais fantástico, onde amazonas e dragões estão presentes.

Os feitos de Digenis Akrites iniciam-se na adolescência, quando, aos doze anos, ele insiste em ir caçar feras selvagens. Apesar da resistência paterna, que dizia que ele era pequeno demais para caçar, Digenis consegue a permissão. Ao ir caçar com seu pai e tios, dá uma primeira mostra de sua excepcionalidade, Digenis mata uma grande variedade de animais ferozes, como uma família de ursos e um leão. No caminho de volta, passa pela casa de um general, onde conhece e se apaixona pela filha deste. Chegando à sua casa, Digenis recolhe suas armas, um alaúde e seu cavalo para ir cantar para sua amada e propor fuga. A moça avisa que o seu pai iria persegui-los e matar o herói por tal ato, assim como havia feito com todos os pretendentes anteriores. Entretanto, Digenis não se intimida, foge com ela e ainda gaba-se, ao pé da janela do quarto dos pais da donzela, do fato de a estar raptando. O General os persegue com seus filhos e tropas, mas é derrotado por Digenis, que exige se casar com a filha dele. O General, impotente, concorda. Depois de se casarem numa grande festa, Digenis decide ir morar com sua esposa nas fronteiras.

A vida de Digenis com sua consorte é dividida entre passar momentos agradáveis e combater inimigos que querem a todo o momento tomar sua esposa: dragões, leões, bandidos da fronteira e uma amazona, que quer também tomar a esposa de Digenis para cedê-la aos bandidos de fronteiras, seus aliados. No entanto, o herói derrota todos os seus oponentes e, com a amazona Máximo, Digenis Akrites pratica

---

<sup>8</sup> *Dig. Akr. G. I-III & Dig. Akr. E.* 1-608.

<sup>9</sup> Pontuamos aqui que, apesar da multiplicidade de significados que o conceito “romance” carrega, essa palavra será utilizada nesse trabalho para nomear certo gênero literário, uma vez que se convencionou, por toda a produção acadêmica que estuda esse grupo de obras, utilizar tal nomenclatura. Para maior informação vide BEATON, Roderick. *The Medieval Greek Romance: 2nd Edition*. Londres: Routledge. 1996, KAZHDAN, A. P. & EPSTEIN, Ann Wharton. *Change in Byzantine Culture in the Eleventh and Twelfth Centuries*. Berkeley: University of California Press. 1985. pp.201-204, MACLISTER, Suzanne. *Byzantine Developments*. In: MORGAN, J. R & STONEMAN, Richard. (org). *Greek Fiction: the Greek Novel in Context*. Londres e Nova Iorque: Routledge. 1994. pp. 275-287.

adultério. É nessa parte que se encontram disparidades entre as versões. O manuscrito Escorial narra um encontro a mais com os bandidos, já o Grottaferrata narra outro episódio de adultério, com uma donzela muçulmana abandonada e um encontro com o Imperador.

Depois de derrotar os seus inimigos e pacificar as fronteiras do Império, Digenis decide construir um suntuoso e idílico palácio na beira do rio Eufrates, onde passa o resto de sua vida deleitando-se com prazeres cortesãos. No fim, morre jovem, por uma doença contraída durante um banho, em seu palácio, tendo em volta seus guerreiros e esposa, que morre logo depois.<sup>10</sup>

Os estudos acadêmicos desde as datas de descoberta, como de Alfred Rambaud (1912), sempre afirmaram que a versão original da *Canção de Digenis Akrites*, popularmente chamada de *Digeneida*, embora escrita/composta/ditada no final do século XI ou início do século XII, é mais ligada a um período anterior à derrota de Manzikert, em 1071. Para confirmar essa visão, a maior parte dos trabalhos sobre a *Canção de Digenis Akrites* tentou aproximar os personagens e lugares lá mencionados com lugares e personagens históricos reais de Bizâncio dos séculos IX ao XI, mas, como bem aponta Elizabeth Jeffreys, essas aproximações se parecem mais coincidências do que embasamento histórico. Um bom exemplo são os ancestrais do Emir, Crysocheir e Karbeas, que são os nomes de dois líderes paulicianos<sup>11</sup> do século IX, que nada tiveram a ver com linhagens da aristocracia muçulmana que o Emir da *Canção* fazia parte.<sup>12</sup> Essas justaposições foram feitas para comprovar uma pré-concepção que esses autores tinham da *Canção de Digenis Akrites* e do próprio Império Bizantino.

Para a historiografia existente na época dos primeiros estudos sobre a canção, realizados no início do século XX, essa data marcou o fim de um período de ápice de Bizâncio, alcançado no decorrer do século X, quando seus exércitos eram sempre vencedores e a aristocracia militar de fronteiras, os *akrites*, ainda eram orgulhosos e intimamente ligados ao suposto cenário em que se passam os feitos de Digenis Akrites.

---

<sup>10</sup> *Dig. Akr.* G. IV-VIII & *Dig. Akr.* E. 608-1867.

<sup>11</sup> Os Paulicianos eram uma seita dualista bastante presente nas fronteiras orientais bizantinas no século IX. No reinado de Basílio I, o Macedônio (867-886), os paulicianos tiveram sua capital Tephrike destruída por tropas imperiais e foram expulsos para terras muçulmanas.

<sup>12</sup> Sobre as incoerências dessas aproximações históricas diretas na *Canção de Digenis Akrites* vide JEFFREYS, Elizabeth. *Digenis Akritis: The Grottaferrata and the Escorial Versions*. Cambridge: Cambridge University Press. 1998. pp.xxx-xxxii.



Para essa historiografia mais antiga, depois do evento em Manzikert, Bizâncio entrou em uma gradativa decadência, freada momentaneamente pelos três grandes Comnenos (Aleixo I, João II e Manuel I), no século XII, marcada por eventos como o saque de Constantinopla pelos guerreiros da Quarta Cruzada de 1204 e o tombamento final de Constantinopla, pela mão dos turcos otomanos, em 1453. Portanto, esses primeiros estudos sobre a *Canção de Digenis*, baseados nessa historiografia, não conseguem relacionar seu espírito triunfante com um contexto decadente que marcaria a sua data de composição. De modo que a percebem como uma expressão de melancolia de uma aristocracia despossuída de suas terras e seu orgulho, que, na figura do herói, quis manter a memória dos tempos gloriosos passados, de seus antigos valores, costumes e identidade.<sup>13</sup>

Desde esses primeiros estudos sobre a *Canção de Digenis Akrites*, muitas discussões foram realizadas sobre a Canção e o contexto em que foi produzido, contudo, a percepção de Digenis Akrites como um “herói melancólico” aparentemente mudou pouco. Em um trabalho relativamente recente, de 1996, Roderick Beaton confirma a opinião de Michael Angold, que afirmando que

“Tem sido geralmente assumido que ele (o escritor/compositor da Canção) descreveu, e escreveu em algum lugar na fronteira oriental antes da perda das províncias anatólicas nos anos seguintes a 1071. No entanto, a visão antiga (...) deu lugar para a realização de um singular ato de criatividade literária que aconteceu num tempo depois dos períodos históricos que nosso texto se refere. (...) A proposta de Stylianos Alexiou de uma datação da primeira década do século XII se encaixa com as poucas evidências que possuímos. Angold, no entanto, enfrenta a consequência mais interessante de aceitar (em efeito) essa data: depois de 1071 não havia fronteira no sudoeste da Anatólia ou no norte da Síria e poucos falantes do grego. Angold ousadamente, e na minha visão certamente, propõe dessa forma que o poema foi composto em Constantinopla. Um elemento consciente de antiquarismo e nostalgia então entra na composição original”<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Para saber das primeiras percepções sobre a Canção de Digenis Akritas vide RAMBAUD, Alfred. *Études sur l'Histoire Byzantine*. Prefácio de Charle Diehl Paris: Armand Colin. 1912.

<sup>14</sup> “It has usually been assumed that he belonged to the same world that he described, and wrote somewhere on the eastern frontier before the loss the Anatolian provinces in the year following 1071. However, the older view (..) has given way to the realization of a single act of literary creativity must have taken place some time after all of the historical periods to which our texts at various point refers. (...) Stylianos Alexiou proposal of the first decade of the twelfth century fits with what little evidence we possess. Angold, however, faces up to the most interesting consequence of accepting (in effect) either date: after 1071 there was no frontier in south-east Anatolia or northern Syria, and few-Greek speaker either. Angold daringly, and in my view rightly, proposes therefore that the poem was composed in Constantinople. An element of conscious antiquarianism or nostalgia then enters into the original composition.” BEATON, Roderick. *Op. cit.* p.49 Tradução nossa.

Um pouco mais a frente, Beaton afirma que o sentimento de nostalgia é um lugar-comum em muitas obras de natureza épica e que o autor da *Canção de Digenis Akrites* compôs/escreveu tal obra para assim manter vivas as tradições expressas pelas muitas canções heróicas que havia nas fronteiras bizantinas e era parte da identidade da aristocracia militar antes da perda da Anatólia a partir de 1071.<sup>15</sup>

A “nostalgia” e o “antiquarismo” realçados por essas análises mais recentes só se firmam se a época em que a Canção foi escrita tiver sido marcada por uma clara e evidente decadência. Entretanto, a historiografia mais recente sobre os séculos XI e XII bizantinos mostram o exato oposto, Bizâncio é revista, nesses séculos, como uma sociedade em ebulição.<sup>16</sup> Da mesma forma, o período anterior a Manzikert, em especial o século X, também é percebido com suas dissensões e descontinuidades.

É inegável que o século X foi para Bizâncio um período de relativa estabilidade, que tornou possível certo brilhantismo. Depois de quase três séculos de profundo desequilíbrio, no final do século IX a situação para Bizâncio começou a mudar. Em 843, a imperatriz Teodora ratificou o fim do Iconoclasmo, que havia cindido profundamente a sociedade bizantina em torno da legalidade do culto às imagens, ato que firmou de uma vez por todas a ortodoxia cristã como um traço unitário da identidade bizantina. Em 867, assassinando seu antecessor, o cortesão de origem camponesa Basílio I ascendeu violentamente ao trono e iniciou um processo de reafirmação do poder imperial através, primeiramente, de uma reforma do *corpus iuris civilis* de Justiniano I e, posteriormente, pelo esforço em estabelecer um sucessor, inaugurando uma das mais duradouras e bem-legitimadas dinastias que o Império Bizantino já conheceu: a Macedônia, que se manteve no poder até a morte de sua última descendente Teodora, em 1056. Portanto, Bizâncio entrou no século X mais unido do que nunca havia sido. O fim do Iconoclasmo e o estabelecimento de uma dinastia criaram uma coesão bastante firme na sociedade bizantina, blindada pelo poder imperial e pelo Cristianismo Ortodoxo. As conquistas militares, o ressurgimento cultural e prosperidade econômica foram reflexos dessa coesão. Podemos afirmar que a instituição imperial no alvorecer do século XI estava tão fortalecida e próspera que o imperador Basílio II (976-1025),

---

<sup>15</sup> Mais sobre a nostalgia implícita em *Digenis Akrites* BEATON, Roderick. *Cappadocians at Court: Digenes and Timarion*. In: MULLET, Margareth & SMYTHE, Dion. (org.) *Alexios Komnenos: Papers*. Belfast: Belfast Byzantine Texts and Translations. 1996. pp. 262-302.

<sup>16</sup> Um bom apanhado geral sobre a ebulição social e cultural que Bizâncio viveu nos séculos XI e XII é BRAVO GARCIA, Antonio & ALVAREZ ARZA, José. “*La Civilización bizantina de los siglos XI e XII: Notas para um debate todavía abierto*”. In: *Erytheia* 9.1. Madrid: Asociación Hispano-Helenica. 1988.

depois de suas campanhas búlgaras, deixou de coletar os impostos fundiários e *per capita* por dois anos, tamanha era a riqueza acumulada nos cofres imperiais.<sup>17</sup>

Esse período é marcado também pela aparição de uma nova aristocracia composta por famílias de natureza militar e rural. Tendo suas origens em caudilhos militares que conseguiram grande renome na luta local contra os muçulmanos, eles tiveram sua autoridade regional reconhecida pelo poder imperial através de doações de títulos honoríficos e postos no exército. Posteriormente, com a nova riqueza adquirida com a guerra e com os postos no exército imperial, esses caudilhos adquiriram terras, firmando sua autoridade sobre a população provincial e surgindo como competidores do poder imperial. Apesar de um crescente atrito entre os imperadores e o ascendente poder aristocrático, um frágil equilíbrio foi estabelecido: os mais altos postos do oficialato militar bizantino gradualmente se tornaram monopólio dessas famílias aristocráticas provinciais, enquanto a Dinastia Macedônia tinha a sucessão ao trono imperial garantida por uma legitimidade inédita para a História Política bizantina. Portanto, a primeira parte do trabalho de dissertação se relaciona com o surgimento dessa aristocracia militar, quando ela ainda estava profundamente enraizada em suas províncias de origem. Inspiradas nos seus feitos guerreiros contra os invasores muçulmanos e, até mesmo, nas suas revoltas contra o poder imperial, criaram um ciclo de cantares épicos. Entre os quais podemos citar o *Cantar de Armouris*, *Cantar de Andronicos* e a primeira parte da *Canção de Digenis Akrites* ou o *Cantar do Emir*. Apesar de terem sido conservadas em manuscritos posteriores, exprimem a identidade aristocrática que exaltava os feitos guerreiros (*andragamatha*) e a distinção linhagística de seus heróis.

Os séculos XI e XII representam uma época de efervescência para Bizâncio. Tal ebulição foi traduzida como “crise”, mas essa é uma posição bastante generalista. É evidente que o fim da dinastia Macedônia, com a morte sua última representante, Teodora, em 1056, foi seguida de um enfraquecimento do poder central, acarretando uma série de invasões estrangeiras (petchenegos, normandos e sedjucidas) e, por conseguinte, a diminuição do território imperial, mas esse período não se resumiu a isso. Observou-se então em Bizâncio, um largo enriquecimento, causado pela intensificação do comércio e da produção agrícola, e também nas produções literárias e artísticas. Os literatos e artífices bizantinos se sentiram mais livres para interpretar sua

---

<sup>17</sup> TREADGOLD, Warren. *A History of the Byzantine State and Society*. Stanford, California: Stanford University Press. 1997. pp. 535.

herança greco-romana, resultando numa exegese profunda desse material e um brilhantismo cultural e intelectual inédito em Bizâncio.

Esse período de ebulições também teve seus reflexos na ascendente elite provincial. O “frágil equilíbrio” entre o poder central e essa aristocracia acabou quando a Dinastia Macedônia saiu de cena e a sucessão imperial voltou a ser um assunto complicado. Conseqüentemente, o trono imperial, de 1054 à 1081, foi ocupado sucessivamente por imperadores tanto de origem obscura como de origem aristocrática. Entre os imperadores de origem aristocrática, o poder se revezava entre aqueles de linhagens de origem constantinopolitana de tradição civil e aqueles de origem provincial de tradição militar. Nesse contexto, percebemos que na realidade essa aristocracia possuía somente uma unidade em relação aos seus valores e identidade, mas politicamente cada família se via como um grupo em si. As poucas alianças formadas, muitas vezes com indivíduos e famílias de outros grupos aristocráticos, eram efêmeras e instáveis. Isso permitiu o agravamento das instabilidades políticas até penúltima década do século XI.

Em 1071, ocorreu a famosa batalha de Manzikert, quando o exército bizantino foi destruído pelos turcos seljúcidas, resultando na ocupação por esses últimos de toda a Ásia Menor, a região onde a aristocracia provincial surgiu e exercia seu poder, e uma das conseqüências foi a imigração para Constantinopla de grande parte desses aristocratas. Algumas dessas famílias, como os Doukas, adaptaram-se tão bem a vida na capital que rapidamente se associaram com as famílias da elite burocrática senatorial constantinopolitana. Entretanto, a maior parte dela provavelmente não se adaptou da mesma forma, tanto que, em uma década depois do evento em Manzikert, uma facção política aristocrática associando as linhagens Paleólogos, Doukas, Tornikes e a linhagem de origem européia Brienios, sob a liderança de Aleixo Comnenos, destronou Nicéforo III e tomou o trono imperial em 1081.

Aleixo Comnenos, membro de uma tradicional linhagem da aristocracia provincial, ao se tornar imperador, percebendo que a descentralização do poder em Bizâncio era uma situação irreversível, iniciou uma reconstrução da legitimidade do poder imperial reconhecendo a existência dessa situação. Não combatendo as famílias da elite, mas criando alianças através de matrimônios que as associaram com a família imperial, resultando assim num regime de natureza aristocrática. Desse modo, a segunda parte do trabalho de dissertação relaciona a *Canção de Digenis Akrites* com esse momento, mas não como um memorial nostálgico de uma aristocracia despossuída e

sim como uma celebração da ascensão dessa mesma elite, pelo menos uma parte dela, à posição mais alta dentro do mundo político bizantino; ao mesmo tempo em que celebra no herói Digenis Akrites a figura do imperador Aleixo I Comnenos como o restaurador da glória imperial dos césares, modelo das virtudes aristocrática e conquistador das antigas fronteiras orientais tomadas pelos turcos.

Para essa dissertação alguns autores foram de extrema importância. Os trabalhos mencionados integraram a base teórica e historiográfica sobre a qual essa análise se sustentou. São em sua maioria obras recentes, dos últimos vinte anos, pois aqui tentamos enquadrar nossas idéias e conclusões com o que há de mais contemporâneo na produção acadêmica sobre Bizâncio.

Miguel Castillo Didier, além de ter realizado um primoroso trabalho de tradução do texto do manuscrito Escorial, analisou elementos que foram de grande ajuda para dar um suporte literário ao nosso trabalho de dissertação que tem, por sua vez, um caráter histórico. Na mesma direção, o livro *The Medieval Greek Romance* de Roderick Beaton, apesar de algumas diferenças de abordagem com o nosso trabalho, foi prioritário para não só compreender melhor as estruturas e influências literárias da *Canção de Digenis*, mas também para percebê-la no quadro maior da literatura bizantina dos séculos XI e XII. Para essa mesma perspectiva os artigos de Elizabeth Jeffreys também foram importantes, para entender a situação dos chamados Romances Bizantinos do século XII no meio social que os criou e, desse modo, podermos utilizar métodos semelhantes para realizar o trabalho com a *Canção de Digenis Akrites*. Outra análise do campo dos estudos literários que forma um dos pilares teóricos dessa dissertação é *The Singer of Tales* de Albert Lord. É uma obra relativamente antiga, de 1960, mas de forma nenhuma ultrapassada e foi de enorme ajuda para compreender como uma obra épica como a *Canção* foi composta, transmitida oralmente e depois compilada de forma escrita.

Em relação aos trabalhos históricos alguns se destacam por serem pilares em que essa dissertação se sustenta, como o completo *History of the Byzantine State and Society* de Warren Treadgold e o *Byzantine Empire: 1025-1204* de Michael Angold, que nos auxiliou a perceber os séculos XI e XII não só como um período de crise generalizada, mas como uma época de mudanças profundas nas estruturas mais básicas do Império Bizantino. Outro trabalho que foi organizado por esse mesmo autor é o *The Byzantine Aristocracy: IX to XIII Century*, em que vários historiadores discutem a formação da aristocracia bizantina, como ela percebia o mundo e a si mesma. São

análises riquíssimas que ajudaram muito na ligação da *Canção de Digenis Akrites* com a aristocracia que a criou.

No que se referem às fronteiras orientais bizantinas, alguns autores se destacaram nesse trabalho. O livro *Warfare, State and Society in the Byzantine World: 545-1204* foi uma importante base para compreensão das estruturas defensivas e governamentais bizantinas em suas fronteiras e como elas conseguiram ou não se adaptar às mudanças internas e externas que sofreu o Império, principalmente a partir do século XI. Já Helene Ahrweiler nos fez observar as fronteiras bizantinas sob outra perspectiva. Ela, em seu relatório *La Frontière et les Frontières de Byzance en Orient*, mostra como os bizantinos viam suas fronteiras e as diferenças entre os bizantinos da capital e aqueles que habitavam as fronteiras e defendiam o Império de suas ameaças externas.

Por último, mencionamos aqui a obra de Alexander Kazhdan, principalmente *Change in Byzantine Culture in the Eleventh and Twelfth Centuries*. Esse livro orientou essa dissertação no sentido de situar e relacionar com bastante perspicácia as mudanças culturais com o cenário político e social em Bizâncio nos séculos XII e XIII, principalmente ao ligar a certo “humanismo” da literatura e arte à aristocratização da política e do poder imperial bizantinos.

## 1ª PARTE: DAS FRONTEIRAS...

### CAPÍTULO 1: CONCEITUAÇÃO E FORMAÇÃO DE UMA ARISTOCRACIA BIZANTINA (SÉCULOS IX-XI)

Embora, politicamente, o século X não tenha passado para Bizâncio sem instabilidades, o enriquecimento crescente do Império tornou sua sociedade gradativamente mais estratificada, com o surgimento de grupos sociais de status mais elevados que se aparentavam mais e mais com uma aristocracia. Contudo, antes de perpassar os processos históricos que contribuíram para a formação de uma elite aristocrática em Bizâncio, seria sábio dissertar um pouco sobre esse conceito.

“*Aristocracia*”, em sua raiz grega, significa o “*poder dos melhores*” e melhores são aqueles que estão no poder ou o influenciam diretamente. Geralmente, criam uma identidade sócio-política de superioridade para afirmarem seu *status quo*. Apesar do conceito ter origem grega, os bizantinos raramente usavam esse termo para falar de suas elites, o termo normalmente utilizado era *dynastos*, que quer dizer “poderosos”, ou *archontes*, que significa “senhor”. Muito menos havia, em Bizâncio, uma aristocracia institucionalizada, como se observou na Europa Feudal.

O poder no Império Bizantino emanava do imperador, portanto, o quão próximo se estava dele mais poder se tinha, por isso que nomeações a cargos, mesmo altos, em províncias distantes eram encarados como uma forma de exílio. Da mesma forma, cargos como *epi tou kanikleiou*, cuja função era tão somente lavrar os *chrysobuloi*<sup>18</sup> eram extremamente cobiçados, devido à proximidade constante com imperador. Essa aproximação dependia da entrada na corte, uma micro-sociedade centrada no palácio em Constantinopla e que era parte importante da complicada ritualística que envolvia o cargo imperial. A inserção no círculo pessoal do imperador dependia do recebimento de títulos, que foram criados, em sua maioria, durante o Império Romano tardio (entre os séculos IV e VI) e eram somente concedidos pelas mãos do imperador. Era uma forma deste se cercar de homens de confiança, geralmente sem passado ou ligações políticas anteriores. Gradativamente, outros títulos foram criados, suas funções mudaram, alguns passaram a ser abertamente comprados e tomados como um tipo de investimento, por darem o direito às rendas anuais, aproximação com o imperador e acesso a postos

---

<sup>18</sup> Literalmente significa “óbolo de ouro” e eram éditos imperiais firmados com a tinta púrpura, cor que simbolizava o poder imperial bizantino.

militares e administrativos. Era a proximidade com o imperador, a posse de títulos e de cargos que definia o conceito de aristocracia em Bizâncio. Depois de 1071, quando a aristocracia provincial foi expulsa da Ásia Menor pelos turcos e se estabeleceram em Constantinopla, as relações de parentesco com a linhagem imperial se tornaram cada vez mais importantes para detenção do poder no Império Bizantino e por consequência, passou a definir a identidade aristocrática.<sup>19</sup> O estrato mais alto da sociedade bizantina não era, no entanto, um grupo coeso, pois havia clivagens em vários grupos com identidades, valores e pretensões políticas próprias.

O Senado de Constantinopla, criado por Constâncio II (337-361), era uma instituição com pouca autoridade real, mas seus membros tinham ainda grande influência junto aos imperadores. Durante o período de reinado da dinastia macedônia (867-1056), o poder central foi reestruturado principalmente a partir da burocracia administrativa, que ganhou um enorme poder político e era formada principalmente por membros do senado constantinopolitano. Por isso, os membros dessa instituição se consideravam, a partir do século X, um tipo de aristocracia. Sua origem era variada, composta por famílias como os Makrembolites, Kamateros, Serbliai, Xiliphinos e Ataleiates, eram residentes da capital imperial ou de seus arredores, tanto ocidentais quanto orientais. Não era uma elite hermeticamente fechada, pois o Senado bizantino era relativamente aberto a “homens novos”. Figuras como Miguel Psellos (1017?-1078?) e Nicetas Choniates (1155?-1215?), apesar de terem origens obscuras, haviam ascendido na complexa escada de postos da burocracia imperial e, devido aos seus méritos individuais ou por indicação, atraíram a atenção pessoal do imperador e foram introduzidos no seu círculo pessoal.

Ainda que muitos dentro dessa *noblesse de toge* fossem originários de meios urbanos não tão privilegiados, de forma nenhuma poderia se afirmar que vieram das camadas populares que representavam a maioria da população bizantina, principalmente de Constantinopla, pois era necessário, para entrar e prosperar na burocracia imperial, ter uma educação refinada, um artigo caro e inacessível aos mais humildes. Esse era o diferencial dessa aristocracia, ela se gabava de sua erudição literária, de sua habilidade

---

<sup>19</sup> Sobre a conceituação de aristocracia bizantina vide ANGOLD, Michael. *The Byzantine Aristocracy: IX to XIII Century*. Oxford: BAR. 1984. p.1



na oratória e retórica, principalmente depois de ser relativamente alijada do poder, a partir do regime dos imperadores Comnenos (1081-1180).<sup>20</sup>

Nas províncias bizantinas também se formaram aristocracias. As causas de seu surgimento dependem muito de região para região. Nas províncias ocidentais de Bizâncio, em especial na Grécia, houve uma urbanização precoce, a partir do século X, por isso, nesses locais surgiram elites ligadas estreitamente a vida urbana e comercial, que possuíam lojas, oficinas e propriedades rurais fora dos muros da cidade. Era uma aristocracia bastante semelhante àquelas que surgiram nas comunas italianas. Por estarem ligadas estreitamente às suas cidades, essa elite urbana focou seus esforços políticos num âmbito local, principalmente para a defesa dos seus direitos comerciais quando esses estavam sendo entregues para os italianos a partir do final do século XI.<sup>21</sup>

A parte da aristocracia provincial que se tornou politicamente mais influente junto ao poder imperial foi aquela que compreendia as linhagens extremamente militarizadas. Geralmente eram ligadas a um dos *fronts* de expansão ou defesa da fronteira imperial que, devido a seu papel chave nas lideranças das forças guerreiras locais, tiveram grande destaque dentro do exército bizantino. Apoderando-se dos mais altos postos do oficialato, essas famílias angariaram grande influência política frente ao poder imperial.

As famílias aristocráticas de Adrianopla (atual Edirne) são um bom exemplo desse fenômeno. Adrianopla, cidade bizantina nos Bálcãs, tornou-se o centro de operações na guerra bizantina contra o Império Búlgaro e outros principados eslavos. Com a intensificação das hostilidades na guerra búlgaro-bizantina, na segunda metade do século X, essa cidade se militarizou profundamente. Deste modo, sua elite se tornou uma peça fundamental no feroz *front* búlgaro, conquistando os mais altos postos no exército bizantino. Ela se tornou ainda mais importante no reinado do imperador Basílio II (976-1025), quando esse favoreceu as linhagens adrianopolitanas, depois de ter abafado uma revolta de outro grupo aristocrático de *ethos* guerreiro, só que originados das províncias anatólicas, que havia se tornado tão poderosa no decorrer do século X que ameaçou o poder da bem legitimada Dinastia Macedônia.

---

<sup>20</sup> Sobre a identidade da aristocracia civil bizantina vide MAGDALINO, Paul. *Byzantine Snobbery*. In: ANGOLD, Michael. *The Byzantine Aristocracy...* Pp. 58-71 & CHEYNET, Jean-Claude. *Pouvoir et Contestations à Bizance (963-1210)*. Paris: Série Byzantina Sorbonensia. 1996. pp.200-201

<sup>21</sup> In: ANGOLD, Michael. *Archons and Dynast local aristocracies and the cities of the later Byzantine Empire*. In: ANGOLD, Michael. *The Byzantine Aristocracy*. Pp. 236-249

### 1.1. Da existência ou não de divisões dentro da aristocracia bizantina.

Embora nós estejamos utilizando conceitos como aristocracia civil e militar, tal conceituação é confusa, pois se a aristocracia bizantina não tinha designações legais estabelecidas, muito menos as havia para divisões dentro dela. Jean-Claude Cheynet observou que polarizar a aristocracia bizantina em dois estratos é muitas vezes falho. Havia de fato dois *ethos* aristocráticos em Bizâncio: um burocrático-civil e outro provincial-militar, mas houve muitas alianças, através de casamentos principalmente, entre linhagens desses dois supostos grupos aristocráticos. A linhagem Doukas, por exemplo, era uma importante família militar no início do século X, mas, um século depois, quando seus membros tomaram o trono imperial, governaram com forte apoio de linhagens senatoriais constantinopolitanas. Constantino X (1059-1067) Doukas era casado com uma dama da linhagem civil Makrembolites e teve como principal conselheiro Miguel Psellos, provavelmente a mais destacada figura dentro da elite civil em sua época. Da mesma forma que o imperador Constantino IX Monomachos (1042-1055), membro de uma linhagem constantinopolitana e lembrado como sendo um imperador civil paradigmático, teve uma amante originada da família de grande tradição militar Skleros. Devido à influência dos parentes dela, Constantino IX tirou o comando das províncias e exército bizantino na Itália de George Maniakes em 1042, resultando numa rebelião por parte desse general. Da mesma forma que observamos numerosos aristocratas militares de tradicional carreira nas armas ocupando postos da burocracia civil e vice-versa.<sup>22</sup>

Através das pontuações de Cheynet, podemos concluir de forma parcial que as análises feitas por Georges Ostrogorsky<sup>23</sup> e Speros Vryonis<sup>24</sup>, que defendem que os embates entre a aristocracia militar e civil são a raiz da crise política que vai cair sobre Bizâncio no século XI, são precipitadas. O que percebemos nos trabalhos de ambos os autores é que havia dois blocos coesos desde sempre, mas Cheynet nos mostra que tal união, que separaria desde o início a aristocracia em civil e militar, não existiu. Houve sim o surgimento e o aprofundamento de duas tradições aristocráticas que abarcavam grande parte, mas não todas, as elites bizantinas. Porém, essas tradições não eram, como

---

<sup>22</sup> CHEYNET, Jean-Claude. *Op. cit.* pp. 192-198

<sup>23</sup> OSTROGORSKY, Geroges. *Observations on the Aristocracy in Byzantium*. In: DUMBARTON Oaks Papers, Vol. 25. Harvard: Dumbarton Oaks. 1971. Pp 1-32

<sup>24</sup> VRYONIS, Speros. *Byzantium: The Social Basis of the Decline in the Eleventh Century*. In: Greek, Roman and Byzantine Studies, 2:2 Universidade de Duke: Duke, EUA. 1959

no caso da aliança entre o imperador “civil” Constantino IX Monomachos e a linhagem militar dos Skleros, condições necessárias para a formação de alianças políticas. Na realidade, o aristocrata bizantino percebia como sua única base de apoio sua família, qualquer aliança com outra linhagem era instável e condicionada<sup>25</sup>

## **CAPÍTULO 2: FORMAÇÃO DA ARISTOCRACIA MILITAR ANATÓLICA.**

Nos séculos V e VI havia, no Império Romano Oriental e Ocidental, uma elite senatorial e provincial, a qual teve de competir com os clãs guerreiros que lideravam os vários povos germânicos que migraram, durante a *volkswanderung*, para dentro do território imperial, para, no fim, terem de se submeter a novos senhores. No Oriente, essa aristocracia ainda prosperou até a invasão muçulmana do século VII. Com a expansão islâmica, as províncias como Egito, Palestina, África e Síria, onde a elite senatorial era mais poderosa, foram ocupadas e afastadas do Império Romano ou Bizantino. Desse modo, os estratos mais altos da burocracia e exército eram ocupados por indivíduos que ascendiam socialmente através de um sistema fortemente meritocrático. Até o trono imperial funcionava de forma semelhante. Havia um discurso político muito forte, em Bizâncio, que dizia que o destino do imperador dependia tão somente de suas virtudes cristãs e da providência divina. A carta que a Imperatriz Irene (797-802) enviou após ser deposta por Nicéforo I (802-811) é bastante significativa nesse sentido:

*“Es Dios, ciertamente, quien ha me elevado al trono, y atribuyo mi caída solamente a mis pecados. Que el nombre del Señor sean bendito, cualquiera que sea. Atribuyo a Dios tu elevación al Imperio, porque nada puede alzarse sin su voluntad. Es por Dios que reinan lo emperadores. Te considero, pues, como ele elegido de Dios, y me inclino delante tuyo como delante de un emperador.”*<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> Essa visão é muito bem percebida no manual de conselhos de Cecaumenos, tradicionalmente conhecido como *Strategikon*. Cecaumenos é membro de uma linhagem de tradição militar que viveu em Bizâncio ao longo do século XI e, no final de sua vida, escreveu um pequeno compêndio de conselhos aos seus familiares. Nessa obra, percebemos claramente a percepção aristocrática de que somente pode se confiar na família e qualquer elemento de fora deve ser visto com extrema precaução e certa hostilidade.

<sup>26</sup> THEOPHANES. *Chronografia*. Bonn, 741. In: HERRERA, Héctor & MARÍN, José. *El Imperio Bizantino: Introducción Histórica y Selección de Documentos*. Centro de Estudios Gregos, Bizantinos y Neohelenicos “Fotios Maleros”: Santiago do Chile. 1998. p. 49.

Apoiados por argumentos semelhantes surgem vários levantes militares que trazem ao poder figuras de origens mais obscuras. Entretanto, o surgimento do sistema das *themata* ajudou a criar uma base para surgimento novamente de uma aristocracia provincial.

O sistema de *themata* abrangeu desde o redesenho das províncias, organização e mobilização militar, até os métodos de captação de impostos.<sup>27</sup> O sistema de *Themata* se originou, segundo John Haldon, das antigas forças orientais do tardio Império Romano, ou já Bizantino, que em aproximadamente 630, com a conquista muçulmana, refugiaram-se na Ásia Menor. Segundo, o imperador e também historiador Constantino VII Porfirogenito (913-959), a origem das *themata* podem ser levada para períodos ainda mais anteriores, como das legiões do início do Império.<sup>28</sup> Dessa forma, a região em que cada exército estava acampado se tornou um distrito, mas com uma denominação grega ao invés de latina. Assim, as tropas do *Magister Militum per Orientem* originaram o *Thema* dos *Anatolikon*. O *Magister Militum per Armeniam* se tornou o *Thema* dos *Armeniakon*. A única exceção ocidental foi o *Magister Militum per Thracias*, que se tornou o *Thema* de *Thrakesion*.<sup>29</sup> Sua administração se inspirou nos *exarcados* criados pelos imperadores Maurício (582-602) e Heráclio I (610-641), que combinavam o poder militar e o civil nas mãos de uma autoridade: o Exarca.<sup>30</sup> No caso dos *themata*, quem exercia esse poder civil e militar associado era o *Strategos*, “general” em grego. Cada *thema* devia sustentar um exército próprio, formado por um sistema chamado *strateia* que lembra os antigos *limitanei* tardo-romanos: pequenos proprietários rurais que, em troca de isenções fiscais e soldo anual, deviam fornecer pelo menos um soldado a esses exércitos provinciais.

Não foi um sistema que produzia os melhores soldados, pois eram em sua maioria camponeses que dedicavam somente parte do ano para lutarem nos exércitos provinciais, contudo, foi bastante eficaz no sentido de evitar mais perdas de territórios. Talvez tenha sido a única forma que os imperadores encontraram para manter a

---

<sup>27</sup> HALDON, John. *Op. cit.* pp. 67-85 & NICOLLE, David. *Byzantine Armies 4th-9th Centuries*. Londres: Osprey. 1992.. pp. 13-17 & AHRWEILER, Helene. *La Frontière et les Frontières de Byzance en Orient*. In: Actes du XVIe. Congrès International des Etudes Byzantines. Bucarest: Academiei Republicii Socialiste România.. p. 217.

<sup>28</sup> CONSTANTINO PORFIROGENITO. *De Thematribus*. Livro I. Traduzido por J. P Migne. In: *Patrologiae Cursus Completus, Series Graeca*. Paris 1964.

<sup>29</sup> HALDON. John. *Op. Cit.* p. 73

<sup>30</sup> Ibid. p. 71

integridade do território em tempos de crise da autoridade central e seguidas invasões estrangeiras de árabes, avaros e búlgaros. Por outro lado, a enorme extensão territorial dos *themata* originais permitiu que seus *strategoi* conseguissem grande poder local, o suficiente para ser um constante e real risco para qualquer um que estivesse no trono. Esta situação foi relativamente estabilizada através de um regime altamente autoritário dos imperadores da dinastia Isáuria (717-802), principalmente Leão III (717-741) e Constantino V (741-775) que, através de uma política baseada no Iconoclasmo<sup>31</sup>, deram uma nova força à autoridade imperial. Também criaram os primeiros exércitos ligados diretamente ao imperador, as *tagmata* e dividiram as *themata* em unidades cada vez menores para assim diminuir o poder e influência dos *strategoi*.

Mesmo com as políticas autoritárias dos Isáurios, o poder imperial estava enfraquecido se compararmos ao que ele havia sido anteriormente à primeira época de expansão muçulmana. Contudo, ele não foi ameaçado como instituição, pois, apesar das várias revoltas provinciais, não havia um grupo político ou estrato social minimamente organizado capaz de competir com a autoridade central. Essa realidade mudou com o surgimento de caudilhos provinciais e, logo, de uma aristocracia militar.



**Imagem 1:** Distribuição das *themata* na Ásia Menor por volta de 650. Retirado em 21/06/2008 de [http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/39/Byzantine\\_Empire\\_Themata-650.png](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/39/Byzantine_Empire_Themata-650.png)

<sup>31</sup> Iconoclasmo foi uma mudança na ortodoxia cristã criada pelo Imperador Leão III que condenou a adoração de imagens de Cristo, de Maria e dos Santos. Um trabalho que, apesar de antigo, ainda é interessante para compreender o contexto político e religioso de Bizâncio durante o período do Iconoclasmo é RUNCIMAN, Steven. *A Teocracia Bizantina*. Rio de Janeiro: Zahar. 1978. pp. 47-67.

O sistema de *themata* e a eterna luta contra os muçulmanos na Ásia Menor deram espaço para o surgimento de chefes locais que conseguiam obter renome e reconhecimento, local e geral, através de proezas militares contra os invasores islâmicos. Esses chefes de bandos ganhavam apelidos ou títulos que depois se tornaram sobrenomes familiares de algumas linhagens famosas. Argyros é um epíteto que faz referência ao brilho prateado que reluzia de seu alto valor e honra, se tornando famoso no reinado de Miguel III (842-867) e foi o fundador de uma casa aristocrática muito poderosa a partir da metade do século X.<sup>32</sup> Andronikos era o nome do fundador da linhagem Doukas e faz referência a dois valores caros à aristocracia militar que a partir dessas figuras se desenvolveria: valentia (*andreia*) e vitória (*Nike*). Os imperadores dos séculos IX e X não tiveram escolha senão reconhecer a autoridade local desses chefes militares, a quem foram concedidos títulos honoríficos e altos cargos no exército bizantino.

De uma forma geral, essas linhagens eram em sua maioria oriundas das províncias fronteiriças ou próximas à fronteira oriental do Império, como a Síria, Armênia, Cilícia, Ibéria e Capadócia. De forma que alguns nomes familiares ou sobrenomes estavam relacionados à cidade ou região de onde provinham: Botaneiates de Botana, Dokeianoí de Dokeia, os Dalassenos de Dalassa, etc.<sup>33</sup> Esses chefes militares, ao enriquecerem devido à concessão de títulos, rendas e cargos pelos imperadores, construíram gradativamente outra base de poder além das forças das armas, que era coercitivo e, por isso, instável, através da compra de propriedades fundiárias em diversas províncias bizantinas. Desse modo, os antigos proprietários tornaram-se dependentes, trabalhando nas terras do poderoso local, sendo nomeados, segundo a terminologia jurídica bizantina, *paroikoi*. Em função disso, foram editadas leis como a que Romanos I Lekapenos (920-944) criou após um período de fome causado por um inverno rigoroso em 934:

“1. Dessa forma nos ordenamos que em toda região e província que, se segundo Deus nossa autoridade governa, os habitantes tem suas residências apontadas livres e imperturbadas. Se [a propriedade] mantém em sua posse por toda sua vida, a propriedade deve ser deixada como herança aos seus filhos, ou o proprietário deve ser executado. Mas se, no curso da vida humana e

---

<sup>32</sup> ANGOLD, Michael. *The Byzantine Aristocracy...* p.2

<sup>33</sup> KAZHDAN, A. P. & EPSTEIN, Ann Wharton. *Op. cit.* p.63

reviravoltas do tempo, por necessidade, ou desejo, ele autoriza parcialmente ou totalmente a alienação de suas terras, o direito de compra reside nos habitantes da mesma vizinhança ou vila. Nós não criamos essas leis por ódio ou inveja em relação aos mais poderosos, mas nos ordenamos isso por boa vontade e proteção dos pobres (penetes), e pelo bem-comum.”<sup>34</sup>

Romano I editou essa lei para proibir certos hábitos que estavam se tornando comuns em sua época. Os pequenos proprietários, impedidos de vender diretamente suas terras aos poderosos devido a legislações imperiais anteriores, começaram a vendê-las indiretamente, deixando suas terras como herança para o grande proprietário interessado em adquiri-la. É isso que essa lei de Romanos proíbe e ainda ordena que, se por necessidade ou desejo, os proprietários quisessem vendê-la deveriam primeiro oferecê-la aos seus vizinhos. Essa foi uma dentre uma série de leis, editadas por todo o século X, que protegiam a pequena propriedade dos pobres (*ptochoi* ou *penetes*) contra a gana dos poderosos provinciais (*dynatos*).

Em um primeiro momento, tais leis parecem ser uma mostra da opressão dos grandes proprietários sobre os pequenos e uma amostra da filantropia imperial. No entanto, o grande “opressor” da população rural bizantina era muitas vezes o próprio poder imperial. O imperador, através dos coletores de impostos, cobrava muitas e pesadas taxas. Havia impostos fundiários e *per capita*, que alguns proprietários rurais, principalmente os mais pobres, em tempos de dificuldades não conseguiam arcar. Portanto, a venda de suas propriedades, apesar de acarretar a perda de grande parte da independência desses *paroikoi*, trazia certos benefícios que compensavam. Ao venderem suas terras, os camponeses bizantinos se livravam de parte desse pesado encargo, além de criarem relações de clientelismo com o poderoso local, pois passavam a ser protegidos por ele. Uma troca bastante interessante se considerarmos que os grandes proprietários eram bem mais presentes que o poder imperial, principalmente nas *themata* fronteiriça. Criou-se, assim, uma relação de dependência “senhorial” com o

---

<sup>34</sup> “I. Therefore we command that in every region and province which after God our authority governs, the inhabitants have their appointed dwelling free and undisturbed. If [the property] remains in his possession in his lifetime, let it be the property by inheritance of the children and relatives, or let the possessor's will be executed. But if, in the course of human life and time's reversals, because of necessity or need, or even desire, he partially or totally allows alienation of his lands, let the right of purchase reside with the inhabitants of the same or neighboring fields or villagelands. We do not set out these laws through hatred or jealousy of the more powerful, but we command it out of good will and protection for the poor (penetes), and for common salvation.” ZEPOS & ZEPOS, *Ius Graecoromanum*, I, pp. 205-14. Retirado em 07/06/2009 de <http://homepage.mac.com/paulstephenson/trans/theocont4.html>. Tradução nossa.

campesinato local (*paroikoi*), os quais serviam aos aristocratas como trabalhadores rurais e tropas pessoais.<sup>35</sup>

Sob um manto de preocupação filantrópica, essas leis escondiam uma disputa política que era travada nas províncias bizantinas no século X, pois a concentração de terras nas mãos dos grandes proprietários comprometia o sistema de recrutamento da *strateia*, uma vez que o recrutamento dos pequenos proprietários era a base do exército das *themata* bizantina e a estabilidade financeira do poder imperial, pois a posse dessas propriedades garantia a entrada de recursos do fisco bizantino. Por essas duas razões, o poder que a autoridade imperial tinha sob suas províncias diminuía, ao passo que os grandes proprietários aumentavam sua influência local possuindo cada vez mais terras e dependentes, sejam eles camponeses ou membros de tropas pessoais. O resultado disso é um claro conflito de interesses políticos. Desse modo, a criação dessas leis que protegiam a pequena propriedade foi um meio do poder imperial para proteger sua autoridade frente a uma elite provincial cada vez mais independente e rebelde.

Apesar do crescente poder dessa aristocracia provincial e sua posição de confronto frente ao poder central, ela era limitada exatamente pelo poder imperial. O imperador tinha direitos supremos em relação a todo território bizantino, então, qualquer um, rico ou pobre, laico ou religioso, teoricamente poderia ser destituído de suas propriedades se o imperador assim o quisesse e isso acontecia com certa frequência.<sup>36</sup> Outro fator que limitava a independência dessa elite provincial é que, mesmo com a prosperidade de suas propriedades, a obtenção de riqueza dependia grandemente do favor imperial. Kazhdan e Epstein analisam um exemplo de um desses aristocratas provinciais do século XI, Smbat Pakourianos, que deixa como herança uma fortuna de 340 libras (*litrai*) de ouro, enquanto as rendas anuais de suas terras (*proasteia*) não passavam de 3,5 libras. Sua herança aparentemente não correspondia à renda de suas propriedades, mas ele tinha o título de *kouropalates*, que lhe rendia um salário de 40 libras de ouro anuais.<sup>37</sup> Dessa forma entendemos que a aristocracia militar bizantina necessitava do poder imperial para manter sua fortuna, da mesma forma que o imperador necessitava desses aristocratas para liderar seus exércitos. Apesar de seu poder regional e constantes conflitos de interesse com o poder imperial, a aristocracia

---

<sup>35</sup> KAZHDAN, A. P. & EPSTEIN, Ann Wharton. Op. cit. p. 61.

<sup>36</sup> Ibidem Pp.57-58.

<sup>37</sup> Ibidem. p.58.



militar não era de forma nenhuma independente ou contra a instituição imperial, embora, esporadicamente, se virasse contra aquele que estava no trono, para destituí-lo ou principalmente para forçar seus interesses sobre ele.

Com o surgimento da aristocracia provincial houve um claro movimento centrífugo que mais à frente resultou na desintegração da unidade política do Império Bizantino. Os imperadores da dinastia Macedônia estavam pouco cientes disso e mesmo cientes, poucos reagiram. Dentre os que tomaram ações, pelo menos na forma de leis, na sua maioria não eram membros da casa dinástica, mas eram generais provenientes da elite militar, como Romanos I (920-944), Nicéforo II (963-969) e João II (969-976)<sup>38</sup>, das linhagens Lekapenos, Phocades e Kourkouas, respectivamente, que, enquanto o herdeiro era ainda uma criança, governaram o Império. O único membro da Dinastia Macedônia a agir mais ativamente contra a ascensão da aristocracia provincial foi Basílio II (986-1025), mas era tarde demais, pois a elite provincial já estava profundamente enraizada, não só em suas províncias de origem, mas como na capital Constantinopla e em uma de suas instituições mais importantes: o exército.

### **CAPÍTULO 3: AS FRONTEIRAS ORIENTAIS E AS ESPECIFICIDADES DE SUA ARISTOCRACIA**

Na segunda metade do século X, o Império Bizantino empreendeu uma agressiva expansão no *front* oriental. Iniciada no reinado de Romano Lekapenos e realizada mais vigorosamente no final do século X, nos reinados de Nicéforo II Focas, João II Tzimiskes e Basílio II. Essas conquistas militares tornaram algumas *themata* muito distantes da fronteira e seguras de ataques estrangeiros, tornando os soldados desses distritos inativos e sem prática, portanto, inúteis e caros, pois ainda tinham que receber o soldo. A solução do governo imperial a esse problema foi a retirada dos soldados do sistema de *strateia*, os quais passaram a pagar impostos em substituição ao serviço militar. Ao mesmo tempo em que as *themata* internas diminuía os números de soldados, nas fronteiras o número deles aumentava. No século X, as principais forças militares bizantinas eram as *tagmata*, unidades militares profissionais estrangeiras ou nativas diretamente ligadas ao imperador, inicialmente situadas em Constantinopla, mas gradualmente foram se estabelecendo nas fronteiras junto às tropas das *themata*

---

<sup>38</sup> Há uma sequência cronológica completa de reinados de imperadores do século IX ao XIII no apêndice I.

fronteiriças, principalmente nas províncias orientais, ou *akritikon themata*. Enquanto isso as tropas das *akritikon themata* foram gradativamente se profissionalizando, pois gradualmente os soldados ligados pelo sistema da *strateia* iam sendo substituídos por soldados que serviam por tempo integral à troca de soldo, assim elas foram se assemelhando com as unidades das *tagmata*.<sup>39</sup> A estratégia militar bizantina estava se tornando de defensiva e zonal para ofensiva e linear, ao mesmo tempo em que a relação entre o exército e a sociedade bizantina foi deteriorando, pois o exército das *themata* composto por habitantes locais sendo substituído por soldados profissionais gradativamente se desligou da sociedade e foi se tornando mais e mais uma força de ocupação dentro das províncias.

Na expansão bizantina para o Oriente, as populações dessas regiões foram conseqüentemente absorvidas. Essa absorção trouxe para dentro do mundo bizantino um grande número de potentados da região do Cáucaso, principalmente armênios; essa região há muito tempo representava uma área de fronteira. A princípio, entre o Império Romano e Sassânida e depois entre o Império Bizantino e o Islã. Devido a esses fatores, a região caucasiana se tornou politicamente fragmentada e dominada por uma aristocracia extremamente militarizada. Então, ao sair de sua posição mantida durante a invasão muçulmana na metade do século X, entre as cordilheiras micro-asiáticas do Taurus e Anti-Taurus e expandir-se para essa região, Bizâncio absorveu essa aristocracia para dentro de sua elite militar. Contudo, ela tinha suas particularidades.<sup>40</sup>

As elites fronteiriças, ao serem absorvidas, foram freqüentemente com suas terras e autoridade, asseguradas através da transformação de seus antigos domínios em *themata*, onde eles seriam os *akritai strategoi* ou somente *akritai*, os comandantes dos exércitos fronteiriços, com poderes e liberdades muito maiores que seus colegas dos *themata* interiores, chamadas também de *megalon themata*.<sup>41</sup> Suas atribuições eram muito mais militares, uma vez que os akrites eram o ponto-chave da defesa fronteiriça bizantina. Uma das principais fontes que tratam das funções de *strategos* fronteiriços é o livro da metade do século XI de Cecaumenos. Ele era um aristocrata militar que, ao final da vida, escreveu esse pequeno compêndio com conselhos baseados em suas

---

<sup>39</sup> HALDON, John. *Op. Cit.* pp. 124-125.

<sup>40</sup> NEVILLE, Leonora. *Op. cit.*, pp 27-30 & AHRWEILER, Helene. . *La Frontière et les Frontières de Byzance en Orient*. pp. 223-224 & CHEYNET, Jean Claude. *Op. cit.* 1996. pp. 225.

<sup>41</sup> NEVILLE, Leonora. *Op. cit.* pp 27-30

experiências pessoais aos seus filhos e netos, sobre possíveis ocupações de um aristocrata provincial típico. Uma dentre essas ocupações é a de *akritai strategoi*.

A primeira referência aos *akritai* que encontramos no seu livro é uma censura:

*“Pues los petchenegos invadieron de la misma forma la România [o Império Bizantino em 1048, quando cruzaram o Rio Danúbio congelado e se estabeleceram nos Bálcãs] y sé que todos conocen cuántas miserias y sucesos luctuosos tuvieron lugar por sua causa ¿Cuál suele ser la causa que esto ocurra? Yo sé que la mayor parte de las veces es la inexperiencia de los akrites. Pues debido a que éstos carecen de experiencia en la disciplina y arte militar, (...) escriben y dicen a los emperadores lo que saben les agrada, ocurren no solo estas desgracias, sino incluso otras peores. Por ello merecen no sólo a censura, sino castigo.”*<sup>42</sup>

Através desta censura, é possível observar a função crucial dos *akrites*, para Cecaumenos, de serem os principais responsáveis pela integridade da fronteira e, por conseguinte, do próprio território imperial.

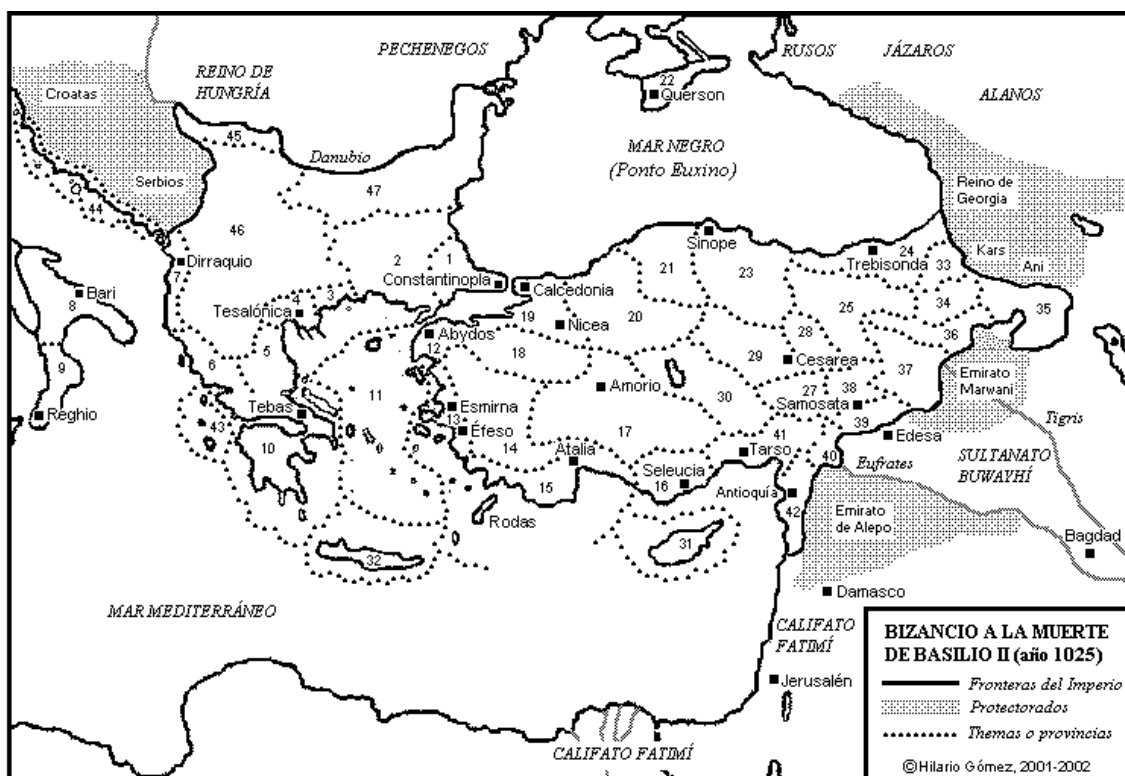
Os *strategoi* das fronteiras eram muito importantes, pois eles deviam tomar as primeiras providências em caso de invasão estrangeira. Provavelmente se houvesse falhas nesses primeiros passos, a reação bizantina a tais invasões não obteria sucesso. Assim, observamos como Cecaumenos aconselha os *akrites* sobre o *modi operandi* em caso de invasões bárbaras. No caso de serem pequenas e ser possível sobrepor à agressão através da força, eles deveriam fazer frente a ela. No entanto, se fossem invasões de grande porte, os *akrites* deveriam tão somente segui-las, atacando tropas e homens que se destacassem da força principal, infligindo o medo e o temor nas forças invasoras, fazendo com que elas se movessem juntas e não se separassem para fazer pequenos saques e ataques. Enquanto isso, os *akrites* e suas tropas deveriam esperar o envio de uma força de maior porte para fazer frente à invasão, unindo-se a ela posteriormente.<sup>43</sup> Por sua vez, os *akrites*, quando fossem atacar territórios estrangeiros - pois tais atribuições faziam parte das funções deles - deveriam evitar tomar o mesmo caminho na volta, ainda mais se o caminho fosse um vale, numerosos nas fronteiras orientais do Império. Contudo, se não houvesse outro caminho, os *akrites* deveriam pôr

---

<sup>42</sup> CECAUMENO. *Strategikon: Consejos de un Aristócrata Bizantino*. Introdução, tradução e notas de Juan Signes Cordoñer. Madri: Alianza Editorial. 2000. Livro VI, 26

<sup>43</sup> CECAUMENOS. VII, 2

sentinelas em lugares estratégicos, para que garantissem uma volta para casa segura e livre de emboscadas.<sup>44</sup>



1. Tracia 2. Macedonia 3. Strymón 4. Tesalónica 5. Hélide 6. Nicópolis 7. Dirrakium 8. Longobardia 9. Calabria
10. Peloponeso 11. Archipiélago 12. Abydos 13. Samos 14. Tracesios 15. Kibyrroetes 16. Seleucia 17. Anatólicos
18. Opsikion 19. Optimates 20. Bukelarios 21. Paflagonia 22. Querson 23. Armeniakos 24. Caldia 25. Colonea
26. Mesopotamia 27. Licandos 28. Sebastea 29. Carsianos 30. Capadocia 31. Chipre 32. Creta 33. Teodosiopólis
34. Iberia 35. Vaspárúkán 36. Taron 37. Mesopotamia 38. Melitene 39. Poleis Parephratidai 40. Teluc 41. Cilicia
42. Antioquia 43. Cefalonia 44. Dalmacia 45. Sírmio 46. Bulgaria 47. Paristrion

**Imagem 2:** Império Bizantino e sua organização em *themata* no ano da morte de Basílio II (1025) feito por Hilario Gómez. Retirado em 21/06/2009 de <http://tagmata.atspace.org/>

Os *strategoi* das fronteiras aparentemente não seguiam as leis restritivas promulgadas pelos imperadores macedônios: suas propriedades eram imensas e crescentes, provavelmente à custa dos pequenos proprietários locais, eles tinham comando nas *themata* onde possuíam suas enormes propriedades e lideravam ofensivas nos territórios muçulmanos próximos. Um bom exemplo disso é a linhagem Phocas, de origem armênia, que durante todo o século X, governou e exerceu grande influência nos *themata* fronteiriços da *Seleukia*, *Capadokia* e *Anatolikos*, e liderou as campanhas militares contra o emirado vizinho de Tarso. O interesse era direto, pois os Phocades possuíam largas propriedades nessas *themata* que governavam e o interesse em atacar os

<sup>44</sup> CECAUMENOS. VII, 8 & 9. Para um olhar mais aprofundado nas funções e *status* institucional dos *akrites* vide DIAS, João Vicente de Medeiros Publio. *O guerreiro de fronteira bizantino Akrites segundo o Strategikon de Cecaumenos (séc. XI)*. In: *Ágora* (no.8). Vitória: UFES, 2008. <http://www.ufes.br/ppghis/agora/edicaoAtual.htm>

seus vizinhos diretos era, ao mesmo tempo, defender suas propriedades e conquistar novas. Já os Skleros, também uma linhagem de origem armênia como os Phocas, assim como seus principais adversários no cenário político bizantino do século X, tinham o mando dos *themata* de Charsianon e Armeniakon e lideravam a ofensiva contra Melitene pelo mesmo motivo: interesses familiares relacionadas à área de preferência e propriedades na região.<sup>45</sup>

As duas famílias, Skleros e Phocas, competiram e dominaram militar e politicamente Bizâncio durante todo o século X, uma vez que os imperadores da dinastia macedônia, em sua maior parte, não se interessavam por liderar seus exércitos pessoalmente. Algumas vezes, quando o herdeiro do trono ainda era criança, aristocratas tomaram o trono como protetores da dinastia. O primeiro foi Romanos Lekapenos (920-944), almirante das frotas imperiais e membro de uma casa aristocrática armênia, apoiado por outras como Kourkouas, Doukas, Argyros e, principalmente, os Skleros, e reinou em nome de Constantino VII Porfirogenito (913-959). Mais tarde, durante a infância de Basílio II e Constantino VIII, Nicéforo II (963-969), um membro da família Phocas, reinou em nome da dinastia e foi tirado do poder pelo seu sobrinho, só que apoiado pelos Skleros, João I Tzimiskes (969-976). Após a morte de João I, Basílio II decidiu tomar as rédeas do Império. O começo de seu reinado foi complicado, o jovem imperador sofreu algumas derrotas contra os búlgaros e em função disso teve de enfrentar revoltas da facção do Skleros, em 978, e mais uma vez contra os Skleros mas agora associados aos Phocas, em 987. Entretanto, ele se mostrou mais forte do que aparentava e venceu as guerras civis travadas contra ele, abafando assim duramente essas revoltas. Por essas insurreições, muito já se disse que Basílio II adquiriu certa aversão à aristocracia militar, mas isso não é inteiramente verdade. De fato, as casas Phocas e Skleros foram tão duramente reprimidas que nunca mais tiveram nenhuma proeminência política e o governo de Basílio II se tornou altamente autocrático e centralizador, principalmente em relação à aristocracia militar, mas, por outro lado, o desaparecimento político dessas duas importantes linhagens abriu espaço para outras casas, muitas vezes através do favorecimento do próprio imperador.<sup>46</sup> Entretanto, Basílio II tomou providências para que mais nenhuma das casas aristocráticas ascendentes se tornasse tão poderosa quanto foram os Phocas e Skleros. A aceleração do

---

<sup>45</sup> CHEYNET, Jean-Claude. *Op. cit.* pp. 322.

<sup>46</sup> *Ibid.* pp. 321-336.

fim do regime da *strateia* em benefício da profissionalização dos exércitos foi uma delas, pois tais medidas centralizavam o controle do exército nas mãos do imperador e diminuía o poder local da aristocracia, que era baseada na influência que exerciam sobre os exércitos dos *themata*.<sup>47</sup>

#### **CAPÍTULO 4: A FORMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE GUERREIRA**

Por consequência desse contexto altamente militarizado, surgiu uma identidade guerreira muito marcada dentro dessa aristocracia de fronteira. Essa identidade construiu-se no estado de guerra sem fim que existia entre bizantinos e muçulmanos, e deveria estar bem estabelecida em meados do século X, quando as principais famílias tinham seu poder bem assentado em suas províncias de origem e no exército imperial por algumas gerações.

Um dos principais traços dessa aristocracia foi a gradual monopolização dos mais altos cargos do exército bizantino por um grupo de famílias. O manual bélico do imperador Leão VI (886-912) recomenda que os *strategoi* deveriam ser escolhidos segundo seu mérito e não pela tradição de sua família, o que demonstra que já havia um ideal de privilégios hereditários dentro do exército no final do século IX. Contudo, foi só a partir de meados do século X que o espaço para “soldados de carreira” começou a se fechar, dando cada vez menos lugar para o surgimento de novas linhagens militares e fechando o acesso à aristocracia militar. Mas foi somente no século XII, com o surgimento de uma dinastia imperial proveniente desse grupo aristocrático, os Comnenos, que a aristocracia militar e, com isso, os altos cargos militares se fecharam a homens-novos. A única forma de novas linhagens serem agregadas à aristocracia militar e ter acesso aos altos postos do exército foi a absorção de estrangeiros: geralmente armênios, turcos e latinos, mas somente se fossem de linhagem proeminente entre seu meio de origem. Enquanto isso a baixa e média hierarquia continuava sendo um campo da antiga meritocracia, também onde as linhagens mais tradicionais no exército bizantino poderiam beneficiar seus clientes e dependentes. Alguns poucos, por sorte, patrocínio, mérito ou todas essas alternativas poderiam alcançar os altos postos do

---

<sup>47</sup> ANGOLD, Michael. *The Byzantine Empire, 1025-1204.....* pp. 26-27.

exército, mas tal alternativa já era rara em meados do século X e ficou gradativamente mais difícil nos períodos posteriores.<sup>48</sup>

Foi uma consequência inevitável que os caudilhos das regiões fronteiriças do Império tomassem conta da hierarquia do exército imperial. Eles tinham suas terras, posse, família e dependentes constantemente ameaçados por invasores estrangeiros. Então, para se defender dos constantes ataques, foi natural que as armas tenham se tornado a vocação dessa elite. Também foi uma consequência dessa dedicação ao ofício militar, somado à solidariedade familiar, o destaque que a aristocracia das regiões fronteiriças tiveram dentro do exército imperial, se apoderando gradativamente dos mais altos postos da hierarquia dessa instituição.<sup>49</sup> Por isso, Helene Ahrweiler diz que houve, dentro da aristocracia fronteiriça, uma confusão entre os interesses pessoais desses potentados com os do próprio Império, pois quando o território imperial era ocupado eram as suas propriedades e riquezas que eram tomadas, quando um bizantino era levado como prisioneiro-de-guerra, era seu conterrâneo, servo ou familiar, que era levado como cativo. Então as batalhas travadas por esses caudilhos empossados nos mais altos cargos do exército tinham um caráter ao mesmo tempo pessoal e oficial.<sup>50</sup>

## **CAPÍTULO 5: O CICLO ÉPICO BIZANTINO DE FRONTEIRA**

### **5.1. O surgimento.**

O ambiente em que surgiu a elite fronteiriça bizantina criou uma identidade muito distinta daquilo que consideramos ser “tradicionalmente bizantino”, marcada pela intensa militarização, distância de Constantinopla e proximidade com outras culturas, como árabe, turca, armênia e georgiana. Em função disso, surge uma expressão cultural influenciada por todos esses fatores: o ciclo de cantares e canções épicas bizantinas, tradicionalmente conhecidas como *acríticas*, pois seus heróis eram parte da aristocracia estabelecida nas fronteiras do Império.

Esse ciclo é composto por vários cantares e canções épicas, sendo que os representantes mais importantes são as versões da *Canção de Digenis Akrites*. São obras compostas de uma forma versificada conhecida como versos *politikos*, de quinze

---

<sup>48</sup> HALDON, John. *Op. Cit.* pp. 270-274.

<sup>49</sup> HALDON, John. *Op. cit.* Pp. 266-274

<sup>50</sup> AHRWEILER, Helene. *La Frontière et les Frontières de Byzance en Orient...* pp. 226-227.

sílabas, que narram feitos de heróis oriundos da fronteira oriental do Império Bizantino. Os cenários variam desde ambientações fortemente ligadas a lugares e personagens reais da fronteira bizantina, entre os séculos IX e XI, onde as tensões entre potentados bizantinos e emires muçulmanos é o tema central, até panoramas mais fantásticos, com presença de dragões e amazonas.

Nesse ciclo épico, observamos duas tradições. A literária, que sobrevive até hoje em manuscritos dos últimos séculos do Império Bizantino e dos primeiros do Império Otomano (séc. XIV-XVIII). A outra tradição é a oral, composta por pequenos cantares transmitidos como parte dos remanescentes da cultura bizantina sob jugo Otomano, que hoje fazem parte do que se convencionou chamar de *folklore* grego.<sup>51</sup> É consenso, dentro da produção acadêmica, afirmar que a tradição oral surgiu antes e foi a inspiração para a tradição literária. Alguns relatos embasam essas afirmações.

O registro provavelmente mais antigo que temos desses cantares épicos bizantinos é o relato do bispo Aretas de Cesareia (850-932). Aretas, durante um exílio forçado na Capadócia, na fronteira oriental da Ásia Menor, descreveu o costume dos habitantes dessa região, em que alguns “mendigos” iam de porta em porta para cantar feitos aventureiros e guerreiros de homens famosos por moedas de pouco valor.<sup>52</sup>

Há também um interessante relato de Miguel Psellos, historiador e um dos mais importantes autores de toda história de Bizâncio, que, em sua obra historiográfica *Chronografia*, narra a história dos reinados de Basílio II (976-1025) até Miguel VII (1071-1078). Ao fazer uma introdução sobre os ancestrais de Constantino X (1059-1067), Psellos nos dá a seguinte informação:

“Sua família, voltando tão longe quanto seus bisavôs, foram da mesma forma famosos e influentes, tipo de pessoas que historiadores escrevem em seus trabalhos. É certo que nesse mesmo dia os celebrados nomes de Andronicos,

---

<sup>51</sup> Até o surgimento do nacionalismo grego, no século XIX, a população de fala grega e religião cristã ortodoxa que habitava o Império Otomano era identificada por si mesma e pelos otomanos como “romana”. Isso demonstra a longa sobrevivência de uma “identidade bizantina” mesmo depois de séculos do desaparecimento de Bizâncio como entidade política. Sobre isso vide AHRWEILER, Hélène. *Hellenic Europe: Problems of Greek Continuity*. In: AHRWEILER, Hélène. *The Making of Europe, Lecture and Studies...*

<sup>52</sup> NOTOPOULOS, James A. *Akritas Ikonography on Byzantine Pottery*. In: *Hesperia*, Vol. 33, No. 2. 1964. p.108. Aqui é interessante apontar que, na Europa Feudal, os trovadores também eram menosprezados por fontes eclesiásticas e muitas vezes descritos como “mendigos”. Para mais informações e um possível paralelo entre esses dois contextos vide ZUNTHOR, Paul. *A Letra e a Voz: a “Literatura” Medieval*. São Paulo: Cia. Das Letras. 1993



Constantino e Pantherios estão na boca de todos – todos parentes dele (Constantino X), alguns do lado paterno, outros do lado de sua mãe.”<sup>53</sup>

Esse relato, em oposição de Aretas de Cesareia, é bem sutil, mas mesmo assim bastante importante. Primeiro porque os personagens que Psellos menciona estão fortemente ligados a vários heróis das canções e cantares épicos bizantinos: Constantino pode ser ligado ao Constantino, o tio de Digenis Akrites que luta contra o Emir pela posse da donzela, Andronicos, como será observado, é o herói de seu próprio cantar épico e também é relacionado com o avô de Digenis, exilado por conspiração. Porém, o mais interessante é que Miguel Psellos, ao narrar sobre os famosos ancestrais de Constantino X, observa que, apesar de eles terem morrido há muito tempo, ainda eram celebrados, pois “*estão na boca de todos*”. Considerando que a fama desses personagens foi transmitida oralmente, portanto, é bastante provável que seja um relato da popularidade que os cantares de fronteiras já tinham na capital imperial no século XI, pois o mundo de Miguel Psellos, sendo parte da elite senatorial, era um mundo centrado em Constantinopla. Então, se ele afirma que tais personagens estão na “*boca de todos*”, ele muito provavelmente quis dizer “*na boca de todos em Constantinopla*”

Para concluir essa introdução sobre os cantares de fronteira, é necessário frisar que, apesar dos manuscritos em que foram conservados pertencerem a períodos posteriores ao que será analisado, é possível filtrar as informações contidas e buscar o substrato histórico trazido desde a composição das versões originais dos cantares legados nos manuscritos que conhecemos, para assim buscarmos a ligação sócio-cultural em que esse ciclo épico foi composto. Infelizmente, possuímos pouca documentação histórica para analisarmos o processo de transmissão dos cantares, tanto na etapa de transmissão oral quanto na escrita. Relatos como os de Aretas de Cesareia e Miguel Psellos são indiretos, pois não citam um cantar específico, e fragmentários, pois são somente observações ilustrativas sem maiores repercussões posteriores em suas obras. Os relatos diretos que possuímos são comentários da *Canção de Digenis Akrites*, uma obra que, como iremos observar na segunda parte da dissertação, marca um outro momento da épica bizantina. Portanto, será utilizada para essa análise dos cantares akríticos, a crítica de fontes contrastada com o contexto histórico estudado, que, apesar de não nos oferecerem a segurança de citações amplas e diretas ou perspectivas de

---

<sup>53</sup> MIGUEL PSELLOS. *Chronografia*. Tradução de E.R.A Sewters. Penguin Classics: Yale, EUA. 1953. p. Livro 7, ff. V-vi. Tradução do inglês por esse autor.

recepção da mesma época, revelam-se suficientemente confiáveis se utilizados com perspicácia e objetividade.

Há também a questão teórica do “problema épico” que há muito alimenta debates acadêmicos, principalmente em relação à obra homérica. Apesar de ser uma discussão antiga, há muito pouco consenso. Na realidade, o “problema épico” não abrange somente uma questão e sim várias, mas no caso do estudo aqui realizado as questões mais importantes são a origem oral, processo de transmissão e as influências externas sócio-políticas que o(s) autor(es) sofreu (ou sofreram) durante o processo de composição.

Em Bizâncio, devido à sua extensão territorial e o domínio da língua grega por todo Império, pelo menos na produção letrada, percebemos o surgimento do chamado “verso político” ou “verso popular” (politikon stichon) de quinze sílabas a partir do século XI. A origem dessa estrutura é obscura. Provavelmente o verso de quinze sílabas era utilizado na oralidade e durante muito tempo foi deixado de lado pelos letrados bizantinos. Timidamente, no século X e, mais marcadamente, a partir do século XI, o verso político passou a ser mais e mais usado pelos letrados bizantinos, principalmente nos novos gêneros literários que se tornaram famosos na corte dos Comnenos, como os poesia laudatória, romances e, no caso que mais nos importamos, na poesia épica.<sup>54</sup>

Nesse sentido, são importantes os estudos realizados por Albert B. Lord sobre as canções e cantores épicos na região que compreendia a antiga Iugoslávia entre os anos de 1933 e 1950.<sup>55</sup> Baseado no que ele observou nesses cantores e nas canções que eles transmitiam, Albert Lord chegou a algumas conclusões que poderiam ser transferidas para qualquer tradição épica, incluindo a bizantina. Lord é um grande crítico da idéia da tradição épica, no sentido de que cada tradição é composta por um grupo de cantares que se transmitem de uma geração para outra com pouca ou nenhuma influência dos cantores que as transmitem. Pelo contrário, em suas observações sobre os cantores épicos iugoslavos, ele percebeu que cada apresentação é uma composição original, embora os cantores em questão afirmarem veementemente que estão transmitindo a canção da mesma forma que a ouviram. Na realidade, o que se transmite, segundo Lord, é um conjunto de fórmulas (formas de versificação) e temas (cenários, nomes de lugares e

---

<sup>54</sup> Sobre os versos políticos de quinze sílabas e sua utilização pela literatura bizantina vide JEFFREYS, Elizabeth et JEFFREYS, Michael. *The Oral Background of Byzantine Popular Poetry*. In: *Oral Tradition*, 1/3. 1986. pp. 504-47

<sup>55</sup> LORD, Albert B. *The Singer of Tales*. Cambridge: Harvard University Press. 1960

personagens), abrindo espaço para o cantor-autor realizar várias mudanças e ornamentações, personalizando, assim, a canção segundo seu gosto pessoal. E no momento em que tais canções, até então transmitidas de forma oral, são escritas, o que acontece não é a documentação de uma linha de transmissão e sim somente uma composição original como qualquer outra que o cantor faria em uma apresentação.<sup>56</sup>

As observações de Lord tinham por objetivo provar um caráter primariamente oral de várias obras épicas antigas que somente nos chegaram em manuscritos, principalmente as obras de Homero. As teorias de Lord conseguiram um grande sucesso nos estudos de literatura épica, em especial da épica medieval. Contudo, nos anos 70, Lord passou a ser criticado, pois a universalidade de sua proposta não levava em conta as particularidades de cada obra e, segundo Paul Zumthor, as fórmulas e os *topoi* da literatura épica não eram somente traços de um arcaísmo simbolizado pela manutenção de uma estrutura primariamente oral, mas necessidades impostas pela situação individual de recepção de cada poema.<sup>57</sup>

Independente das razões da existência das fórmulas e *topoi*, o importante, nesse trabalho, é que elas existam e sejam uma constante confiável nas instabilidades de transmissão tanto do meio oral para o meio escrito quanto nas transmissões dentro do meio escrito. Portanto, mesmo que os manuscritos originais sejam de períodos pouco posteriores ao recorte temporal escolhido, ainda são passíveis de análise histórica se estudados nos níveis em que os cantores de canções épicas fazem questão de manter: fórmulas e temas.

## **5.2. Os cantares e a aristocracia akrítica.**

O ciclo épico bizantino narra os feitos de heróis originados do mesmo estrato aristocrático que Nicéforo Focas, Romanos Lekapenos e João Tzimiskes. Assim como esses aristocratas, os heróis da épica de fronteira encontravam as mais altas virtudes na honra familiar, na coragem em batalha e nas habilidades guerreiras e esse é o ponto de que mais discordamos do Miguel Castillo Didier, pois ele defende que a *Canção de Digenis Akrites* é uma obra de natureza “popular”. Muito provavelmente a tradição oral da épica bizantina tenha somente sobrevivido porque foi apropriada pelo campesinato de língua grega e credo ortodoxo sob domínio otomano, os *rumi*, pois a elite provincial

---

<sup>56</sup> LORD, Albert B. *Op.cit.* pp. 124-125

<sup>57</sup> Sobre a crítica de Paul Zumthor a Albert Lord vide ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a Voz: a “Literatura” Medieval*. São Paulo: Cia das Letra. 1993. pp. 191-193.

bizantina anatólica que criou e patrocinou a composição e manutenção desses cantares deixou de existir quando o Império Bizantino foi sendo invadido por seguidas hostes de origem turcomana, a partir do século XI e finalizado pelos Otomanos, em 1453.

Nesse sentido, observamos a *Digeneida*: a versão original de Digenis Akrites, reconhecidamente uma adaptação e recomposição de vários cantares mais antigos, do século IX e X, originados da tradição oral, para os gostos e o novo contexto que a aristocracia anatólica enfrentou a partir do final do século XI. Alexander Kazhdan observou, concordando com Hans Georg Beck, que há dois níveis na *Canção de Digenis*: um compreendendo o *Cantar do Emir* e outro compreendendo a narração dos feitos de Digenis. Enquanto os feitos de Digenis representam as aspirações da aristocracia militar ao final do século XI, o *Cantar do Emir* é mais relacionado com a fronteira e sua aristocracia na primeira metade do século X.<sup>58</sup>

Ainda que possamos resgatar relatos como o de Aretas de Cesaréia (sec. IX/X) e Miguel Psellos (sec. XI), as evidências são muito espaçadas e fragmentadas. Por isso, nenhum historiador conseguiu traçar o caminho que esse ciclo épico trilhou entre as primeiras e curtas composições orais recitadas pelos “menestréis” paflagônios observados por Aretas de Cesareia até a escritura dos manuscritos que nos chegaram da *Canção de Digenis Akrites*, a mais complexa e rica representante desse gênero literário. Entretanto, apesar da obscuridade das origens desses cantares épicos, é bastante provável que tenham surgido de modo muito semelhante às *chansons de gestes* do Ocidente Medieval.<sup>59</sup> Se o ciclo *akrítico* seguiu esse padrão e é bastante provável que seguiu, podemos pensar que a senhores locais da fronteira, no início do século X, tendo seu *status* bem formado e com preocupações linhagísticas muito semelhantes aos seus análogos ocidentais, escreveram ou encomendaram tais canções para imortalizar os feitos de seus ancestrais na belicosa região fronteira oriental bizantina, com o objetivo de criar uma história familiar e aumentar o prestígio de sua linhagem.

Os primeiros versos do *Cantar do Emir*, da versão Grotaferrata,<sup>60</sup> exaltam o Emir por ser *eughenon* (de linhagem ilustre) e possuir o mais alto grau de *andreia*

---

<sup>58</sup> KAZHDAN, A. P. & EPSTEIN, Ann Wharton. *Op.cit.* p. 117.

<sup>59</sup> Um interessante exemplo desse tipo de produção cultural de preocupações linhagísticas no Ocidente é a “Canção de Guilherme Marechal” magistralmente analisada por Georges Duby. DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou o Melhor Cavaleiro do Mundo*. Rio de Janeiro: Graal. 1995.

<sup>60</sup> Na versão Escorial, o *Cantar do Emir* começa já com a justa entre Constantino e o Emir, pois provavelmente as páginas do manuscrito que narravam o rapto da donzela pelo Emir, a conjuração da mãe e do desafio do Emir devem ter sido perdidas, mas como a continuação desse cantar na versão Escorial e

(valentia).<sup>61</sup> De fato, essas virtudes estreitamente ligadas à aristocracia militar bizantina são as principais exaltadas tanto no *Cantar do Emir*, quanto nos Cantares de Digenis, como em qualquer outro cantar desse ciclo épico. Todos os personagens, quando são apresentados, são medidos e avaliados segundo seu grau de *eugheneia* e *andreías*.

Há também importantes traços a serem apontados no “*Cantar de Armouris*”.<sup>62</sup> Conservada em dois manuscritos com cerca de duzentos versos do século XV, são considerados cópias de outro manuscrito mais antigo, que registrou essa canção diretamente da tradição oral. Esse cantar narra a história de Armouris, que teve o pai, um nobre bizantino, capturado pelo emir da Síria e mantido em cativeiro durante doze anos. Por todo esse tempo, sua família se manteve de luto, até que Armouris, o personagem central, que nunca conhecera o pai, decide tomar suas armas e seu cavalo negro para ir resgatá-lo. No trajeto, o herói vai deixando um rastro de violência e fúria, matando qualquer sarraceno que encontrasse pelo caminho, incluindo um exército de mais de cem mil homens. O Emir, amedrontado com a fúria de Armouris, decide libertar o pai e casar o herói com sua própria filha.

A “Canção de Armouris” é a que mais se aproxima dos cantares do século X registrado por Aretas de Cesareia, pois segundo Oscar Martinez Garcia:

“con sus versos decapentasilabos o ‘politikos’(oscuro término con el que es conocido el metro vernacular dos bizantinos), con sus elementos lingüísticos estereotipados (frecuentes repeticiones de versos, hemistíquios o palabras reveladoras de la dicción formular própria de la poesia oral), con su estilo paratático o con sus uso de motivos recurrentes en los demás poemas del ciclo (‘la infancia prodigiosa’, ‘el paso del Eufrates’ o ‘el matrimonio mixto’), se erige como el vestigio más precioso de la poesia griega medieval(...)”<sup>63</sup>

A importância da “Canção de Armouris” é, além do que já foi apontado acima por Martinez Garcia, sua proximidade com o contexto fronteiriço bizantino do século X.

---

na versão Grottaferrata são muito semelhantes podemos imaginar que o início perdido da versão Escorial era da mesma forma parecido.

<sup>61</sup> Dig. Akr G. I. 30-31.

<sup>62</sup> *Cantar de Armouris*. 1-197

<sup>63</sup> GARCIA, Óscar Martínéz. *Poesia Heroica Bizantina: Canción de Armurís, Dgenís Akritas e Poema de Belisário*. Madrid: Gredos. 2003. pp. 19-20

Ao contrário do que observamos na *Canção de Digenis*, não há traços fantásticos na trama, mas somente a história de um jovem *archontes* que decide tomar as armas e o cavalo de seu pai e libertá-lo de seu cativo. Um tema que seria muito familiar para qualquer mansão aristocrática bizantina, pois os cativos de líderes de ambos os lados, bizantino e árabe, eram comuns, faziam parte do jogo político da fronteira bizantino-islâmica e tomou certo tom poético durante as cruzadas, quando vários bizantinos tornaram-se cativos de príncipes muçulmanos. Tais cativos envolvendo figuras proeminentes de ambos os lados envolviam um grande grau de respeito, assim como algumas amizades chegaram a ser formadas e conversões realizadas. Um Emir chegou a enviar uma carta de condolências a um general bizantino, pois o filho do último havia morrido de alguma doença durante o transporte para seu cativo.<sup>64</sup> Isso demonstra que na fronteira islâmico-bizantina havia uma auto-identificação entre os caudilhos de ambos os lados. O ciclo épico bizantino que aqui tratamos exprime isso.

Os muçulmanos, apesar de infiéis, podiam possuir as mesmas virtudes aristocráticas que os heróis bizantinos, mas em menor grau obviamente. No *Cantar do Emir*, o Emir, apesar de ter sido derrotado pelo irmão mais novo de sua prisioneira, é retratado como um guerreiro extremamente valoroso e se não fosse tido na mais alta consideração, os irmãos da donzela nunca teriam aceitado, muito menos celebrado, o casamento dele com sua irmã mais nova. Religião e aristocracia eram campos de valores devidamente separados na fronteira árabe-bizantina. Na verdade, casamentos inter-étnicos, tanto na *Canção de Digenis* quanto na de *Armouris*, eram formas de apaziguar conflitos. Uma conclusão fantasiosa que poria fim à eterna guerra entre cristãos e muçulmanos, que nessa altura pouco tem a ver com Constantinopla e Bagdá ou Cristianismo e Islamismo, mas com vendetas internas entre membros das linhagens proeminentes de ambos os lados. Algo semelhante com o “... e viveram felizes para sempre” de nossas fábulas modernas. O público dessas obras sabia que o constante estado de guerra existente nas fronteiras dificilmente deixaria de existir, mas tais canções mostram o que era desejado ou esperado por aqueles que as liam ou as ouviam.

Nesse sentido, a “*Canção de Armouris*” é bastante especial, pois, durante a busca por seu pai, ele se serve de uma violência desproporcionalmente maior do que a observada em outras canções. Ele aleija um sarraceno que havia roubado seus

---

<sup>64</sup> HALDON. Op.cit. pp.244-245

armamentos, massacra um exército árabe de mais de cem mil homens e, ao responder por um pedido de moderação feito pelo Emir, Armouris responde de tal forma:

"Diga ao meu senhor - meu doce pai,  
que enquanto ver nossa casa - fechadas com duas fechaduras,  
enquanto eu ver minha mãe - vestida de negro,  
enquanto eu vejo meus irmãos - vestidos de negro,  
Onde encontrar um sarraceno - seu sangue hei de beber.  
E muito me enojam, hei de cair sobre a Síria,  
as ruelas da Síria - de cabeças encherei.  
Os riachos secos da Síria - de sangue os encherei."<sup>65</sup>

Apesar de ser exagerada, essa violência é representativa, pois a presença e o reconhecimento das virtudes de personagens muçulmanos nas canções de fronteira bizantina já foi erroneamente interpretado como um reflexo de uma sociedade mista de fronteira. Desse modo, não são somente dois universos que se deparam nesse contexto e sim vários. O Oriente Médio e o Cáucaso, onde as fronteiras orientais de Bizâncio se localizavam, eram e ainda são regiões de uma enorme riqueza étnica e cultural. Não afetados ainda pelas regras de limitação étnico-geográfica que o ideal de Estado-Nação impôs no século XIX, os grupos étnico-culturais estavam espalhados por esse enorme território. Armênios na Síria, sírios na Capadócia, georgianos na Macedônia e gregos na Palestina. Aliás, essa variedade e dispersão étnica eram defendidas e promovidas pelo poder imperial de Bizâncio. Era um sinal de que todos os povos do mundo se curvavam ao poder ecumênico do imperador romano, além de que aglutinações étnicas eram um dos ingredientes principais para formar rebeliões contra o poder central. Isso não demonstra, no entanto, uma sociedade mista. Na fronteira bizantina havia a exigência da escolha a que príncipe deveria se curvar, a que Deus adorar, a que costumes adotar: Império Bizantino ou Califado Abássida? A fronteira entre o Califado Abássida e o Império Bizantino era composta por vários pequenos domínios pessoais, principados independentes ou *toparchoi*, que eram a chave para qualquer projeto de conquista e domínio para qualquer um dos lados. A expansão oriental bizantina no século X e a absorção dos potentados da região do Cáucaso, demonstrada mais acima, é exemplar. Contudo, essa absorção desses potentados pelo Império Bizantino não se deu somente através da conquista. Aliás, a força bruta é a menos utilizada, os bizantinos preferiam seduzir os poderosos locais com títulos e rendas imperiais. Ao aceitar, ganhava-se *status*

---

<sup>65</sup> *Cantar de Armouris*. 171-183.

e acendia a inveja de poderosos rivais que passavam também a ansiar as mesmas honras e riquezas, que, num primeiro momento, tinham um custo extremamente baixo: era exigido somente um reconhecimento formal da autoridade bizantina, que na prática pouco significava, e algum eventual auxílio militar em caso de invasões ou campanhas ofensivas. Como no caso, relatado por Ahrweiler, de Melias, potentado armênio, que nos reinados de Leão VI, o Sábio (886-912) e Constantino VII (913-959), se aproximou dos representantes do poder imperial na fronteira leste e teve a chancela, através do título de *patrikios*, de criar uma *kleisurarquia* entre as *themata* de Charsianon e o Emirado de Melitene, que mais tarde se tornou a *themata* de Tzamandos, sendo Melias o *strategos* dela, resultando numa expansão significativa do território imperial.<sup>66</sup>

No momento que o potentado local, o *toparca*, aceitava esses benefícios, ele entrava no círculo de influência imperial e num gradativo processo de absorção. Em primeiro lugar, os filhos varões desses poderosos fronteiriços eram encorajados a completar sua educação em Constantinopla, junto ao Imperador, onde serviam como “apólices de seguro” caso seus pais pensassem em se rebelar e eram criados no círculo imperial. Desse modo, eles eram “bizantinizados” no mais alto grau e criavam relações pessoais com o imperador ainda mais próximas da que eles tinham com seus pais e sua região de origem. Para selar a relação, o imperador lhes cedia também títulos e cargos, principalmente no exército imperial. Esse processo tinha como objetivo tornar domínios independentes em províncias bizantinas, onde monges ortodoxos poderiam construir monastérios, agentes do fisco recolheriam impostos e tropas imperiais montariam acampamentos e fortalezas.<sup>67</sup> Esse processo era tão conhecido que Cecaumenos, no final do século XI, apesar de declarar-se continuamente um fiel servo do imperador, aconselha a esses potentados independentes a não aceitar as honras imperiais, pois isso era o mesmo que vender a própria liberdade.<sup>68</sup>

Para ter acesso aos títulos e cargos cedidos pela mão imperial, o poderoso fronteiriço deveria fazer uma escolha entre se “bizantinizar” ou se “islamizar”, pois não podemos deixar de pensar que um processo análogo existia dentro do mundo muçulmano. O processo de “bizantinização” desses potentados estrangeiros exigia o reconhecimento do imperador em Constantinopla como seu único senhor, adoção de

---

<sup>66</sup> AHRWEILE, Helene. *La Frontière et les Frontières...* pp.223-224.

<sup>67</sup> NEVILLE, Leonora. *Op.cit.* p. 28, AHRWEILE, Helene. *La Frontière et les Frontières...* pp.223-224. 222-224.

<sup>68</sup> CECAUMENOS. XVI.1.



costumes helenizados e conversão ao cristianismo ortodoxo. Essa última exigência foi bastante complicada, principalmente em relação aos armênios, que em sua maioria professavam um rito diferente dos ortodoxos, o monofisita<sup>69</sup>, porém, de uma forma geral, eram tolerados, pois eles eram numerosos e importantes demais naquela região para que o Imperador abrisse mão do seu apoio.

Peter Charanis defende que uma das causas do desmantelamento da fronteira oriental bizantina, a partir de meados do século XI, foi consequência de um aumento da repressão religiosa do governo imperial sobre seus súditos armênios, que eram os principais defensores de suas fronteiras. Tal repressão resultou, por parte dos armênios, em ações contra o Império. Facilitando a penetração e estabilização dos invasores sedjuicadas nessa região<sup>70</sup> Contudo, podemos perceber esse fato por um ângulo inverso. Seria essa repressão sobre os armênios monofisitas um reflexo, não a causa, de uma situação política cambiante em Bizâncio? Há sinais de que sim, pois houve, na ocasião, uma desestabilização no poder imperial que se refletiu nas províncias e fronteiras bizantinas. Talvez a intensificação de um rancor desde sempre existente nessas regiões, entre gregos ortodoxos e armênios monofisitas, tenha sido uma consequência do enfraquecimento do poder central, que controlava e reprimia tais sentimentos de ódio.

Retornando a questão da escolha, essa é um dos principais, senão o principal, tema dos cantares épicos bizantinos, excetuando a segunda parte da *Canção de Digenis Akrites*. Obviamente as escolhas, nesses cantares, são sempre para o lado de Bizâncio, como um reconhecimento da superioridade bizantina frente ao mundo sarraceno. Isso é perceptível no *Cantar de Armouris* quando o Emir da Síria decide libertar o pai de Armouris e propõe casar a filha com o herói. No *Cantar do filho de Andronikos*, quando o herói decide retornar ao seu pai, depois de viver muito tempo quase como um filho do Emir. E no *Cantar do Emir* quando o Emir da Síria decide se casar com a dama bizantina que havia raptado.

---

<sup>69</sup> A diferença básica entre o cristianismo ortodoxo, ou niceno, e o monofisita é que, enquanto a ortodoxia defende que Jesus Cristo tinha na verdade duas naturezas, uma humana e outra divina, os monofisitas defendiam que Cristo só tinha a natureza divina. Isso acarretou sérias divergências, uma vez que os monofisitas negavam que Cristo ressuscitou, uma vez que, sendo Deus e não homem, ele nunca poderia ter morrido em primeiro lugar, e que a veneração a Maria era errada, pois ninguém poderia ser mãe de Deus.

<sup>70</sup> CHARANIS, Peter. *Diversity and Breakdown of Byzantine Power in Asia Minor*. In: *Dumbarton Oaks Papers*, vol. 29. 1975. pp.1-20

Esse último episódio é bastante interessante e deve ser lido com bastante atenção. No texto Grotaferrata<sup>71</sup>, o Emir decide se casar somente por um impulso apaixonado. Ele afirma que em sua vida inteira nunca foi derrotado, mas, ao conhecer tal donzela, ele foi vencido pela sua beleza e, por isso estava disposto a abrir mão de tudo para casar com ela. Aqui vemos que o Emir foi conquistado por uma força que os autores dos romances helenísticos - obras que trataremos mais a frente ao analisar as influências sofridas durante a composição da *Digeneida* - chamavam de *pathos*, que é quando o herói apaixonado toma uma atitude passiva e se entrega às forças instáveis do Amor.<sup>72</sup> Porém, essa característica pode ser uma influência literária dos romances de cavalaria ocidental, que influenciou bastante os romances bizantinos pós-1204 e provavelmente influenciou o compilador do manuscrito Grotaferrata.<sup>73</sup> Na versão Escorial<sup>74</sup>, o Emir toma essa decisão porque o irmão da donzela o derrotou no duelo, por isso se sentia humilhado frente aos muçulmanos.<sup>75</sup> Portanto, sua conversão foi um reconhecimento da superioridade “romeica”, como o poema chama os bizantinos, pois, na narração da derrota do Emir, que era o melhor dentre todos os sarracenos, por um jovem que mal havia entrado na adolescência, o poema declara abertamente que mesmo um romano não tão ilustre é superior ao melhor dentre todos os muçulmanos. É quase uma provocação.

### 5.3. O micro-ciclo dos Doukas e as relações “aristocracia – poder imperial”.

O *Cantar do Filho de Andronicos*<sup>76</sup>, encontrada num manuscrito do século XVIII, narra, em pouco mais de cem versos, a história do filho de um general bizantino,

---

<sup>71</sup> Dig. Akr. G. I, 297-309.

<sup>72</sup> Sobre o conceito de *Pathos* vide BRANDÃO, Jacyntho Lins. Mito, Pathos e Ecfrase em Luciano (DE Domo 22). Comunicação apresentada no II Colóquio Internacional do GIPSA: “Imagem e discurso na Antigüidade Clássica”. Belo Horizonte: Outubro de 2000.

<sup>73</sup> A relação entre os romances de cavalaria ocidental e romances bizantinos é um ponto de muitos debates. Devido ao expansionismo ocidental do século XII e da abertura de alguns setores da elite bizantina para com a cultura ocidental, muitos assumem que a relação se deu através de uma relação unilateral do Ocidente para Bizâncio. Contudo, alguns estudos mais recentes mostram que essa relação cultural pode ter tido mais intercâmbios do que se imagina. Elisabeth Jeffreys deu ênfase à passagem que Leonor da Aquitania a Bizâncio durante a Segunda Cruzada (1145-1149), pois logo depois dessa visita essa rainha formou seu círculo literário que produziu os chamados *Roman d'Antiquité*. Vide JEFFREYS, Elizabeth. *The Comnenian Background to the Romans D'Antiquité*. In: Byzantion: Revue Internationale de Études Byzantines. Bruxelas: Sociedade Belga de Estudos Bizantinos: 1980. pp. 456-486

<sup>74</sup> Dig. Akr. E.144-177.

<sup>75</sup> Vide apêndice 2 no fim do trabalho para comparar os textos

<sup>76</sup> *Cantar de Andronico*. 1-103.

Andronikos (supostamente *Doukas*), que é raptado ainda na barriga da mãe pelo Emir. Assim, ele nasce no cativeiro e é criado conjuntamente pela sua mãe, bizantina e cristã, e pela esposa do emir, sarracena e muçulmana. Como é comum na tradição épica bizantina, ele tem um crescimento extremamente rápido, já aos três anos é um guerreiro completo e decide ir encontrar seu pai nos acampamentos bizantinos. Chegando ao acampamento, confronta seu pai que fica maravilhado com o filho que tem.

Esse cantar junto ao de Porfiris e outros mantidos pela tradição oral formam outro ciclo épico, o “Ciclo dos Doukas”. Apesar de em nenhum momento os cantares narrarem que seus heróis façam parte dessa linhagem, as tramas se relacionam fortemente com a história dessa família. Os Doukas eram uma linhagem aristocrática originada do *Thema* da Anatólia, então fronteira oriental bizantina e muito antiga, para os padrões da aristocracia militar bizantina. Os mais recuados registros desse nome familiar são do século IX. O primeiro membro dessa estirpe a ter uma maior projeção foi Andronikos Doukas, durante o reinado de Leão VI (886-912). Ele era um proeminente general quando se rebelou contra esse imperador. A razão da rebelião foi a decisão de Leão VI de se casar pela quarta vez para legitimar o filho que teve com sua amante, contrariando leis eclesiásticas da Igreja Bizantina. O Patriarca de Constantinopla, resistindo a essa idéia, incitou Andronikos a rebelar-se. A insurreição foi infrutífera, pois muitos de seus soldados desertaram para o Imperador e entregaram o envolvimento do patriarca na revolta. O Patriarca, encurralado, aceitou o quarto casamento de Leão VI e Andronikos Doukas isolado, se exilou em Bagdá, com vários seguidores e seu filho Constantino Doukas. Em 907, o imperador Leão VI, seguro de seu poder, lançou uma anistia geral para com os rebelados e muitos puderam voltar, incluindo Constantino Doukas, que foi apontado como *strategos* do *Thema* da Chaldia.

Leão VI morreu em 912, deixando o poder dividido entre seu irmão Alexandre e seu filho Constantino. Alexandre reinou pouco tempo, morreu em 913 e deixou como sucessor Constantino VII (913-959) ainda criança. O patriarca de Constantinopla, Nicolau, instigou Constantino Doukas, no momento *Domestikos* da *Scholae*, ou seja, comandante-em-chefe do exército imperial, a rebelar-se também, pensando que seria preterido do cargo de regente. Entretanto, para surpresa de Nicolau, o imperador Alexandre o nomeou regente de Constantino VII antes de morrer. Dessa forma, o Patriarca não precisava mais de Constantino Doukas, mas a ambição dele havia sido instigada. Assim, ele tentou tomar o poder de qualquer forma, invadindo o palácio

imperial com suas tropas. Contudo, a guarda palaciana resistiu e conseguiu conter a invasão, matando Constantino, seus filhos e suas tropas.<sup>77</sup>

A semelhança entre a história de Andronikos e Constantino Doukas com a história contada pelo *Cantar do Filho de Andronicos* é marcante. Provavelmente foi inspirada nos feitos dessas figuras que os cantares do Ciclo dos Doukas foram compostos. Também é bastante provável que o *Cantar do Emir* tenha sido originalmente parte do Ciclo dos Doukas, uma vez que a donzela raptada e seus irmãos se declaram parte dessa linhagem, sendo um deles chamado Constantino e o pai tendo sido espoliado de suas propriedades e exilado por conspiração. De forma que não seria precipitado conjecturar que esses cantares tenham sido compostos sob encomenda de descendentes de Andronikos e Constantino Doukas, com o objetivo de imortalizar os feitos de seus ancestrais, cuja principal realização foi se rebelar contra o imperador. Na realidade, um dos principais traços do “Ciclo épico dos Doukas” é sua posição anti-imperial. No “*Cantar do Filho de Andronicos*”, o herói, após seu rápido crescimento decide ir confrontar seu pai, Andronikos e, declarando não ter medo de nada e de ninguém, declara que “*não temo Pedro Phokas, - nem Nicéforo / nem Pedrotrajilo, - e a terra e o mundo tremente. / [e se a guerra é justa, nem mesmo Constantino]*”<sup>78</sup>. Nesse trecho, o “Pedro” que o herói não teme é uma provável referência ao aristocrata e *strategos* de Armeniakon Bardas Phocas (878-968) e o “Nicéforo” poderia ser tanto seu pai, Nicéforo Phocas, o Velho, ou seu filho, Imperador Nicéforo II Phocas (963-969). Provavelmente, o Constantino mencionado pode ser uma referência ao representante da dinastia Macedônia, o imperador principal Constantino VII Porfirogenito (913-945). Outros cantares desse ciclo, como o de Porfiris e de Constantino, narram confrontos abertos contra o Imperador.

De forma geral, nem o Imperador nem qualquer braço do poder imperial são importantes no ciclo épico bizantino de fronteira. Nem um representante da Igreja Bizantina se faz presente, nem mesmo os monges, tão numerosos e influentes por todo contexto provincial bizantino. Da administração e seus representantes, observamos somente alguns *strategoi*, mas esses surgem como príncipes autônomos que aparentemente nada têm a ver com o poder imperial. No principal representante desse ciclo, a *Canção de Digenis Akrites*, a *Romania*, isto é, “a terra dos romanos” ou o

---

<sup>77</sup> TREADGOLD, Warren. *Op.cit.* pp.467-473.

<sup>78</sup> *ni teme a Petro Focas, - ni a Nicéforo tampoco / ni tampoco Petrotrájilo, - y la tierra y el mundo tiemblante. / [y si es una guerra justa, - ni siquiera a Constantino.* In: *Cantar de Andronicos*. 12-14

Império Bizantino, é descrita de forma completamente tradicional, como a herdeira do helenismo e protetora da ortodoxia cristã, se não fosse um detalhe: paradoxalmente, o Imperador, a outra base do tripé identitário bizantino, parece não existir. Com exceção de um episódio em que Digenis e o Imperador se encontram em algumas versões, incluindo a Grotaferrata. Porém, esse episódio é curiosamente deslocado da narração principal, pois a presença imperial nas fronteiras de Digenis não tem nenhuma consequência na trama e aparece como um elemento de fora.

Esses cantares demonstram uma visão muito arraigada nessa elite de que as *themata*, principalmente as fronteiriças, apesar de serem parte do Império e, por isso, submetidas à autoridade do imperador em Constantinopla, eram área de domínio desses potentados. Os imperadores, nos séculos IX e X, para assegurar o domínio dos longínquos territórios fronteiriços, cederam uma grande parcela de poder para os potentados locais, que se tornaram gradativamente mais poderosos politicamente, através da intensa militarização e formação de exércitos particulares (as *hetairéia*), e economicamente, através da concentração de terras. Ainda que os chefes fronteiriços necessitassem do favor imperial para a edificação de suas fortunas familiares e suas áreas de influências locais, os cantares épicos demonstram suas intenções em se afirmarem como potentados autônomos e assumirem uma postura defensiva em relação ao poder imperial.<sup>79</sup>

#### **5.4. Postura afirmativa das fronteiras: pontuações sobre o universo akrítico dos séculos IX, X e XI.**

Os apontamentos aqui feitos são somente um pequeno resumo de como o ciclo épico bizantino se relaciona com a poderosa aristocracia akrítica dos séculos IX e, especialmente, X. Portanto, é possível ligar esses cantares à identidade, valores guerreiros e linhagísticos dessa aristocracia de fronteira, apesar de terem nos chegado em manuscritos bastante tardios. Isso é possível se uma análise histórica coerente for realizada, filtrando as intrusões posteriores e trabalhando com o que essas obras trouxeram dos dias em que foram compostas e ouvidas nos salões aristocráticos nas fronteiras bizantinas. É isso que tentamos fazer aqui. Por conseguinte, também percebemos como tudo isso se relaciona com o antigo embate entre Bizâncio e o Califado, entre o Cristianismo e o Islamismo.

---

<sup>79</sup> PERTUSI, A. *Op.cit.* p. 268.

Logo, para compreender melhor as interações, trocas e poder, faremos um paralelo de três recortes espaço-temporais que pouco têm a ver um com o outro, além de fazerem parte da região que cerca o Mar Mediterrâneo: a colônia grega Massália na Antiguidade pré-conquista romana, o Marrocos pós-islamização e os territórios da fronteira oriental bizantina entre os meados do século IX até meados do século XI.

Massália (atual Marselha, França) foi uma colônia grega fundada por habitantes da Fócia, outra *poleis* na Anatólia que, por volta de 600 a.C, devido a uma invasão persa, foram forçados a vagar pelo Mediterrâneo até aportar na Gália, uma região predominantemente celta e extremamente longe dos centros da civilização grega no Mar Egeu. Arnaldo Momigliano<sup>80</sup> aponta que, apesar de viverem praticamente dentro do mundo celta, os massaliotas eram, dentro de todas as *poleis* helênicas, uma das que mais insistiam em seu caráter grego e aristocrático. Sua identificação helênica era tão forte que até a conquista romana - trazendo seus interesses pragmáticos em relação aos gauleses - os massaliotas nunca haviam se interessado pela enorme nação celta que vivia fora de seus muros. Apesar dessa consciência massaliota de superioridade helênica, havia interações entre gregos e celtas. A principal forma de contato entre os gregos de Massália e os gauleses era o comércio. Essa cidade era a ligação mercantil entre os povos celtas e germânicos com o mundo mediterrâneo. Os celtas vendiam aos gregos os produtos nativos de suas terras e os gregos vendiam aos celtas manufaturas como cerâmica e vinho. Mas, enquanto as absorções celtas pelos gregos - as que conhecemos - se limitavam a produtos e mercenários, os celtas apropriaram muito da cultura grega. Provavelmente, Massália foi onde os celtas aprenderam a beber vinho, cunhar moedas e escrever o alfabeto grego. Embora essas assimilações celtas de práticas relacionados aos gregos fossem conseqüências secundárias de suas relações comerciais, não vemos, pelo menos até a conquista da Gália por Júlio César, um projeto de helenização dos celtas.

Já o Marrocos medieval se encontrava, à semelhança de Massália em relação ao mundo grego, longe dos principais centros de poder do mundo islâmico. Ao ser conquistado na grande expansão muçulmana do século VIII, o Marrocos se tornou um dos extremos de um grande Império Islâmico centrado em Bagdá, mas, com o estabelecimento do Emirado (depois Califado) Omíada na Andaluzia, em 756, o Marrocos passou a se encontrar nas fronteiras de duas civilizações, andaluza e árabe,

---

<sup>80</sup> MOMIGLIANO, Arnaldo. *Os Limites da Helenização: Interação Cultural das Civilizações Grega, Romana, Céltica e Persa*. Rio de Janeiro: Zahar. 1975. pp. 51-70.

que, embora muçulmanas, eram bastante diversas. Ao mesmo tempo em que estava distante de qualquer centro de poder muçulmano, seja Córdoba, Damasco e Bagdá, o Islã marroquino sempre esteve próximo a ambientes não-muçulmanos, havia ali uma interação com o *ethos* bérbere. O Marrocos, na realidade, é um estreito território fértil de cultura sedentária e agrária entre o Mar Mediterrâneo e o deserto do Saara, um território dominado pelos berberes semi- ou não-islamizados que sempre representaram um risco para a cultura agrícola e sedentária do litoral. Por causa dessa localização fronteiriça, o Islamismo marroquino se tornou afirmativo, moralista e pretensamente ortodoxo. Aberto a homens-santos que vinham de escolas de centros islâmicos tradicionais, como Cairo e Bagdá, denunciavam a “impureza” do Islã local e propunham reformas que retornariam ao Islamismo original. Geralmente esse ímpeto reformatório criado por homens-santos era acompanhado por conquistas militares que excediam os limites do Marrocos, geralmente em direção da Andaluzia, como foram os casos dos Almôadas (1085-1145) e dos Almorávidas (1147-1238).<sup>81</sup> Entretanto, ao contrário do que observamos no contato entre celtas e gregos em Massália, onde houve uma absorção de instituições gregas pelos gauleses, mas não vemos nenhuma missão helenizadora, o Islã tinha um caráter universalista e catequético. Ser muçulmano não era e não é um direito de alguns escolhidos e sim uma possibilidade aberta a qualquer um que aceite as regras e dogmas islâmicos. Nesse sentido, havia o conceito de *Jihad*<sup>82</sup>, entendido genericamente como “guerra santa”, seria mais bem traduzida por “esforço” bélico ou não de espalhar o islamismo, defender e expandir o “*Bilad Al-Islam*”, ou a “Terra do Islã”.<sup>83</sup> Numa região fronteiriça como o Marrocos, essa vocação catequizadora foi de fato mais forte, mas curiosamente o ímpeto “*jihadista*” marroquino tornou-se reformista e, por isso, não se voltou somente aos não-muçulmanos (cristãos, judeus e pagãos), mas para dentro do Islã. Percebemos isso nas conquistas almorávidas e almôadas dentro da Andaluzia, pois elas foram motivadas por discursos que

---

<sup>81</sup> Uma boa análise sobre os desenvolvimentos do Islã marroquino é GEERTZ, Cliford. *Observando o Islã*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1968

<sup>82</sup> Jihad significa, em sua raiz arábica, “esforço”. Como conceito islâmico, pode ser traduzido como o esforço para espalhar o Islamismo. Uma das interpretações desse termo é usada para justificar a guerra feita para expandir o islamismo. Os primeiros a adotarem tal interpretação fizeram-no durante a fase inicial de expansão, durante os séculos VI ao VIII, e depois foi adotada novamente pelos povos turcomanos recém-convertidos nos séculos X e XII.

<sup>83</sup> Sobre a *Jihad* vide HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. pp. 205-207

afirmavam que o Islã Andaluzo tinha saído do caminho correto e, portanto, necessitava da retidão marroquina para corrigi-lo.

Por último, retornamos ao nosso assunto principal: as fronteiras orientais bizantinas e seus potentados, os *akritai*, nos séculos IX ao XI. Bizâncio, assim como os gregos e os muçulmanos, tinha a sua “proposta civilizadora” que se achava acima das demais, mas, também à semelhança dos muçulmanos e diferentemente dos gregos, a proposta bizantina era universalista, isto é, aberta a qualquer um que quisesse aderir-lo. Sendo assim, nos três casos estudados percebemos fatores semelhantes, apesar de a aristocracia helênica de Massália, os reformistas marroquinos e os *akritikon strategoi* bizantinos estarem longe de seus centros políticos, isso não quis dizer necessariamente que estavam mais abertos às influências dos seus vizinhos mais próximos (celtas, beduínos e muçulmanos respectivamente). Não chego a afirmar que não houve absorções, pois elas existiram, mas, pelo fato de que cada um desses universos analisados fazer parte de uma, como eu nomeio, “proposta civilizadora” afirmativa, a proximidade com outros contextos só fez reafirmar sua própria identidade como grego, muçulmano, ou “*romaikos*”, como os bizantinos se autoneameavam. Percebemos claramente essa superioridade bizantina quando Armouris subjuga os seus oponentes de forma humilhante cada vez que encontra um muçulmano em seu caminho ou quando, no “*Cantar do Emir*”, o Emir da Síria, vencedor de inúmeras batalhas, conquistador de cidades, é derrotado pelo irmão da donzela que havia raptado e que mal havia entrado na adolescência.

Ao mesmo tempo, entretanto, essa auto-afirmação não significava que os fronteiriços se fechavam em si. Ao contrário, o que observamos é o surgimento de uma “vocação civilizadora”. Apesar de a xenofobia helênica ter resultado numa indiferença em relação aos seus vizinhos gauleses, alguém os ensinou a escrever em grego, apreciar cerâmica e beber vinho. O Marrocos incorporou, em sua rigidez religiosa e na sua distância dos principais centros muçulmanos, uma vocação missionária, não somente em relação aos não-muçulmanos, mas também tendo um papel de reformador religioso entre os muçulmanos. No Império Bizantino havia uma visão de mundo centrada na figura real e simbólica do Imperador em Constantinopla e quantas foram as comparações solares feitas com o poder imperial? Não há necessidade nem de citá-las. Todas afirmavam que o Imperador era como o Sol, seu Império era onde seus raios iluminavam e as terras onde seu poder não alcançava estavam fadadas à escuridão. Os *akritai*, apesar de suas pretensões de independência política e freqüentes atritos com o



poder central, de forma alguma queriam sair dessa construção solar do mundo e ainda acreditavam que tinham um papel importante nele, que era defender as terras iluminadas pelo Imperador-Sol e derrubar as barreiras que impediam que seus raios avançassem ainda mais. Dessa forma, compreendemos alguns pontos importantes em relação aos *akritai*; suas guerras pessoais empreendidas em territórios limítrofes àqueles que os *akritai* dominavam, como fizeram os Phokas contra o Emirado de Tarso. A obrigação de defenderem de forma independente as fronteiras conforme recomendou o velho Cecaumenos. E o importante papel que os *akritai* tinham de ser os primeiros canais de contato entre o poder imperial e os potentados do outro lado da fronteira que pretendiam abraçar a causa imperial, adquirindo títulos e cargos, conforme aconteceu no caso da aproximação de Melias com os *strategoi* da fronteira oriental, durante o reinado de Leão VI.

Aqui fechamos a primeira parte dessa dissertação, na entrada desse século XI que foi ao mesmo tempo tão conturbado e produtivo para a civilização bizantina. No início desse século, a aristocracia anatólica era uma elite derrotada em seus levantes contra o imperador-guerreiro Basílio II, em 978 e 986, mas ainda bastante poderosa e arraigada às suas províncias de origem. No final desse mesmo século, essa elite estava fragmentada, parte das linhagens anatólicas estava deslocada e despossuída pelas invasões turcas, mas outra estava estabelecida em Constantinopla e finalmente detentora do poder imperial. São com esses, os segundos, que iremos aqui relacionar a composição da *Canção de Digenis Akrites*. Não como uma compilação nostálgica dos antigos cantares de fronteira, mas como uma obra original ligada ao triunfo político de um grupo aristocrático. Embora quase toda a elite anatólica tenha sofrido com as instabilidades políticas e militares do século XI, um importante grupo de famílias anatólicas militarizadas abrangendo os Comnenos, Doukas, Diógenes, Melissenos, Taronites, Tornikes, Dalassenos, entre outras conseguiu se organizar politicamente e formar uma facção forte o suficiente para tomar o trono imperial para si.

## **2ª PARTE: ... PARA CONSTANTINOPLA**

### **CAPÍTULO 6: O ALÇAMENTO DOS COMNENOS, MANZIKERT E MAIS CRISE POLÍTICA NO SÉCULO XI.**

#### **6.1. A “crise” do século XI: debates interpretativos**

No projeto de Basílio II de beneficiar outras e novas linhagens aristocráticas para contrabalançar o poder das antigas, os Comnenos foram favorecidos. Um dos primeiros membros dessa família a se destacar foi Manuel Comnenos Erotikos. Ele defendeu habilmente a cidade de Nicéia para o imperador Basílio II (976-1025) durante a revolta de Bardas Skleros e, por isso, conquistou a estima desse imperador. Basílio II, então, promoveu a ascensão política dessa obscura linhagem, provavelmente proveniente da cidade de Kastamouni, estabelecida na região próxima da fronteira mas não fronteira entre a Paflagônia e Ponto. Porém, há sinais de uma origem trácia para eles.<sup>84</sup> A ascensão dos Comnenos foi tão expressiva que o filho de Manuel, Isaac Comnenos se tornou imperador por poucos anos, entre 1057 e 1059, devido ao tumultuoso contexto político bizantino depois da morte de Basílio II. Entretanto, a vertiginosa ascensão dos Comnenos foi interrompida pelas conseqüências da derrota para os turcos-sedjucidas em Manzikert, no ano de 1071 e como grande parte da aristocracia provincial bizantina, os Comnenos foram forçados a migrar definitivamente para a capital Constantinopla devido à conseqüente invasão Sedjucidas que adveio após essa derrota.

Os turcos são de uma etnia procedente da Ásia Centro-oriental e, desde o reinado do Califa Al-Mutasin (833-842), eram utilizados como soldados-escravos, ou *mamluks*, pelos Abássidas. Eles eram preferidos aos guerreiros árabes, pois os soldados-escravos não tinham ligações com nenhum grupo político ou religioso. Eram capturados ainda crianças e criados sob a supervisão do Califa. Contudo, no decorrer do século X, o caráter da presença turca no Califado mudou. Populações turcas migraram para o oeste devido a mudanças no contexto da Ásia Oriental, uma dessas populações foram os Sedjucidas, chamados assim devido à Sedjulk, fundador da família que acaudilhava esse grupo. Em 970, entraram no Califado e foram imediatamente convertidos ao Islamismo Sunita. Gradativamente, os sedjucidas conquistaram o Irã e, em 1055, ocuparam Bagdá, destituindo os buáidas, uma dinastia xiita de origem iraniana que havia capturado essa cidade e se tornado protetora do Califa desde 945. A partir da

---

<sup>84</sup> CHEYNET, Jean-Claude. *Op. cit.*, 219.

conquista de Bagdá, os sedjucidas levaram a cabo um novo *jihad* contra os xiitas, conquistando o Iraque, Síria e Palestina, com o objetivo de novamente unir todo o Islã sob o domínio do califa sunita, que, desde a conquista de Bagdá, estava sob proteção e domínio sedjucida.<sup>85</sup>

O principal adversário dos sedjucidas para completar esse projeto foram os Califas Fatímidas do Egito, para isso, já na metade do século XI, o território bizantino era usado pelos sedjucidas como cabeça-de-ponte para seu *jihad*. Por isso, algumas fortalezas fronteiriças bizantinas na Síria e no leste da Ásia Menor foram atacadas e ocupadas. Conseqüentemente, mais e mais vezes exércitos bizantinos e sedjucidas se encontravam em campo de batalha, até que o imperador bizantino Romano IV Diógenes (1068-1071) resolveu que daria fim na presença turca na Ásia Menor. Para tal, reuniu uma imensa força – os relatos variam de 40.000 a 100.000 homens - e marchou até Manzikert, na fronteira armênia do Império com o Califado.

O exército bizantino havia mudado muito desde a morte de Basílio II e essa expedição era um reflexo da situação política bizantina no período: de longe, ainda impressionante e intimidadora, mas de perto, extremamente frágil. O exército era composto de mercenários estrangeiros e dos exércitos das *themata*, as forças provinciais, que há algum tempo se encontravam abandonadas e por isso, eram inconfiáveis em campo de batalha. Comandados por oficiais que, em Constantinopla, competiam entre si em disputas políticas, fazendo esses chefes militares tão inconfiáveis quanto seus soldados. O resultado da batalha de Manzikert foi uma decorrência dessa situação. O exército bizantino, apesar de incomparavelmente maior, não foi capaz de derrotar os sedjucidas e o imperador foi obrigado a ordenar uma retirada. Retiradas são completamente diferentes de fugas, pois devem ser organizadas e meticulosamente realizadas. Então, para essa operação, era necessário um alto grau de disciplina e moral alta. O exército bizantino em Manzikert era uma força frágil e, por isso, fácil de ser desmoralizada, de modo que a retirada exigiu recursos que as forças bizantinas não tinham. Ainda mais se pensarmos que a retirada em Manzikert foi executada sob intenso assédio sedjucida, que atacava os bizantinos por todos os lados munidos de seus rápidos cavalos e habilidade em arquearia. Também há relatos de que um dos oficiais,

---

<sup>85</sup> Um bom resumo sobre o surgimento e ascensão dos sedjucidas vide LEWIS, Bernard. *Op. cit.* pp. 271-279, HOURANI, Albert. *Op. cit.* pp. 120-279, CROUZET, Maurice. *História Geral das Civilizações: volume 7*. Rio de Janeiro: Bertrand. 1994. pp. 95-104.

Andronicos Doukas, parente do principal adversário de Romano IV, o co-imperador Miguel IV Doukas (1067-1078), espalhou a notícia falsa de que o imperador havia fugido. Seja pelo boato, seja pela fragilidade das forças bizantinas, a retirada supostamente organizada transformou-se em uma fuga caótica, resultando numa catástrofe, pois o enorme exército bizantino foi disperso e destruído. O imperador foi deixado só em campo de batalha, para, por fim, ser capturado, o que nunca havia acontecido com um imperador bizantino.<sup>86</sup>

As causas e as conseqüências da derrota em Manzikert são assuntos para debates historiográficos acirrados. Tem se culpado a desmobilização dos exércitos do *thema* fronteiriço da Ibéria feita por Constantino IX Monomachos (1042-1055) pelo fim do esquema defensivo das fronteiras e a conseqüente perda da Ásia Menor.<sup>87</sup> Contudo, é simplista culpar as ações de um só homem, mesmo que esse homem tenha sido um imperador, por um processo histórico tão largo e complexo.

Essa iniciativa de Constantino IX foi um dos principais fatos nos quais se fundamentou a leitura da crise política do século XI como resultado do embate entre as casas militares (*stratitikon genon*) e as casas civis (*politikon genon*), pois esse imperador, sendo de uma família com tradição no serviço civil, os Monomachoi, teria tomado a decisão de desmobilizar as tropas da fronteira para enfraquecer o partido militar. Apesar do enfraquecimento dos potentados fronteiriços ter sido uma conseqüência imediata das ações de Constantino IX, é difícil imaginar que a desestruturação do sistema defensivo bizantino tenha sido interessante a longo prazo para qualquer imperador, seja ele proveniente de uma família de tradição civil ou militar.

Tal leitura histórica embasada num embate entre dois estratos coesos sócio-econômicos (aristocracia civil e militar), como foi proposto por Georges Ostrogorsky e por Alexander Kazhdan demonstram uma perspectiva marxista da História. Isso se dá, pois ambos, Ostrogorsky e Kazhdan, sendo respectivamente iugoslavo e russo, tiveram sua formação historiográfica no outro lado da cortina de ferro durante a Guerra Fria. Alexander Kazhdan, emigrado para os Estados Unidos no final dos anos 70, levou adiante a leitura de Ostrogorsky, percebendo a crise política bizantina do século XI

---

<sup>86</sup> Sobre a Batalha de Manzikert vide TREADGOLD, Warren. *Op.cit.* pp. 602-603. & ANGOLD, Michael. *Byzantine Empire, 1025-1204....* pp. 44-48.

<sup>87</sup> TREADGOLD, Warren. *Op.cit.* pp.595-596

como um embate entre dois projetos políticos. Um projeto centralizador que conservaria um modelo de Império estruturado em seu enorme aparato burocrático, por isso defendido por aqueles que o dominavam, isto é, pelo *establishment* da elite civil, a qual, com o fim da dinastia Macedônia, teve de lutar pela manutenção de seu *status quo*. O segundo projeto era descentralizador ou “feudalizante” – como prefere Kazhdan - da aristocracia militar, que defendia a simplificação da burocracia e a patrimonialização do poder. No fim, o projeto descentralizador acabou triunfando com a ascensão de Aleixo I, em 1081.<sup>88</sup>

Essas interpretações da História bizantina têm seus méritos e de forma alguma serão postas de lado no desenvolver dessa análise, pois se ligam aos paradigmas e grandes modelos interpretativos, mas deixem arestas a serem aparadas. Como observamos acima, Cheynet aponta que as tradições militares e civis dentro de certas linhagens não ditavam leis, então não houve nenhum constrangimento para membros de famílias de tradição civil em ocupar um posto militar e vice-e-versa, assim como se associar politicamente ou por matrimônio com linhagens de outra tradição aristocrática. Assim, para termos uma resposta mais clara para essa agitação política dentro do mundo bizantino, devemos analisar também a situação conjuntural do Império.

## **6.2. De Basílio II a Aleixo I: Ebulição política, enriquecimento econômico e descentralização do poder.**

Michael Angold acredita que o fim da fronteira oriental bizantina foi um largo processo iniciado após a morte de Basílio II.<sup>89</sup> Os imperadores-guerreiros do fim do século X, mas principalmente Basílio II, fundamentaram as bases da autoridade imperial numa política extremamente agressiva e autoritária, que foi de manutenção extremamente difícil para seus sucessores (vide capítulo 4), pois as finanças do Império não conseguiam mais manter essa política guerreira e a situação econômica se degradou rapidamente. Os gastos militares consumiam rapidamente a receita do Império e ainda havia outro fator que acelerava a degradação financeira, que, ironicamente, era resultado do crescimento econômico que marcou essa época: a banalização dos títulos cortesãos, principalmente senatoriais.

---

<sup>88</sup> KAZHDAN, A. P. & EPSTEIN, Ann Wharton. *Op. cit* pp. 24-73

<sup>89</sup> ANGOLD, Michael. *The Byzantine Empire, 1025-1204....* pp. 46-48

Os séculos XI e XII têm sido observados pela historiografia mais recente como uma época de enriquecimento econômico da sociedade somada a uma depauperação das contas públicas. Houve um grande número de indivíduos ligados a atividades mercantis e manufatureiras que prosperaram, tornando-se extremamente ricos. Entretanto, numa sociedade como a bizantina, fortuna não dava *status* social por si só, desse modo a distribuição de títulos saciava a necessidade de reconhecimento social para esses novos-ricos, do mesmo modo que era uma forma desses imperadores pouco legitimados que se seguiram após o fim da Dinastia Macedônia, com a morte de sua última representante em 1056, angariarem rapidamente apoio. Ainda há que se destacar que a população de Constantinopla, depois de muito tempo, voltou a ser uma força política ativa. Foi o *populus* constantinopolitano que destronou Miguel V (1041-1042) quando esse afastou a muito popular Zoe, sobrinha de Basílio II, do trono.<sup>90</sup> Portanto, agradar os novos-ricos era uma forma do poder imperial angariar o apoio dos estratos populares da capital, provavelmente para criar intermediários entre estes e o palácio. No entanto, essa política teve suas limitações. Apesar do Senado de Constantinopla ter sido uma instituição relativamente aberta aos novos ricos, a inserção nele era realizada de forma homeopática. Os imperadores do século XI, entretanto, abriram o Senado com pouca parcimônia. Portanto, a antiga aristocracia senatorial viu o seu principal sinal de *status* perder muito do seu brilho, uma vez que essa banalização dos títulos pôs os novos ricos no mesmo patamar da antiga elite. A pior consequência dessa abertura foi a econômica, pois o peso das pensões anexas aos títulos se tornou insustentável ao tesouro imperial, já pressionado pelos pesados encargos militares. Para tentar aliviar a pressão financeira que a crescente demanda por moedas causada pelo pagamento de pensões e o aumento das atividades econômicas exerciam sobre o tesouro imperial, sucessivas desvalorizações, entre 1054 e 1081, diminuíram a quantidade de ouro da *nomisma*<sup>91</sup> de 24 para 8 quilates, para assim poder cunhar mais moedas com quantidades menores de ouro.<sup>92</sup>

As consequências dessas medidas foram inflação e uma crescente incapacidade do poder imperial de sustentar o enorme complexo cortesão, administrativo e militar

---

<sup>90</sup> Sobre os estratos mais baixos da sociedade Constantinopolitana e sua participação política vide CHEYNET, Jean-Claude. *Op.cit.* pp.203-204.

<sup>91</sup> A *nomisma* era a moeda padrão bizantina na qual o imposto era recebido e os salários da complexa burocracia bizantina e do exército eram pagos.

<sup>92</sup> ANGOLD, Michael. *The Byzantine Empire, 1025-1204.....* pp. 82-98

que havia sido montado. Para manter o caro apoio da nova riqueza mercantil, imperadores como Constantino IX Monomachos(1042-1055) e Constantino X Doukas (1059-1067) desmobilizaram grande parte das tropas do Império, principalmente nas fronteiras, para que os recursos que eram utilizados para a estrutura defensiva bizantina foram redirecionados para pagar as pensões daqueles agraciados por títulos honoríficos... Alguns imperadores observaram como essa política era prejudicial e reagiram a ela. Isaac I Comnenos (1057-1059), com o objetivo de restaurar o poderio militar bizantino, cancelou o pagamento das rendas anexadas aos títulos, porém essa política o isolou e criou ressentimento em Constantinopla, o que resultou em sua deposição.

Desde a morte de Basílio II, em 1025, mas principalmente depois da morte da imperatriz Teodora, a sobrinha desse imperador e última da Dinastia, se estabeleceu uma crise sucessória que gerou um círculo vicioso, pois, para se firmarem no poder, os imperadores que sucederam aos Macedônios passaram a abrir mão de grande parte do tesouro para comprar apoio através dos títulos. Medida que a longo prazo causava ruína econômica e, conseqüentemente, política de seus reinados. Aqueles que tentavam combater essa prática sofriam resistência daqueles que eram beneficiados pelos títulos e, assim, eram também rapidamente destronados.

Já nas províncias bizantinas o enfraquecimento da autoridade imperial teve outras implicações. Nos séculos X ao XII, o Império Bizantino viveu um renascimento urbano e comercial, que reergueu as cidades e suas instituições depois de um largo período de decadência, causado pelas mudanças políticas e invasões do século VIII.<sup>93</sup> Em Bizâncio, a urbanização foi um processo que surgiu paralelamente e associado à ascensão das aristocracias locais, de forma que essas elites locais ascendentes e as populações urbanas associaram-se para fazerem frente ao poder imperial nos séculos XI e XII.

As populações locais, tanto das cidades quanto do campo, sofriam com a rispidez das tropas estacionadas nas províncias e com os coletores de impostos. A partir do século X, a maioria do exército bizantino não mais era composta pelas milícias das *themata* formadas por habitantes locais, mas por forças mercenárias, nativas ou estrangeiras, que nada tinham a ver com os locais onde estavam estacionadas e mais se

---

<sup>93</sup> KAZHDAN. A. P. & EPSTEIN, Ann Wharton. *Op. cit* pp. 31-38.

assemelhavam a uma força de ocupação do que um exército imperial. A partir do século XI, muitos são os relatos de soldados bizantinos que assaltaram e prejudicaram a população provincial.<sup>94</sup> A necessidade de recursos exigida pela crescente corte imperial e pela total falta de organização fiscal acarretada pelas sucessivas desvalorizações da *nomisma*, já que não era claro com quais das várias *nomismata* o imposto deveria ser pago, abria espaço para os coletores de impostos, desde sempre figuras extremamente impopulares no imaginário bizantino, agravarem sua opressão sobre as populações provinciais.

Até 1025, a política autocrática de imperadores guerreiros como Basílio II em relação às províncias e suas elites havia conseguido, com algum sucesso, controlar a tendência centrífuga que afastava as elites das províncias da autoridade imperial. Contudo, no decorrer do século XI, a crise de legitimidade, que impediu o surgimento de qualquer liderança mais enérgica dentro do poder imperial, enfraqueceu estruturalmente a autoridade do poder central de Constantinopla sobre as províncias, pois os meios em que essa autoridade era exercida, organização da defesa e recolha de impostos, se corromperam. As aristocracias locais, agora livres do rígido controle de uma autoridade imperial fortalecida, voltaram a suas tendências centrífugas naturais de querer se libertar das limitações impostas pelo poder central. Cada vez mais pressionados pela sanha fiscal dos coletores de impostos, que tornava a posse da terra mais um fardo do que um benefício, os pequenos proprietários rurais voltaram a vender suas propriedades para os poderosos. Devido à sua riqueza e influência política, muitos desses aristocratas foram agraciados por alienações, ou *exkouseia*, que livravam suas posses de qualquer obrigação fiscal.<sup>95</sup> Dessa forma, o enfraquecimento da presença do poder imperial nas províncias resultou num “vácuo” de poder que foi preenchido pelos potentados locais e apoiados em seu crescente poder econômico e militar, poderiam oferecer a proteção à população provincial que o poder imperial estava falhando em proporcionar. Vilas e cidades reconheciam tais potentados como seus senhores, fornecendo serviços, produtos e impostos em troca de proteção contra estrangeiros e contra o imperador.<sup>96</sup> A relação de ascendência que a linhagem Brienios tinha com a cidade de Adrianopla demonstra claramente esse processo histórico.

---

<sup>94</sup> HALDON. *Op.cit.* pp. 235-236.

<sup>95</sup> KAZHDAN. A. P. & EPSTEIN, Ann Wharton. *Op. Cit.* p.62

<sup>96</sup> ANGOLD, Michael. *The Byzantine Empire, 1025-1204.....* p. 92.



Devido ao caráter primeiramente nômade da ocupação turca e a expulsão da autoridade imperial da Anatólia, alguns aristocratas conseguiram ocupar esse vácuo de poder e resistir aos sedjulgidos. Contudo, a maior parte da aristocracia foi para Constantinopla ou para as províncias ocidentais do Império. Esse foi o caso dos Comnenos. Depois de sua meteórica ascensão política<sup>97</sup>, a derrota em Manzikert, em 1071<sup>98</sup> e a conseqüente deposição desse imperador revelaram-se como desastres políticos para essa família. A facção do imperador principal Miguel VII Doukas (1067-1078), o qual Romano IV Diógenes era somente o protetor, pôs os Comnenos em um limbo político e suas propriedades familiares em Kastamon foram tomadas pelos turcos. Anna Dalassena, mãe do futuro imperador Aleixo Comnenos e chefe da casa dos Comnenos desde a morte de seu marido, João Comnenos, em 1067, chegou a ser processada por traição, mas liberada com restrições. Isso porque havia uma aliança matrimonial firmada entre os Diógenes, a família do co-imperador deposto, e os Dalassenois. Apesar das rugas familiares, Anna Dalassena conseguiu formar uma aliança com os Doukas, casando seu filho Aleixo Comnenos com Irene Doukas, em 1078. Ela era neta do principal articulador político do imperador Miguel VII e seu tio, o *Caesar* João Doukas. Nessa altura, o *Caesar* João Doukas que havia sido um dos indivíduos mais poderosos do Império nos últimos vinte anos, estava velho e seu sobrinho, Miguel VII, havia sido forçado a tomar o hábito monástico ao ser destronado por Nicéforo III Botaneiates (1078-1081). João Doukas imaginou que a aliança com Aleixo Comnenos, um jovem e bem sucedido general, daria proteção à sua família depois que ele morresse.

Nicéforo III era um general proveniente da aristocracia militar com larga experiência no campo-de-batalha, mas, ao se tornar imperador, já era um homem velho, pois tinha aproximadamente 80 anos, portanto era claro que ele não seria o imperador que faria as reformas que o Império necessitava. Para governar, se apoiou principalmente em Aleixo e Isaac Comnenos, os dois filhos de Anna Dalassena. Foi uma questão de tempo para que os irmãos Comnenos tomassem a iniciativa e destronassem Nicéforo III. A questão sucessória foi o motivo. Nicéforo Botaneiates havia tomado o poder para proteger os direitos sucessórios de Constantino Doukas, filho de Miguel VII, se casando com a mãe do primeiro, Maria da Alânia, porém, ao longo do

---

<sup>97</sup> Vide capítulo 6.1.

<sup>98</sup> Sobre a Batalha de Manzikert vide TREADGOLD. Warren. *Op. cit.* pp. 602-603. & ANGOLD, Michael. *Byzantine Empire, 1025-1204*.... pp. 44-48.

seu reinado, ele deixou claro que planejava deixar o Império para um de seus parentes. Desse modo, surgindo como um defensor dos direitos sucessórios dos Doukas, Aleixo Comnenos destronou Nicéforo III e tomou o poder imperial em 1081.<sup>99</sup>

## **CAPÍTULO 7: O INÍCIO DO REINADO DE ALEIXO I E O ESTABELECIMENTO DOS *ARCHONTES KOMNENOI*.**

“Afinal, se Hercules não pode lutar com dois oponentes ao mesmo tempo, como diz o provérbio, isso não seria verdade para um jovem general que recentemente tomou posse de um Império corrupto, perecendo vagarosamente em um longo período de tempo e agora no seu limite, sem exércitos e sem dinheiro?”<sup>100</sup>

Em 1081, ano em que Aleixo Comnenos tomou a púrpura imperial, a situação política no Império Bizantino estava bastante complicada. Os bizantinos, sendo herdeiros do pensamento platônico-aristotélico e profundamente cristãos, percebiam nessa crise política um viés moral. Nesse sentido, o reinado de Aleixo Comnenos teve um caráter reformador e, por isso, é conhecido por ter sido bastante autoritário. Ele acreditava que a crise política que o Império estava sofrendo tinha sua origem na decadência moral da autoridade imperial que marcou os reinados de seus antecessores. Por isso, ele reviu os *charistike*, instituição em que os monastérios cediam sua tutela administrativa para leigos e esses poderiam se utilizar das terras pertencentes aos monastérios. Em muitos casos, os responsáveis pelas *charistike* eram membros da elite local que tinham uma pia e real preocupação pelos monastérios e faziam o melhor para beneficiá-los. Devido a essas iniciativas, muitos monastérios que provavelmente estavam fadados ao fracasso mantiveram-se e prosperaram. Por outro lado, há registros de alguns poderosos que tratavam e exploravam os monastérios como se fossem seus e os monges que lá habitavam como servos. Devido a esses casos, Aleixo I decidiu reformar essa instituição e ainda, para confirmar o caráter cristão de sua autoridade,

---

<sup>99</sup> ANGOLD, Michael. *The Byzantine Empire, 1025-1204*..... pp. 115-128.

<sup>100</sup> “After all, If Hercules could not fight two opponents at once, as the proverb says, how much more was it true of young general who had but recently acquired a corrupted Empire, slowly perishing over a long period all now at its last gasp, without armies and without money?” ANA KOMNENA. *Alexiada* Tradução de E.R.A. Sewters. London: Penguin, 1969 Livro 3, xi. Tradução nossa.

fundou o Orfanato de São Paulo, uma grande fundação filantrópica, que era além de orfanato, hospital, escola e asilo de idosos.<sup>101</sup>

O imperador processou João Ítalos, em 1082, por sua forte ligação com o neoplatonismo. Ele era um dos mais influentes pensadores bizantinos na época e ex-discípulo de Miguel Psellos (1017?-1078?). Se o dom de seu mestre foi a retórica combinada com certa desenvoltura política, o que fez de Psellos uma figura influente durante seguidos e conturbados reinados em que viveu, a habilidade de Ítalos era a oratória. Ana Comnena descreveu Ítalo da seguinte forma

“(...) seus escritos vestiam uma carranca e fediam a amargura, cheios de agressão dialética, e sua língua era carregada de argumentos, ainda mais quando ele discursava num debate do que quando escrevia. Tão poderoso era ele nos discursos, tão irrefutável, que seu oponente ficava inevitavelmente reduzido a um impotente silêncio.”<sup>102</sup>

Por causa dessa habilidade na retórica e na oratória, João Ítalo conquistou um grupo de seguidores e discípulos. Entretanto, Aleixo I, declarando-se um defensor da ortodoxia, considerou a influência e os ensinamentos de Ítalo como uma ameaça para seu projeto de reforma. Por isso, foi processado e preso, assim como alguns de seus discípulos.

Outro caso interessante foi a dos Bogomilos. O bogomilismo foi uma seita dualista aparentemente originada na Bulgária, o termo “bogomilo” é o búlgaro para “Caro a Deus”, mas com grande infiltração em Constantinopla na época de Aleixo Comnenos. Eles acreditavam que Deus tinha, ao contrário do que defende a ortodoxia cristã, dois filhos. O primeiro foi Satanael que, durante a criação do mundo, criou a matéria e tentou criar o homem, mas não conseguiu, já que o sopro da vida só podia ser dado por Deus. Jesus, o segundo filho de Deus, havia vindo para salvar a humanidade do mal inerente da matéria criada por seu irmão mais velho. Portanto, acreditando que tudo que fosse material era inevitavelmente mal, os bogomilos negavam a Igreja, seus sacramentos e sua hierarquia. Por essa afronta à Ortodoxia e pela popularidade que os

---

<sup>101</sup> Sobre as *charistike* no reinado de Aleixo I vide ANGOLD, Michael. *The Byzantine Empire, 1025-1204...* pp. 143-144, RUNCIMAN, Steven. *A Teocracia Bizantina.* ... pp. 107-108. Sobre o Hospital de São Paulo vide ANGOLD, Michael. *The Byzantine Empire, 1025-1204...* p. 145, ANA COMNENA. Livro 15, vii.

<sup>102</sup> “(...) *his writing wore a frown and in general reeked of bitterness, full of dialectic aggression, and his tongue was loaded with arguments, even more when he spoke in debate than when he wrote. So powerful was he in discourse, so irrefutable, that his opponent was inevitably reduced to impotent silence.*” ANA COMNENA. Livro 5, viii. Tradução nossa.

bogomilos atingiram na capital, Aleixo Comnenos decidiu agir contra essa seita, perseguindo-os. No fim, processou alguns bogomilos e queimou seu líder em uma cerimônia pública no Hipódromo de Constantinopla.<sup>103</sup>

Mesmo com a dura repressão de Aleixo I, que chegou a ser criticada mesmo pela hierarquia eclesiástica bizantina, o bogomilismo continuou a existir sub-repticiamente em Bizâncio e se espalhou para outras regiões da Cristandade. O Catarismo, surgido na região de Languedoc, na França, foi uma heresia de natureza maniqueísta e antimaterialista influenciada pelo bogomilismo, sendo reprimida de forma dura por uma cruzada especialmente mobilizada para combatê-la entre os anos de 1209 e 1229.

Nesses episódios, podemos enxergar um programa de governo de Aleixo I Comnenos. Ao processar Ítalos e os bogomilos, esse imperador tinha como objetivo extirpar as reminiscências dos reinados anteriores, moralmente corruptos que permitiram que o Império entrasse na situação crítica que se encontrava no fim do século XI. Portanto, Ítalos e seus ensinamentos, para Aleixo mais se assemelhavam ao paganismo do que ao cristianismo e foi o resultado da liberdade intelectual exagerada que seus antecessores autorizavam e incentivavam. Já o bogomilismo era outro tipo de produto desses tempos anteriores. Sua negação da matéria era uma reação negativa - uma “*espiritualidade cínica*” como descreve Warren Treadgold<sup>104</sup> - à decadência da autoridade imperial, que permitiu que os bárbaros deixassem o Império Bizantino tão somente com sua capital. Aleixo, através dessas ações, não só confirmava seu papel de paladino da ortodoxia, mas como aquele que levaria o Império Romano e a autoridade sagrada do imperador de volta aos dias de ouro, quando o Império podia dizer com segurança que era o maior poder dentro da *oikomene*, o mundo conhecido pelos bizantinos. Por ações como essas, Aleixo Comnenos foi considerado durante muito tempo como um anti-intelectual que não se interessava pela filosofia e pela arte. Conclusões como essa são precipitadas, pois se Aleixo era contra alguma filosofia ou arte era àquela ligada à corte de seus antecessores e, durante seu reinado, novas formas de expressão artísticas surgiram, sendo que uma delas a obra a quem dedicamos o presente estudo: *a Canção de Digenis Akrites*.

Apesar de seu enérgico início, Aleixo Comnenos sofreu pesadas críticas nesse período e tentativas de usurpação. O Império sofreu invasões simultâneas de

---

<sup>103</sup> ANGOLD, Michael. *The Byzantine Empire, 1025-1204...* p. 141-143, RUNCIMAN, Steven. *Op. cit.* pp. 108-109

<sup>104</sup> TREADGOLD, Warren. *Op. cit.* p. 558

petchenegos, normandos e turcos-sedjucidas e as poucas forças militares disponíveis foram perdidas em uma série de derrotas nos primeiros dez anos de reinado de Aleixo I. No início de seu reinado, normandos da Sicília comandados por Roberto Guiscardo desembarcaram na Grécia e conquistaram a cidade de Dirrhachyum e quase todo o norte dessa região, em 1082. Enquanto isso, os Petchenegos, um problema mal-administrado por imperadores anteriores, já eram quase independentes, pois não reconheciam nenhuma autoridade imperial e, na Anatólia, os turcos se enraizavam cada dia mais, abandonando seu modo de vida nômade e estabelecendo emirados na região. Então, para novamente formar um exército, ele reformou e endureceu o já duro sistema de coleta de impostos e confiscou propriedades eclesiásticas. As forças que Aleixo I podia dispor logo no início de seu reinado eram compostas pelo regimento dos *athanatoi* ou “imortais”, organizados no reinado de Miguel VII e composto com o que restou das antigas forças dos *themata* anatólicos depois da derrota em Manzikert, pelos *tagmata* dos paulicianos e *tagmata* da Trácia, mais algumas unidades mercenárias compostas por sedjucidas, francos e cumanos.

Aleixo também criou os *archontopouloi* ou “filhos dos senhores”. Era um contingente formado por dois mil filhos de soldados mortos em batalha. Provavelmente criado para ser um tipo de unidade de elite, uma vez que Aleixo dedicou atenção especial à sua mobilização e treinamento, mas, devido à sua inexperiência, essa unidade tão cara ao imperador foi derrotada e dispersada durante um ataque a forças petchenegas em 1090.<sup>105</sup> Aleixo ainda convocou de volta para Constantinopla as tropas que lutavam nos bastiões de resistência bizantina isolados na Ásia Menor e gradualmente aumentou o número de soldados nativos através das *pronoia*, mas sobre esses falaremos mais a frente. A força a disposição de Aleixo no início de seu reinado era de aproximadamente vinte mil homens. Muito pequena, se levarmos em consideração as múltiplas frentes de batalha contra as quais o Império lutava simultaneamente.<sup>106</sup>

Ciente da fragilidade do Império e da necessidade de ajuda de forças estrangeiras, principalmente apoio naval, Aleixo firmou o polêmico tratado com a República de Veneza, provavelmente, em 1083. Nesse tratado, Aleixo Comnenos cedeu aos venezianos portos no Império onde poderiam comerciar livremente, um bairro

---

<sup>105</sup> ANA COMNENA, Livro 7, viii

<sup>106</sup> Sobre as forças disponíveis no início do reinado de Aleixo I vide HEATH, Ian. *Byzantine Armies 886-1118*. Londres: Osprey. 1992. pp. 29-30. & HALDON, John. *Op. cit.* pp. 92-93. Sobre os *archontopouli* vide ANA COMNENA. Livro 7, vii.

exclusivo em Constantinopla e a isenção do imposto alfandegário bizantino, o *kommerkion*. Esse tratado foi visto pela historiografia quase como uma venda da alma de Bizâncio para o demônio, pois, no decorrer do século XII, ele se tornou a base do domínio econômico que os venezianos, ou os italianos em geral, tiveram sobre o Império. Por isso, Aleixo foi alvo de múltiplas críticas historiográficas. No entanto, ao invés de observar a questão sob a ótica de quem já conhece suas conseqüências, deveríamos perceber esse tratado sob as contingências do momento. Em primeiro lugar, Aleixo necessitava de ajuda militar imediata, pois, ao tomar Dirrachyum, um porto bizantino no Mar Adriático, os normandos estabeleceram linha de fornecimento entre a Itália e a Grécia, que possibilitaria o avanço até Constantinopla. Com o tratado, os venezianos forneceram o apoio que foi prometido e auxiliaram os bizantinos a expulsar os normandos da Grécia, provavelmente a ameaça mais grave que Aleixo Comnenos enfrentou no início de seu reinado.

Segundo, as taxas alfandegárias representavam uma parcela muito pequena da receita imperial bizantina, pois a maior fonte de renda para o erário eram os impostos fundiários e as rendas das propriedades imperiais trabalhadas por servos dependentes num sistema de corvéia semelhante ao praticado pelos grandes proprietários.<sup>107</sup> E, por último, esse tratado firmado com os venezianos não foi uma experiência nova implantada por Aleixo, pois ele foi muito semelhante a outros acordos firmados anteriormente com os russos e com os amalfitanos. A diferença é que Veneza, ao contrário dos principados russos e a cidade de Amalfi, se firmou posteriormente como uma potência comercial nunca vista antes na História do Mediterrâneo. Ainda mais, os historiadores que criticaram a medida de Aleixo, além de desconsiderarem as necessidades emergenciais do momento, não levaram em conta que não existia, na concepção de mundo bizantina, um ideal moderno de “economia”, portanto nem Aleixo, nem nenhum de seus associados, tinham como medir o impacto comercial e financeiro que esse tratado teria a longo prazo.<sup>108</sup>

Enquanto Aleixo retinha o máximo que podia de recursos materiais de seus tributários, seus críticos apontavam que os parentes do imperador prosperavam na medida em que o resto dos bizantinos, de todos os estratos sociais, empobrecia. Esse processo se deu através de uma prática política que surgiu nos politicamente instáveis

---

<sup>107</sup> ANGOLD, Michael. *The Byzantine Empire, 1025-1204...* pp. 89-90

<sup>108</sup> ANGOLD, Michael. *The Byzantine Empire, 1025-1204...* pp. 167-169. & KAZHDAN. A. P. & EPSTEIN, Ann Wharton. *Op. cit.* pp. 176-177

reinados que se seguiram à morte de Basílio II, quando só as relações de parentesco pareciam ser confiáveis. O que foi realmente uma grande mudança na tradição política bizantina, pois, até então, os parentes do imperador eram considerados seus maiores rivais. Dessa forma, foi trazido para dentro do palácio imperial, com a ascensão dos Doukas, o conceito aristocrático de *oikoi*, ou família estendida.

Com o fim das sociabilidades públicas promovidas pelas *poleis* clássicas, a principal unidade social bizantina era a família nuclear, mas o avanço territorial para o oriente de a partir do século IX inseriu, no mundo bizantino, populações originadas de sociedades basicamente clânicas, como armênios, georgianos e árabes e isso resultou numa mudança do conceito bizantino de família, que se expandiu.

A *oikos* é descrita por Evelyne Platagean como um “núcleo de parentes, mas o grupo inclui os ‘familiares’ (*oikeoi*), ‘servos’, escravos ou não (*oiketai*), até ‘homens’ (*anthropoi*) e amigos (*philoï*). (...) O *oikos* reúne apenas parte da parentela, quer dizer, do grupo quer se pensa solidário em função de seus laços de parentesco. A partir do século IX, e mesmo do final do VIII, (...) esses grupos começam a ter nomes de linhagem transmissíveis.”<sup>109</sup>

A *oikos* bizantina estava difundida por todo Império e por todos os estratos sociais, tanto que as grandes reformas legislativas dos séculos IX e X as consideravam como pessoas jurídicas e os chefes de famílias (*oikodespotes*) como seus responsáveis legais. O fisco bizantino as percebiam como unidades fiscais e as dividiam entre as *oikoi* civis e militares, sendo que as últimas tinham a obrigação de cederem um membro da família, com equipamento e armas, aos exércitos dos *themata*. Entretanto, as *oikoi* aristocráticas tiveram maior proeminência, por serem maiores, mais ricas e, principalmente, por passarem a representar projetos políticos relativamente unificados. O primeiro momento relevante em que o *oikos* como unidade política tentou se apoderar do poder imperial foi durante a revolta das grandes casas anatólicas Skleros e Phocas, no final do século X, mas a vitória de Basílio II e a conseqüente repressão adiaram sua elevação ao trono imperial por algumas décadas.<sup>110</sup>

---

<sup>109</sup> PLATAGEAN, Evelyne. *Bizâncio séculos X-XI*. In: ARIES, Philippe (org.). *História da Vida Privada* Vol. 1, São Paulo: Companhia das Letras, 1990. pp.548-549

<sup>110</sup> Sobre a *oikos* provincial bizantina vide NEVILLE, Leonora. *Op. Cit.* pp. 66-77, KAZHDAN, A & CONSTABLE, G. *People and Power in Byzantium*. Washington: Dumbarton Oaks. 1982. pp. 32-33, PLATAGEAN, Evelyne. *Bizâncio séculos X-XI*... pp.533-613

Já tratamos anteriormente como a revolta dos grandes potentados anatólicos não criou um sentimento anti-aristocrático em Basílio II, pois, ao mesmo tempo em que reduziu o poder das antigas casas, ele deu espaço para o surgimento de outras, como os Comnenoi, Dalassonoi e Brienioi, talvez para criar um contrapeso às antigas e mais poderosas linhagens. Depois de sua morte, essas mesmas famílias iniciaram a disputa pelo controle do poder imperial. Como defensores de imperadores ou como imperadores de fato. Considera-se que os primeiros a estabelecer as sociabilidades da *oikos* no palácio imperial foram Constantino X Doukas (1059 - 1067) e Miguel VII Doukas (1067 - 1078), que se apoiaram principalmente em seus familiares para governar, senão entregando o poder a eles. No entanto, essa base política familiar criada pelos Doukai não se institucionalizou, era tão somente um círculo de parentes que estava mais próximo do imperador do que o resto da corte, entretanto ela era parte desse ambiente cortesão, o qual Aleixo Comnenos percebeu que era decadente e não mais funcional. Por isso, Aleixo Comnenos levou a inserção da parentela no poder além. Ele governou com o intuito de construir um poder centralizado não apenas na figura imperial, como também na própria linhagem Comnenos. Esse processo da transferência de uma prática aristocrática bizantina de interações sociais das *oikoi* para uma escala superior é nomeada por Alexander Kazhdan e Ann Epstein como “patrimonialização” do Império.<sup>111</sup>

Antes de subir ao poder, Aleixo Comnenos já tinha uma base de apoio familiar bem estabelecida. Nela estavam os familiares de sua mãe, os Dalassenois e os Diógenes, família do imperador Romano IV e, ao se casar, Aleixo associou sua parentela aos Doukas, a dinastia imperial, aos Paleólogos, aos Melissenos e aos Taronites. Depois de sua ascensão, Aleixo I agregou à sua parentela outras linhagens, como membros da vasta linhagem anatólica dos Katalalones e também buscou incorporar as famílias de Adrianopla, como os Brienioi, que, depois da perda da Ásia Menor, representavam o principal grupo de linhagens dentro do oficialato militar bizantino. Aleixo Comnenos tentou, mas falhou, agregar à sua parentela os Gabras, todo-poderosos de Trebizonda, cidade no nordeste da Anatólia, que resistiram sozinhos à invasão turca e se tornaram um poder independente desde então. Provavelmente, viram que ganhariam muito pouco ao se unir à dinastia imperial e resistiram a inclusão imperial até 1140.<sup>112</sup>

---

<sup>111</sup> KAZHDAN, A. P. & EPSTEIN, Ann Wharton. *Op. cit.* pp.69-73

<sup>112</sup> Para mais sobre a estratégia político-matrimonial de Aleixo I vide MAGDALINO, Paul. *The Empire of Manuel Komnenos: 1143-1180*. Cambridge: Cambridge University Press. 1993. pp. 202-206.



A incorporação à parentela imperial resultava no recebimento de títulos honoríficos inteiramente novos criados por Aleixo I, que se sobrepuseram aos antigos títulos hierárquicos senatoriais e palacianos.(vide apêndice 3) Os graus de importância dos novos títulos dependiam da proximidade de parentesco com o imperador. O título *sebastokrator*, o mais importante título dos criados por Aleixo, era reservado aos filhos e irmãos do imperador e tornava seu portador em algo semelhante a primeiro-ministro. *Despotes* era o herdeiro do trono. O antigo título de “*Caesar*”, que até então estava somente abaixo do imperador, passou a ser de segundo-escalão e reservado aos cunhados do imperador. Os sobrinhos, tios e agregados a família recebiam os títulos de *sebastoi* ou *gambroi*. Logo, ao criar essas alianças com outras *oikoi* aristocráticas, Aleixo Comnenos quis assegurar seu poder, distribuindo-o, criando uma nova elite, os “senhores Comnenos” (*archontes komnenoi*) e um sentimento de grupo inédito em Bizâncio, baseado em uma nova idéia de bizantina de “nobreza” (*eugheneia*), que significava cada vez mais estar ligado por parentesco à dinastia reinante.<sup>113</sup>

O reinado de Aleixo marcou o início de um novo contexto cultural palaciano. Durante todo o seu reinado, ele se desdobrou para construir uma base de poder que o permitisse, e também a seus descendentes, permanecer no trono imperial. Então, Aleixo não encontrou outra solução senão reconhecer que o processo de descentralização que o Império Bizantino havia sofrido nos reinados anteriores era impossível de reverter e, portanto, ele teria que dividir o poder com outras linhagens da mesma origem aristocrática que os Comnenos. Contudo, a política de alianças era somente um dos artifícios disponíveis no momento, seria necessário também mudar a forma com o poder imperial se apresentava.

Em Bizâncio não há um conceito que possa ser traduzido exatamente como “nobreza”. Há o termo *eugheneia* que, em grego, significa “bem nascido”. Anteriormente ao surgimento da aristocracia hereditária, imperadores e santos eram *eughenos*, no sentido que o nascimento dessas pessoas era abençoado por Deus. Com o surgimento das linhagens aristocráticas, a partir do século X, *eugheneia* passou a ser uma característica ligada àqueles nascidos dentro do círculo cada vez mais fechado de famílias das elites militar e senatorial bizantina. Com a ascensão dos Comnenos, esse

---

<sup>113</sup> MAGDALINO, Paul. *The Empire of Manuel Komnenos...* pp.180-227. Sobre o contexto político do Império Bizantino na Dinastia dos Comnenos vide. TREADGOLD. Warren. *Op. Cit.* pp. 612-666

traço se tornou uma qualidade daqueles ligados por sangue ou matrimônio à linhagem imperial.

Entre as virtudes imperiais mais tradicionais estavam a justiça, a piedade, a filantropia, a bondade etc. A habilidade de liderar exército raramente era citada, menos ainda a questão da nobreza por sangue, que *a priori* seria contraditória com o discurso que dizia que os imperadores são escolhidos segundo a providência divina, demonstrada na carta da Imperatriz Irene, de 802, e ainda forte no pensamento político bizantino. A partir da elevação da facção Comnenos-Doukas, as virtudes cristãs começaram a dividir o espaço com as virtudes aristocráticas. O *Basileos*, além de ser um modelo de monarca cristão, tinha que ser *eughenos* em um sentido aristocrático. Os autores passaram a dar mais e mais importância à genealogia imperial, real ou inventada, para afirmar que a virtude do imperador vinha primariamente do sangue. Então, a imagem imperial modelar não era mais somente imperador “décimo - terceiro apóstolo”, também de um guerreiro formidável que com sua simples presença punha os bárbaros em fuga. O imperador também deveria ser um bom caçador, exímio cavaleiro, *bon-vivant*, entre outras qualidades aristocráticas. Houve, nesse período, um estranho costume dos escritores de panegíricos dos imperadores Comnenos em dar ênfase ao suor que os imperadores derramavam para defender o Império no campo de batalha.<sup>114</sup>

---

<sup>114</sup> Sobre a identidade nobiliárquica da aristocracia militar bizantina e sua associação com o modelo imperial vide : MAGDALINO, Paul. *Op.cit.* pp.413-488, KAZHDAN, Alexander. *The Aristocracy and the Imperial Ideal*. In, ANGOLD, Michael. *The Byzantine Aristocracy...* pp. 43-58. Visão que será mais bem desenvolvida em KAZHDAN. A. P. & EPSTEIN, Ann Wharton. *Change in Byzantine Culture...* pp.104-117.



inteiramente verdade. De fato, ao abrir mão das receitas fiscais, a autoridade imperial abdicou de um de seus principais interesses nas suas províncias, mas tais benefícios só refletiam uma situação de descentralização de poder que já existia antes da chegada dos Comnenos. Além de não serem eternas, as *pronoiai* só passaram a ser hereditárias no século XIII e podiam ser revogadas a qualquer momento pelo imperador.

A crítica em relação à cessão de *pronoiai* a estrangeiros é somente o ressoar de posições de críticas de pessoas provenientes dos estratos alijados da elite dos Comnenos, como o historiador bizantino Niceta Choniates, pois a maior parte das *pronoiai* foi dada a *archontes*, membros da aristocracia bizantina. Mesmo quando eram dados a estrangeiros, eles eram imigrantes, pois eram obrigados a residir no *kastron* local, portanto eram súditos do imperador e parte do Império. Por conseguinte, concluímos que a *pronoia* foi, da mesma forma que a *strateia* havia sido três séculos atrás, uma resposta da autoridade imperial à falta de soldados e colonização de territórios desocupados. Tudo isso conforme a atual situação política e econômica que o Império estava vivendo, pois se a *strateia* adapta-se a um contexto onde grande parte da população era formada por pequenos proprietários, a *pronoia* foi criada numa conjuntura estabelecida de concentração de terra na mão de poucos e de descentralização política.

Da mesma forma que a composição do exército bizantino e suas formas de mobilização, a sua organização também sofreu mudanças.<sup>116</sup> Os exércitos das *thematas* deixaram de existir depois que as instabilidades no poder imperial resultaram em sua desmobilização, o que as tornou simplesmente em províncias sem nenhuma função militar. A partir do reinado de Aleixo, o Império Bizantino foi dividido em ducados, que abrangiam um território que compreendia várias *themata*, as colocando sob sua jurisdição, e o *doukes*, seu comandante, tinha jurisdição sobre os mercenários estacionados em seu ducado e também sobre os beneficiados pelas *pronoia* lá localizadas. Os mais altos cargos do exército estavam divididos em dois postos: o *Domestikos* do Ocidente e do Oriente. Eventualmente, o comando das forças bizantinas do ocidente e oriente eram delegadas a uma só figura de grande importância política e afinidade com imperador reinante: o *Megadomestikos*. Como foi o caso de João Axouchos, um turco convertido que havia crescido com imperador João II Comnenos

---

<sup>116</sup> Sobre a organização do exército bizantino a partir do reinado de Aleixo I Comnenos vide TREADGOLD, Warren. *Op. Cit.* p. 681, ANGOLD, Michael. *The Byzantine Empire, 1025-1204...* pp. 148-151, HALDON, John. *Op. cit.* pp. 118-119

(1118-1143) e se tornou *megadomestikos* quando este passou a reinar. Havia ainda o *ethnarcos*, comandantes das tropas mercenárias estrangeiras, e o *megadoux* que era responsável pela defesa das ilhas, então por consequência era algo semelhante a um almirante da frota imperial. Conforme à prática política criada por Aleixo I, os postos mais altos do oficialato do exército bizantino estavam reservados à fechada aristocracia de parentes consangüíneos ou por matrimônio do imperador. Somente as *tagmata* mercenárias compostas por estrangeiros por vezes fugiam dessa regra e eram freqüentemente lideradas por comandantes estrangeiros.

O regime familiar ou patrimonial instituído por Aleixo I Comnenos obteve um sucesso marcante, pois Aleixo e seus dois sucessores, João II e Manuel I Comnenos, conseguiram ter longos e estáveis reinados. Porém, no fim do reinado de Manuel I, o sistema parecia estar dando sinais de crise<sup>117</sup>. A dinastia imperial dos Comnenos foi especialmente profícua: Aleixo I Comnenos teve sete filhos e filhas conhecidas e legítimas, João II Comnenos teve oito e Manuel II teve três. Considerando somente esses filhos, os conhecidos e os legítimos, dá para se imaginar que no final da vida e do reinado de Manuel II, a aristocracia imperial já estava novamente inchada por essa amplitude familiar e havia muitos grupos dentro dela que estavam infelizes com suas posições ou achavam que os benefícios que lhes foram dados não estavam à altura de sua *eugheneia*. Mas foi somente com a morte de Manuel I Comnenos, em 1180, que o sistema começou realmente a ruir. Esse imperador, ao morrer, deixou seu filho Aleixo II Comnenos (1180-1183), na época com doze anos, sob a tutela da mãe e viúva do imperador Maria de Antioquia. Por ser de origem latina, a viúva de Manuel I era abertamente odiada e o primo do falecido Manuel II, Andronikos Comnenos, aproveitou-se da situação, arrebanhou apoio desses grupos insatisfeitos, de dentro e de fora dos *archontes komnenoi*, e destituiu Maria de Antioquia da regência, fazendo, mais tarde, o jovem Aleixo II penalizar a mãe com a morte. Poucos anos depois, em 1183, Andronikos I Comnenos (1183-1185) mandou matar Aleixo II e se tornou o imperador de fato. O seu reinado se mostrou uma dura tirania. Sendo extremamente paranóico, por isso vendo conspirações em todos os lugares, Andronikos I enviou para a morte muitas pessoas, sendo a maior parte delas seus parentes, os *archontes komnenoi*, por isso, se tornou rapidamente odiado. Dois anos depois de sua sangrenta elevação, Andronikos morreu durante as revoltas urbanas acontecidas em torno da usurpação por seu parente

---

<sup>117</sup> Sobre a crise do regime estabelecido pelos Comnenos vide TREADGOLD, Warren. *Op. cit.* pp. 650-666

Isaac Angelos. Andronikos I sofreu horríveis sevícias pelas mãos da multidão que o aprisionou no Hipódromo: foi cegado, teve seus membros, dentes e cabelos arrancados, água fervendo foi jogada em seu rosto... Por fim, foi dependurado de cabeça para baixo e morto. O imperador seguinte Isaac II era da linhagem Ângelos que haviam se associado aos Comnenos através de uma filha de Aleixo I, Teodora Comnena. Apesar de distante, acreditavam que seu parentesco com os imperadores Comnenos lhes dava legitimidade para aspirar ao trono. Foi esse anseio geral das numerosas ramificações da família imperial que ruíu o regime dos Comnenos. Assim, mais uma vez o poder imperial se isolou em suas disputas internas e rapidamente passaram a perder o controle do Império. Algumas províncias foram conquistadas por membros da família Comnenos e se separaram de Constantinopla. Da mesma forma que os turcos foram envolvidos nas disputas faccionais do final do século XI, os latinos, principalmente os italianos, foram chamados para ajudar os candidatos a imperadores que acreditavam ter direito ao trono por serem descendentes de Aleixo I, João II ou Manuel I. Foi desse modo que um desses, Aleixo IV Ângelo (1203-1204), filho do imperador deposto Isaac II Ângelo (1185-1195, 1203-1204) refugiado na Itália, convenceu os líderes da Quarta Cruzada (1204) a ajudá-lo a tomar o trono imperial, em troca ofereceu uma enorme soma de dinheiro e ajuda bélica. O resultado dessa negociação desastrosa foi o saque de Constantinopla pelos cruzados em 1204.

## **CAPÍTULO 8: QUESTÕES SOBRE A *DIGENEIDA***

Essa revisão dos séculos X e XI feita anteriormente é bastante crítica em relação às idéias simplistas de “auge” e “crise” da civilização bizantina. “Simplista”, pois tais conceitos não levam em consideração as múltiplas complexidades e mesmo contradições que são inerentes a toda e qualquer sociedade. Mais particularmente, percebemos que não houve uma decadência da aristocracia militar. Pelo contrário, a aristocracia militar, ou pelo menos uma parcela significativa dela, sob a égide dos chefes do clã Comnenos atingiram seu ápice de poder no final do século XI, se apoderando do trono imperial e monopolizando a alta política bizantina. O que se observou foram mudanças profundas em sua identidade aristocrática. No século X, as linhagens militares eram fortemente ligadas às suas províncias de origem. Mesmo que alguns desses clãs tenham, há tempos, residências nas cidades metropolitanas do Império ou mesmo em Constantinopla, suas raízes culturais e políticas estavam nas províncias.

Com a Batalha de Manzikert e a conseqüente imigração de muitas dessas famílias aristocráticas para Constantinopla, inicia-se um processo conhecido dentro da historiografia como “constantinopolização” da aristocracia provincial, significando que ela se tornou cada vez mais cortesã e mais ligada com o ambiente urbano da capital. Assim, algumas famílias de origem provincial e com tradição militar, passaram a se envolver cada vez mais com a elite burocrática de Constantinopla. O caso dos Doukas é exemplar. Grande parte das linhagens fez questão de manter sua tradição militar e continuaram a enviar seus filhos para tomar postos na alta hierarquia do exército bizantino. Talvez nesse contexto, reconhecidos acadêmicos como Roderick Beaton e Michael Angold tenham achado o elemento “nostálgico” de Digenis Akrites. Contudo, se a *Digeneida*, a versão original da *Canção de Digenis Akrites*, não foi escrita influenciada por uma iniciativa “nostálgica” ou “antiquária”, qual era a sua proposta? E ainda, por que ela deveria em primeiro lugar ter uma proposta?

Respondendo a segunda pergunta antes da primeira, não devemos pensar que o artista bizantino produzia tão somente por um impulso criativo. Na realidade, esse tipo de produção é um fenômeno bastante excepcional na História das Artes, na maioria das sociedades o artista geralmente é um profissional contratado para produzir sob encomenda e sua criatividade é limitada pelas exigências de quem o contratou. A literatura bizantina não escapa dessa regra e isso inclui a *Canção de Digenis Akrites*. O anonimato da obra reforça esse argumento.

Muitos escritores de épocas posteriores à ascensão de Aleixo I eram oriundos de estratos sociais que não foram agraciados com a fortuna de serem absorvidos pela elite dos Comnenos. Eram parte do antigo sistema meritocrático que ainda vicejava nas bordas dessa fechada elite, que compreendia a antiga elite civil e também linhagens de tradição militar que não conseguiram firmar laços familiares com a dinastia. Então, para ascenderem e se destacarem, precisavam atrair e angariar o favor dos *archontes komnenoi*, assim surgiu certa relação de patrocínio. Esses escritores, cientistas, retóricos e historiadores puseram suas habilidades a serviço do gosto dos *archontes komnenoi* e aí entendemos a razão pela qual a produção de hagiografias diminuiu imensamente entre os séculos XI e XII, pois os escritores estavam ocupados em agradar a seus patrocinadores com obras que celebravam gostos aristocráticos, a vida cortesã e os feitos heróicos

Apesar de serem elogios das virtudes da aristocracia militar empossada do poder imperial, essas obras escondem uma situação servil na qual os letrados foram postos. Anteriormente, os letrados da aristocracia civil eram empossados nos mais altos cargos imperiais e escreviam conforme seus gostos e valores; sob o jugo dos Comnenos, eles se tornam totalmente dependentes dos *archontes komnenoi*. Eles foram alijados dos mais altos postos do governo imperial e passaram a, literalmente, bater nas portas dos palácios da elite Comnena para pedir patrocínio ou para ser tomados como parte do grupo de seus dependentes. Um sinal dessa situação é o surgimento de obras que, ao mesmo tempo em que escreviam elogios aos Comnenos e a seus parentes, reclamavam da situação de pobreza em que viviam, para, assim, chamar atenção de possíveis patrocinadores. Esse estilo é chamado de “literatura mendicante” e um de seus representantes mais importantes são os *Ptochoprodromicos* de Teodoro Prodromos. Obviamente esse discurso de pobreza exagerada é um franco artifício retórico, mas é um sinal claro da perda acentuada de *status* que a antiga aristocracia civil sofreu a partir do final do século XI.<sup>118</sup>

Nem todos os letrados bizantinos na época dos Comnenos se curvaram aos *archontes komnenoi* e mantiveram uma posição crítica ao novo regime. João Zonaras e Niceta Choniates são dois escritores do século XII que mantiveram uma posição crítica em relação às mudanças promovidas pelos imperadores Comnenos. João Zonaras era parte de uma linhagem constantinopolitana e civil e, seguindo a tradição familiar, ocupou cargos administrativos durante o reinado de Aleixo I. Já Nicetas Choniates era de uma linhagem obscura de origem provincial, portanto fez carreira no âmbito meritocrático que ainda subsistia no reinado de Manuel I. Ambos, em suas obras, criticaram os Comnenos por alienar grande parte da antiga aristocracia, militar e civil, do poder, se apoderar da *res publica* e tratá-la como fosse uma propriedade familiar. Esses dois escritores são os principais exemplos de um movimento crítico importante que existiu no século XII, que envolveu aqueles que eram contra as mudanças implementadas pelos imperadores da dinastia Comnenos, que defendiam o modelo político burocrático e para quem o aparato imperial não deveria servir para beneficiar uma família e seus aliados.<sup>119</sup>

---

<sup>118</sup> Sobre o papel dos letrados bizantinos sob o regime dos Comnenos vide MAGDALINO, Paul. *Byzantine Smebery*.... Pp. 68-69

<sup>119</sup> MAGDALINO, Paul. *Aspects of Twelfth-Century Byzantine Kaiserkritik*. In: *Speculum*, Vol. 58, no. 2. Medieval Academy of America: sem local. 1983. pp. 326-346.



Percebendo o relacionamento muito próximo que as artes bizantinas, em especial a literatura, tinham com a elite próxima do poder imperial, retornamos a primeira pergunta, sobre a “proposta” da *Canção de Digenis Akrites*. Na realidade, não é nenhuma novidade a relação dessa obra com o círculo político e cultural da aristocracia dos Comnenos, mas poucas foram as análises focadas, que criaram ligações fortes entre a obra e seu período de composição. Ora, não podemos julgar a historiografia, pois não é a *Canção de Digenis* uma obra anônima, sem datação própria, de natureza literária e com pouquíssimos relatos ou comentários por outros autores sobre ela, dentro e fora do mundo bizantino? Essas características tornam a análise histórica quase como um caminhar num “campo minado”, qualquer desvio na leitura pode comprometer o trabalho realizado e mesmo cruzando a salvo esse campo minado, as conclusões atingidas são baseadas em relações indiretas ancoradas em exercícios de dedução. É o modelo extremo do paradigma indiciário de Carlos Ginzburg<sup>120</sup> e utilizando a mesma metáfora de que esse autor se vale, analisar historicamente a *Canção de Digenis Akrites* é semelhante ao trabalho de um detetive que tem que descobrir o autor de um “crime perfeito”, sem testemunhas e com provas ambíguas, que ao mesmo tempo podem apontar vários e nenhum suspeito. Em suas várias versões, a *Canção de Digenis Akrites* é nosso único indício ambíguo de uma obra quase sem-testemunhos: a *Digeneida*. No entanto, como afirma Ginzburg, o trabalho investigativo, baseado na dedução e relações indiretas, é uma forma válida de chegar à verdade, senão a *uma verdade* e é a isso que esse trabalho se propõe. Portanto, depois de passar por um grande – porém necessário – recorte temporal, indo atrás das origens do ciclo épico bizantino e do mundo aristocrático que o criou, propomos certos questionamentos para dar direções claras à investigação.

Em primeiro lugar buscaremos o autor. Um anônimo sim, mas sua obra pode nos dizer muito sobre ele. Seria ele um aristocrata letrado somente o suficiente para escrever essa *Canção* ou um literato do calibre de um Teodoro Prodromos, Niceta Choniates ou Anna Comnena? Há algum engajamento político por parte do autor ou de seu patrocinador? Se sim, em que grau se dava esse engajamento? Nesse sentido, já que na política bizantina tudo começava ou terminava no imperador, existia uma relação entre a canção e o poder imperial? Se a resposta for afirmativa, qual seria ela?

---

<sup>120</sup> GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: Ginzburg, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais. Morfologia e história*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Cia. das Letras, 1989, pp.143-179.

## CAPÍTULO 9: RELACIONAMENTO DA OBRA COM SEU TEMPO.

O texto do manuscrito Grotaferrata tem 3749 versos e a Escorial 1867 versos. Essas duas versões mais antigas seguem a métrica de versos “políticos” bizantinos, isto é, versos pentadecasilabos, como é característico da épica bizantina. Contudo, elas diferem no idioma em que foram escritas. A Grotaferrata foi escrita em um grego arcaizante, uma tentativa de imitar o grego ático que os autores bizantinos utilizavam como “língua culta” e a Escorial num misto entre grego arcaizante semelhante de Grotaferrata e um grego demótico, provavelmente semelhante ao falado nos séculos XI e XII. A partir daí, Miguel Castillo Didier, apoiado por outros estudiosos como Michael Jeffreys e Erich Trapp, concluiu que o texto do manuscrito Escorial é do século XII, portanto mais próximo de uma versão original final do século XI, do que a Grotaferrata, considerada uma refundição erudita posterior da canção.<sup>121</sup>

Elizabeth Jeffreys aponta que a discussão sobre qual das duas versões mais antigas, a Grotaferrata e a Escorial, mais se aproxima de uma desconhecida versão Original, a *Digeneida*, chegou ao grau de partidarismo. Por que, ao defender a sua versão, os partidários de ambos os lados apontaram muito bem os defeitos de cada uma delas: ambas as versões possuem narrativas fragmentadas, com espaços em branco devido a fôlios do manuscrito terem desaparecido, erros na versificação, etc. Ambos os manuscritos estão a pelos menos duas cópias de distância da *Digeneida*, pois as versões Escorial e a Grotaferrata, por suas características individuais, não poderiam ter tido a mesma fonte, portanto, ainda existiram manuscritos “Paleo-Grotaferrata” e “Paleo-Escorial”.<sup>122</sup> Entretanto, é perceptível desde a primeira leitura, e Elizabeth Jeffreys pontua, que ambas as versões têm a mesma história, a mesma economia (excetuando alguns episódios particulares) e muitos trechos em comum, isto é, os manuscritos Grotaferrata e Escorial se aproximam exatamente nos pontos que tratamos na leitura de Paul Zumthor e Albert Lord: das fórmulas e dos *topoi*. Nesses pontos de encontro que basearemos a nossa análise textual da *Canção de Digenis Akrites*, pois é aí que encontraremos os vestígios de uma versão original até o momento perdida.

---

<sup>121</sup> CASTILLO, Miguel. *Op.cit.* p.46

<sup>122</sup> JEFFREYS, Elizabeth. *Digenis Akritis: The Grottaferrata and the Escorial Versions...* pp. xviii – xxx.

Outra forma de localizar temporalmente a versão original do poema são os relatos sobre ele realizados por terceiros, em que podemos perceber como ele foi recebido pelo seu público. As referências a *Canção de Digenis Akrites* são esparsas, sendo as mais importantes estão em alguns dos poemas de Teodoro Prodromos, um poeta cortesão ativo na primeira metade do século XII, conhecidos como *Ptochoprodromicos*, em que compara o imperador Manuel Comnenos (1143-1180) a Digenis Akrites.

*“Manuel Komnenos, o descendente da púrpura,  
Feliz vencedor, o grande realizador de feitos heróicos,  
Vigoroso comandante, o novo Akrites.”*

Em outro desses poemas, Prodromos lamenta a gluttonia de alguns monges dizendo:

*“Se um segundo Akrites estivesse aqui  
Para arregaçar sua túnica, tomar sua maçã  
E bater neles, esses odiosos pratos”<sup>123</sup>*

Teodoro Prodromos foi um típico representante da nova posição que os pensadores e literatos bizantinos tinham durante o regime dos Comnenos. Ele, através dos seus versos, tentava atrair o favor de certos patrocinadores, do imperador principalmente. Por conseguinte, nas duas passagens dos poemas *Ptochoprodromicos*, Ricks observa que o substantivo “Akrites” é definitivamente um nome próprio pertencente a uma pessoa específica, ou, no caso, de um personagem específico. Portanto, ao elogiar o imperador Manuel Comnenos associando-o a Digenis Akrites, Teodoro Prodromos resgatou um herói que deveria ser caro aos *archontes komnenoi* para agradar seu potencial patrocinador. Todavia, isso não prova que a *Digeneida* fora composta no reinado desse imperador e sim que esse herói tinha uma fama já bem estabelecida na corte aristocrática de Manuel I. Sendo assim, o herói foi apropriado pelos construtores da imagem política desse imperador, grupo o qual Teodoro Prodromos fazia ou tentava fazer parte.<sup>124</sup> Evidenciando, dessa forma, que a canção é uma obra anterior ao reinado de Manuel I, pois Teodoro Prodromos somente produziu - o que significa que muito provavelmente viveu - até a primeira metade do reinado dele.

---

<sup>123</sup> RICKS, David. *Byzantine Heroic Poetry*. Bristol: Bristol Classics. 1990. p. 7

<sup>124</sup> JEFFREYS, Elizabeth. *Akritis and Outsiders*. In: SMYTHE, Dion C(org.). *Strangers to themselves: The byzantine outsider*. Aldershot: Variorum. s/d. pp. 189-202

De modo que é quase certo que a *Digeneida* é uma produção da virada do século XI para o XII, que a situa temporalmente no período em que Aleixo I reinou. Nessa direção, alguns direcionamentos podem ser assinalados para localizá-la historicamente, relacionando com essa época específica.

### 9.1. Digenis Akrites e Alexiada: uma relação indireta.

A *Alexiada* de Ana Comnena é uma obra que segue à risca os modelos historiográficos gregos e romanos. A filha de Aleixo I, como ela própria afirma em seu prefácio, teve uma típica educação bizantina de altíssimo nível. Ela estudou as artes compreendidas no *Quadrivium* (Geometria, Aritmética, Astronomia e Música), leu Platão, Aristóteles, autores cristãos e ainda sabia de memória largos trechos da *Ilíada* e *Odisséia*.<sup>125</sup> Entretanto, a autora, antes de ser uma pensadora dos modelos clássicos, era uma Comnena, uma dama da aristocracia, de tal forma que a formação clássica dela não eliminou sua identidade aristocrática e mesmo sua obra, tão fiel à tradição historiográfica de Heródoto, não oculta os valores da elite militar que os Comnenos representavam. Essa característica pode ser bem demonstrada com o primeiro relato da *Alexiada*, porém, ao invés de expor o relato, manteremos as palavras da princesa-historiadora:

“O imperador Aleixo, meu pai, muito antes de ele ocupar o trono fez grandes serviços para o Império Romano. De fato, sua carreira militar começou no tempo do Diógenes Romanos(...). Naquela ocasião, apesar de ele ter somente quatorze anos, ele queria servir na campanha sobre (comando de) Diógenes, que estava liderando uma expedição contra os persas (metáfora bizantina para os sedjucidas) – um dever da maior importância – e sua ambição ameaçava os bárbaros: ele deixou claro que um dia ele iria combatê-los, e quando isso acontecesse sua espada ficaria cheia de sangue. A despeito do fervor guerreiro do jovem, o imperador não deixou ele ir na sua campanha, porque sua mãe sofria uma triste perda. Ela chorava a perda recente de seu filho mais velho Manuel, de quem os grandes e heróicos feitos fizeram ele famoso no Império”<sup>126</sup>

---

<sup>125</sup> ANA COMNENA. Prefácio. Pp. 17

<sup>126</sup>“The Emperor Alexius, my father, even before He seized the throne had been of great service to the Roman Empire. In fact, his military career began in the time of Diogenes Romanus(...). On that occasion, he was only fourteen years old, he wanted to serve on campaign under Diogenes, who was leading an expedition against the Persians – a most important task – and this ambition of the young Alexius threatened the barbarians: he made it clear that one day he would come to grips with them, and when that happened his sword would have its fill of blood. Despite the youth's warlike fervour the emperor did not let him go on this campaign, because his mother had suffered a grievous loss. She was mourning the recent death of her eldest son Manuel, whose great and heroic deeds had made him famous in the Empire.” ANA COMNENA. Livro I, i. Tradução nossa.

Esse é um episódio bastante interessante, pois o tema do amadurecimento precoce, seguido da vontade de sair da casa materna para realizar os próprios feitos heróicos é o *topos* mais comum do ciclo épico bizantino de fronteira. O conceito de *topos*, ou lugar-comum, aqui desenvolvido se relaciona com certos padrões dentro dos cantares que compreendem o ciclo épico que tratamos. Entretanto, esses padrões não são referentes a nomes de pessoas e lugares, mas, semelhantemente aos pressupostos percebidos por W. Propp para criar uma tipologia de contos fantásticos<sup>127</sup>, as ações e comportamentos que se mostram comuns em todos os cantares épicos bizantinos de fronteira. Esses *topoi*, por sua semelhança, eram muito provavelmente um dos elementos que Albert Lord percebeu que se mantêm quase fixos na instável transmissão da oralidade épica: o tema.<sup>128</sup>

O *topos* do amadurecimento do herói da épica bizantina é exemplar para demonstrar nosso ponto de vista. O Filho de Andronicos cresce numa velocidade impressionante, aos três anos já é capaz de cavalgar e portar armas. Com essa idade decide abandonar sua mãe e o cativo para ir encontrar seu pai. Armouris decide, aos 12 anos, tomar as armas e montaria de seu pai para resgatá-lo de seu cativo na Síria, ele só é autorizado a ir pela mãe depois de passar por uma prova de força. Também no núcleo narrativo da *Canção de Digenis*, isto é, aqueles episódios apontados que estão tanto nos textos dos manuscritos Grotaferrata e Escorial, encontramos esse *topos*. A narração dos feitos inicia-se quando o herói decide, aos doze anos, caçar grandes feras, mas seus pais não o deixam. Depois de um curto processo de convencimento, seu pai, o Emir, decide levar Digenis para caçar com seus tios. Sendo o herói que era, Digenis esmera-se no combate contra ursos e leões. Depois da caça, Digenis se lava e troca suas roupas de criança pelas de adulto. A partir desse episódio inicia-se o relato dos feitos de Digenis, sendo que o primeiro acontece durante a volta para casa depois da caçada, quando, ao passar pela casa do general, ele conhece a filha deste e os dois se apaixonam.<sup>129</sup> Infelizmente, o material disponível para comparação, isto é, o *corpus* épico bizantino que nos chegou é muito pequeno para estabelecermos de uma vez por todas a existência de um *topos* literário. No entanto, a observação de mesmos padrões narrativos em todo *corpus*, pequeno e limitado que ele seja, é um forte indício de sua

---

<sup>127</sup> PROPP, W. *Morfologia do Conto Maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense. 1984.

<sup>128</sup> LORD, Albert. *Op. cit.* pp.68-98.

<sup>129</sup> *Dig. Akr.* E. 707-791, *Dig. Akr.* G. IV, 1-370.

existência e como trabalhamos com paradigma indiciário proposto por Ginzburg, não podemos ignorar esses sinais tão fortes que são essas constantes.

Portanto, esse *topos* é claramente um rito de transição para a idade adulta, presente em inúmeras mitologias por todo o mundo e se inseriu na tradição historiográfica grega, romana e bizantina, portanto era comum, ao iniciar a narração das realizações de um personagem marcante, o historiador buscar sinais precoces de excepcionalidade. Doze anos, mesma idade da primeira caça de Digenis, era a idade de Jesus Cristo quando se perdeu dos pais e revelou aos sábios que havia vindo para cumprir a vontade de seu Pai.<sup>130</sup> Assim, observamos que alguns traços desse *topos* são mais antigos e vieram de outras literaturas. No entanto, o *topos* do ciclo épico bizantino da passagem da vida adulta têm especificidades bastante claras, pois é dividido em cinco fases: a auto-afirmação como um homem feito (Armouris cansando-se do longo luto de sua família, o Filho de Andronicos decidindo ir até seu pai, Digenis Akrites se cansando de caçar pequenos animais e querendo matar feras), o convencimento dos pais de sua maturidade, a resistência por parte deles em aceitar isso, a prova da maturidade (Digenis caçando grandes feras e Armouris levantando as armas de seu pai) e o rito propriamente dito, que consiste em se armar ou vestir-se de roupas de homem adulto.

No episódio narrado no início da *Alexiada* percebemos um rito de passagem composto de quatro das cinco fases do *topos* da épica bizantina: a auto-afirmação, na decisão de acompanhar o imperador em sua campanha junto com outros jovens nobres, tentativa de convencimento dos pais, a resistência por parte deles que, apesar de não ter sido narrado, ficou subentendido que houve e prova de maturidade, armar-se e ir ao encontro do imperador. A despeito de Aleixo ter sido enviado de volta, esse episódio serviu como uma introdução para a narração de seus feitos, da mesma forma que esse rito de passagem serviu para introduzir os feitos dos heróis bizantinos.

Qual é a relação que aparenta se desenhar aqui? Que a *Digeneida* e a *Alexiada* são trabalhos diretamente relacionados? Não, de forma nenhuma. Percebemos, porém, que Ana Comnena, ao iniciar o relato dos feitos de seu pai, pretendeu seguir os modelos clássicos e dar uma amostra da predestinação do grande destino reservado ao seu pai. No entanto, ao fazê-lo, utilizou uma forma familiar ao meio aristocrático do qual ela, ou a pessoa que lhe relatou esse episódio, que provavelmente foi seu marido Nicéforo Briénios, proveio, o modelo dos heróis da fronteira, os ancestrais míticos da elite militar

---

<sup>130</sup> Lucas 2, 40-52.

bizantina. Assim, Ana Comnena, suas outras fontes – ou sua única fonte, seu marido Nicéforo Briennios<sup>131</sup> - e o compositor da *Digeneida* são personagens indiretamente conectados por terem vivido e se inspirado nos mesmos meios aristocráticos, além de terem se alimentado do mesmo imaginário político e literário construído durante o reinado de Aleixo I.

Ainda há a rápida relação, criada por Ana Comnena, entre Aleixo Comnenos e Romanos Diógenes, um imperador que, apesar de ter liderado os bizantinos na catastrófica derrota de Manzikert, em 1071, desfrutava de grande admiração e fama dentro da aristocracia militar. Talvez, ao associar o jovem Aleixo a esse imperador, Ana Comnena, bastante influenciada pela imagem política de Aleixo I criada por ele mesmo e por seus associados, tentou cunhar um “apadrinhamento” imperial, colocando Aleixo ao lado de outros imperadores-soldados de grande reputação dentro da aristocracia, como Romanos IV Diógenes e Basílio II.

## 9.2. *Digeneida* e as tendências literárias dos séculos XI e XII

Essa característica de fazer dialogar o novo, a identidade aristocrática e guerreira das fronteiras, com o antigo, as referências clássicas greco-romanas ou bíblicas, foi marcante na produção cultural relacionada à corte imperial dos Comnenos. Bizâncio nunca foi uma civilização conhecida por seu espírito inovador, na verdade seu conservadorismo provavelmente foi um dos responsáveis em fazer a *pars orientalis* do Império Romano sobreviver às convulsões do fim da Antigüidade e Bizâncio manteve esse traço como sendo uma de suas principais características por toda sua História. Portanto, a introdução de novidades, em qualquer faceta do mundo bizantino, sempre foi algo complicado e conflituoso. O Iconoclasmo foi um bom exemplo disso. Então, os bizantinos preferiam rever e manipular aquilo que já conheciam, a herança greco-romana e o conhecimento cristão, para assim explicar novas situações. Contudo, essa relação entre a herança clássica e os autores bizantinos mudou profundamente a partir do século XI.

---

<sup>131</sup> Howard-Johnston afirma que a única fonte de Ana Comnena foi seu marido o general Nicéforo Briennio, que havia esboçado a *Alexiada*, mas não teve tempo de terminá-la devido ao seu falecimento e Ana Comnena, por fidelidade marital, organizou os esboços em um formato que nos chegou atualmente. Mesmo não sendo a única fonte de Ana Comnena, não podemos negar a importância de Nicéforo para a construção da *Alexiada*, uma vez que a própria Ana Comnena abertamente declara a importância do falecido marido para a construção de sua narrativa e frequentemente elogia sua habilidade como historiador. HOWARD-JOHNSTON, James. *Anna Komnene and the Alexiad*. In: MULLET, Margaret & SMYTHE, Dion. (org.) *Alexios Komnenos: Papers*. Belfast: Belfast Byzantine Texts and Translations. 1996. pp. 262-302.

Até então, a produção de arte e conhecimento era centrada, senão liderada, pelo círculo cortesão criado em volta do trono imperial, este majoritariamente dominado por elementos originados da elite constantinopolitana de tradição civil. Portanto, as produções artísticas e literárias seguiram as regras desse meio, que era de profundo conservadorismo e valorização de tradições hierárquicas, os dois principais valores inerentes ao poder imperial desde há muito tempo em Bizâncio. No século X, essa cultura política chega ao seu auge sob os Macedônios, uma das conseqüências disso foi um profundo enciclopedismo enraizado na corte imperial nessa época. Imperadores como Leão VI (886-910) e Constantino VII Porfirogenito (913-959) promoveram grandes esforços para compilar grande número de obras clássicas. As *Basilikas* de Leão VI foi uma obra exemplar, em que ele realizou um extenso trabalho de recopilação do *Corpus Iuris Civiles* de Justiniano, para assim adaptá-lo às mudanças que aconteceram nos mais de três séculos que seguiram à sua publicação. Outros bons representantes dessa tradição são os tratados escritos ou encomendados por Constantino VII sobre a organização dos *themata* (*De Thematibus*), sobre administração do Império (*De Administrando Imperio*) e um tratado sobre os costumes e cerimônias da corte imperial (*De cerimoniis aulae byzantinae*).

A partir de meados do século XI, o comportamento dos bizantinos em relação à herança clássica mudou profundamente. O enciclopedismo vai dar lugar a uma exegese ampla e profunda desse material. Os autores bizantinos passam não mais somente a coletar, ler as obras da antiguidade greco-romanas e utilizá-las, no máximo, como modelos, mas a dialogar com elas, criando obras que fundem profundamente características bizantinas e clássicas.<sup>132</sup> As causas dessas mudanças são, segundo Alexander Kazhdan e Ann Epstein, ao mesmo tempo, a elevação da aristocracia de origem provincial ao trono imperial e o renascimento urbano acarretado pelo aumento da atividade econômica. Porque, sendo consolidada uma elite estável, a aristocracia começou a buscar formas para exprimir sua posição social e, com o enriquecimento da sociedade bizantina, essa elite podia gastar cada vez mais nas obras que encomendavam. Adicionando que, diferentemente da elite civil que era extremamente conservadora em relação à herança cultural à disposição, seja ela cristã ou clássica, a parte da aristocracia que sobe ao poder junto com os Comnenos, grande parte de tradição militar, não se sentia presa a essas regras, por isso as produções artísticas e

---

<sup>132</sup> Vide a conclusão do trabalho que já mencionamos variadas vezes no decorrer desse estudo. KAZHDAN, A. P. & EPSTEIN, Ann Wharton. *Change in Byzantine Culture...* pp. 231-233



literárias patrocinadas por elas foram de uma criatividade inédita para padrões bizantinos. Um tipo de produção literária que ilustra muito bem esse momento são os chamados *romances bizantinos*<sup>133</sup>.

No século XII, observamos o surgimento, em Bizâncio, de várias obras literárias inspiradas em novelas da antiguidade como *Leucippe e Clitophon* de Achilles Tatius, do século II, e *Aethiopika* de Heliodoros, do século III e que são conhecidas hoje em dia como sendo parte de um gênero literário chamado de “romance bizantino”. São obras ambientadas em cidades gregas na antigüidade clássica e narram tramas semelhantes. São histórias de amor entre amantes que sempre dão nome à obra e, sendo completamente vítimas das instabilidades da Fortuna (ou *Techne* em grego), os amantes sofrem com inúmeras desventuras que, por toda trama, impedem que fiquem juntos: rixas familiares, raptos, ataques de piratas etc. Mas, no fim, quando tudo parece perdido, os amantes conseguem se encontrar para poderem ser felizes para sempre.

São quatro obras conhecidas desse estilo literário que foram escritas no século XII: “*Rhodante e Dosikles*” de Teodoro Prodromos, “*Drosilla e Charikles*” de Nicetas Eugenianos, “*Aristandros e Kallisthe*” de Constantino Manasses e “*Hysmine e Hysminias*” de Eustacios Makrembolites. Todas essas obras, além de terem uma atmosfera fantasiosa, exprimem gostos ligados aos *archontes komnenoi*: os protagonistas são sempre de origem aristocrática e mesmo que atividades bélicas não sejam partes importantes da história, códigos guerreiros são exaltados, assim como os deleites da vida são celebrados e o elemento sensual, ou mesmo erótico, está bem desenvolvido. Essas características refletem a situação em que essa aristocracia se encontrava no decorrer do século XII, pois, ainda que originalmente uma elite guerreira, ela estava se tornando gradativamente mais cortesã e mais envolvida com os costumes desse meio.

Além dos temas tratados, outro ponto que liga esses romances aos *archontes komnenoi* é o fato de que todas essas obras foram feitas por escritores fortemente ligados a figuras próximas ao trono imperial. Elizabeth Jeffreys defende que esses romances foram encomendados por damas da aristocracia que patrocinavam importantes círculos literários em meados do século XII. Uma das principais candidatas

---

<sup>133</sup> Vide nota 9.

é a *sebastokratarissa* Irene, cunhada de Manuel II Comnenos, que patrocinava um círculo literário que incluía os quatro autores acima mencionados.<sup>134</sup>

Roderick Beaton acredita que o *Cantar do Digenis Akrites* representa um estágio intermediário entre os cantares épicos da fronteira bizantina e os romances bizantinos do século XII, por isso Beaton defende que o *Cantar de Digenis* pode ser classificado como um *proto-romance*. Ele baseia seu argumento de que, apesar do elemento épico perpassar toda a trama, no leito de morte o herói afirma que todas as coisas que realizou ele fez por amor à sua esposa.<sup>135</sup> Tal posição é arriscada, pois Beaton baseia seu argumento numa rápida passagem na conclusão da Canção e põe mais peso nas características que ligam a *Canção de Digenis* aos romances bizantinos do século XII do que nos elementos épicos presentes nessa obra, os quais no ponto de vista deste trabalho são mais numerosos.

A discussão sobre qual gênero literário se encaixa a *Canção de Digenis Akrites* está fadada a nunca terminar, isso porque os autores bizantinos não tinham essa preocupação ao escrever, nem mesmo havia, na literatura bizantina, uma distinção muito bem desenhada entre ficção e não-ficção. Havia os relatos falsos e verdadeiros, e o autor de *Digenis* considerava seu relato como real. As formas narrativas bizantinas eram baseadas em lições retóricas herdadas desde a Antigüidade: a *progymnasmata*. Havia alguns autores que trabalhavam tais técnicas e propunham alguns modelos, contudo o mais influente na produção letrada em Bizâncio foi o retórico Athonios, que viveu no século V. Das formas narrativas propostas na *Progymnasmata* desse autor, para estudo aqui desenvolvido três técnicas são as mais importantes: a *Diegema*, a narração ou relato de fatos; *Ethopoeia*, a construção de personagens ou estudo de caráter; e *Ekphrasis*, descrição de lugares, sentimentos ou pessoas.<sup>136</sup> Provavelmente, se perguntássemos a um bizantino qual, dentre essas técnicas retóricas, a *Canção de Digenis* se enquadrava, ele provavelmente responderia que era uma *Diegema*, apesar do autor ter utilizado também outras técnicas...

Independente da classificação literária dessa canção, Roderick Beaton está certo em afirmar a *Canção de Digenis* como sendo uma precursora dos romances bizantinos do século XII, pois provavelmente inaugurou um gosto literário aristocrático pela

---

<sup>134</sup> JEFFREYS, Elizabeth. *The Comnenian...* pp. 456-486, JEFFREYS, Elizabeth. *Western Infiltrations of the Byzantine Aristocracy*. In ANGOLD, Michael. *Byzantine Aristocracy...*

<sup>135</sup> BEATON, Roderick. *The Medieval Greek Romance...* p.51

<sup>136</sup> BEATON, Roderick. *The Medieval Greek Romance...* pp. 24-28.

ficção, narração dos feitos de heróis da mesma origem aristocrática e celebração do que há de aprazível na vida. E aí se inclui o erótico. Entretanto, a ambientação num passado clássico distante e a grande proximidade com a tradição greco-romana demonstram que essa aristocracia já estava bastante estabelecida em Constantinopla. Com certeza havia mais disponibilidade de livros e bibliotecas na capital imperial do que em suas províncias natais e o tempo permitiu que a elite absorvesse mais profundamente esse material. Nesse sentido, a *Canção de Digenis Akrites* nos aparece claramente como o fruto de um período histórico intermediário, o início do reinado de Aleixo I Comnenos, quando a elite imperial ainda se sentia intimamente ligada aos costumes trazidos de suas províncias natais, mas mesmo assim queria demonstrar a todos que era uma aristocracia sofisticada, bem-adaptada à vida cortesã e pronta para ser uma elite dirigente.

Assim, chegamos a outra grande dificuldade para a realização desse estudo, pois, ao contrário de João II e Manuel I cujos reinados podemos associar uma grande gama de produções e autores, o ambiente literário da corte de Aleixo I Comnenos não é tão facilmente verificável. Esse imperador é geralmente visto com o estereótipo de imperador-soldado, sempre em guerra e com pouco ou nenhum interesse literário. De fato, pelas contingências de sua época, Aleixo passou grande parte de seu reinado fora de Constantinopla em campanha, mas isso não quer dizer que fosse um rústico soldado avesso a sofisticação. Aleixo, em primeiro lugar, era um governante pragmático, sabia da importância da construção de sua imagem e propaganda de seu governo, para assim estabelecer-se na tradição imperial bizantino. Também devia estar ciente do papel que o patrocínio literário tinha para construção de sua imagem. Por isso, Aleixo I manteve retóricos, como Cirilo Phileotes e Teofilato de Ochrida, em sua corte.<sup>137</sup> Da mesma forma, há obras cuja autoria é de Aleixo, sendo a principal delas um compêndio de conselhos dirigidos ao seu filho e sucessor João II chamado *Musas*. Nessa obra, percebemos uma defesa de seus próprios feitos como imperador, sua preocupação com a próxima vida e o reinado de seu filho.<sup>138</sup> Apesar de tais evidências de um real interesse literário de Aleixo I, a perspectiva da produção literária relacionada ao seu reinado ainda é esparsa e fragmentada. No entanto, nos últimos anos uma série de obras, que até o momento tinham datação incerta, começaram a apontar para o reinado de Aleixo Comnenos. Obras historiográficas como a *Crônica Skylitzes* ou a *História* de Attaleiates

---

<sup>137</sup> Sobre o discurso eulogístico e parainético a Aleixo I vide MULLET, Margareth. *The Imperial Vocabulary of Alexios I Komnenos*. In: MULLET, Margareth, SMYTHE, Dion(org). *Op. cit.* pp. 359-397.

<sup>138</sup> Sobre as *Musas* de Aleixo I vide MAGDALINO, Paul. *The Empire of Manuel...* pp. 27-30

e obras literárias como *Timarion* e a *Canção de Digenis Akrites* eram percebidas de forma independente uma da outras, como produções de um momento incerto na virada do século XI e XII, mas estão passando a ser concebidas como parte do ambiente literário da corte de Aleixo I Comnenos, da fundação do regime Comnenos e de conseqüentes novos gostos na Literatura e na História.<sup>139</sup>

### 9.3. Influências literárias na *Digeneida* ou sobre seu autor.

Aqui retornamos a uma das questões que iniciaram o debate: seria o autor anônimo da *Digeneida* um aristocrata basicamente letrado ou seria um escritor de alto nível? Em primeiro lugar é impossível que a *Digeneida*, a versão original da *Canção de Digenis*, tenha sido apropriada da oralidade sem nenhuma alteração. O trabalho de Albert Lord afirma que isso é impossível.<sup>140</sup> No momento que o escritor pela primeira vez decide fazer uma versão escrita de uma canção ou cantar épico até então transmitido pela oralidade, ele encontra vários problemas. As fórmulas e metrificação criadas para facilitar a tarefa de cantar ou compor a canção não se adaptam ao território da escrita, criando irregularidades de fórmula e métrica iguais as que podem ser observadas no texto do manuscrito Escorial. No entanto, a adaptação que resultou na *Digeneida* não somente se refletiu na estruturação do texto, mas também nos temas. As referências a outras obras achadas nas versões Escorial e Grottaferrata da *Canção de Digenis* são incomparavelmente mais ricas e variadas do que os outros cantares épicos bizantinos que conhecemos.

Não iremos aqui esmiuçar o texto dos manuscritos Escorial e Grottaferrata para procurar as referências a outras obras literárias, porque fazer esse trabalho seria repetir o que outros autores já fizeram de forma bastante competente.<sup>141</sup> O que faremos aqui é uma análise das principais – pelo menos na opinião do autor dessa dissertação – alusões, interpretando as declarações e comparações freqüentes que o texto faz entre o herói Digenis Akrites e outros personagens literários.

---

<sup>139</sup> BEATON, Roderick. *Cappadocians at Court: Digenes and Timarion...*, MULLET, Margareth. *Introduction: Alexios the Enigma*. In: MULLET, Margareth & SMYTHE, Dion. (org.) *Op.cit.* pp. 1-11.

<sup>140</sup> Lord faz um interessante debate sobre a transferência do material épico da oralidade para a escrita no capítulo “*Writing and Oral Tradition*” em LORD, Albert B. *Op. cit.* pp. 124-138.

<sup>141</sup> JEFFREYS, Elizabeth. *Digenis Akritis: The Grottaferrata...* pp. xli – xlviii, BEATON, Roderick. *Op. cit.* pp. 45 - 48

A primeira referência que deve ser citada é Homero. Nesse sentido, a *Canção de Digenis Akrites* não surge somente como um continuador de uma tradição épica em língua grega inaugurada pela *Iliada* e *Odisséia*. Tanto no texto do manuscrito Escorial quanto do Grotaferrata, ao iniciar a narração dos feitos de Digenis, há um prólogo onde a obra de Homero e os feitos dos gregos na Guerra de Tróia são invocados como sendo inferiores às realizações de Digenis Akrites.<sup>142</sup> Digenis surge, assim, como um novo Páris, que, igualmente arrebatado pelo amor por uma nobre e bela dama, toma-a, fazendo com que muitos tentassem matá-lo, mas, ao contrário de Páris e toda Tróia, consegue mantê-la. É aí, provavelmente, que se explica a superioridade de Digenis sobre os heróis homéricos. Além de que a história de Digenis, para seu autor, ao contrário da de Homero, deva ser levada como uma verdade, não como uma obra ficcional.

A imagem literária criada sobre Alexandre, o Grande, também influenciou a construção da figura de Digenis Akrites. Uma comparação é feita no prólogo da versão Grotaferrata<sup>143</sup>, Digenis doma um cavalo selvagem na frente do Imperador da mesma forma que Alexandre doma Bucéfalo, seu cavalo predileto, em frente de seu pai, o rei Felipe da Macedônia, ambos se encontram com amazonas, entre outros feitos de Alexandre que foram absorvidos e transferidos para Digenis Akrites. Contudo, o que mais marca a semelhança entre eles é que ambos os homens sentem necessidade de ir além do conhecido para, dessa forma, provarem seus reais valores nas fronteiras da *oikomene*<sup>144</sup>.

Outra provável influência que o autor que compôs a *Digeneida* sofreu foi das hagiografias ou vidas de santos, o mais típico gênero literário bizantino. Existente desde épocas mais remotas do Cristianismo, nunca deixou de ser escrita ao longo de toda história de Bizâncio, apesar da diminuição de sua produção durante o período dos Comnenos. É um tipo de literatura recheada de lugares-comuns e uma das mais comuns, nas hagiografias bizantinas, são os dos santos anacoretas. Quase sempre esses santos eram pessoas que, por uma iluminação divina, abriam mão da vida mundana e se retiravam para o *eremos*, os “ermos”, mas essa palavra pode também significar

---

<sup>142</sup> *Dig. Akr. G. IV, 27-29, Dig. Akr. E. 710-722.*

<sup>143</sup> *Dig. Akr. G. IV, 30-33.*

<sup>144</sup> Inicialmente esse termo designava simplesmente o mundo habitado, mas com o estabelecimento do Império Alexandrino e logo após, o Império Romano, esse termo passou a significar “mundo civilizado”, isto é, a parte do mundo que onde a civilização greco-romana e, posteriormente, o Cristianismo eram hegemônicos.

“fronteira” em grego, para se dedicarem inteiramente à vida religiosa. As vidas desses santos são recheadas de adversidades que só servem para comprovar a sua santidade.

Digenis Akrites é um anacoreta paradoxal. Ele, após seu casamento, decide ir viver sozinho nas fronteiras<sup>145</sup>, só que, diferentemente dos homens santos, ele não abre mão da vida mundana: ele leva junto, para seu exílio auto-infligido e solitário nas fronteiras, a esposa e serviçais. Como um anacoreta, sua vida “solitária” nas fronteiras é recheada de adversidades: dragões em forma humana, leões e bandidos tentam tomar sua esposa, mas Digenis derrota essas ameaças da mesma forma que um santo derrotaria as tentações enviadas pelo demônio. Entretanto, enquanto a arma do santo é somente sua santidade, as de Digenis são sua força descomunal e a habilidade em armas. Assim, há outro tipo de influência que o autor compositor pode ter recebido, pois as duas lutas que Digenis embate contra um dragão metamórfo e o leão que surge dos arbustos, ambos querendo tomar sua esposa<sup>146</sup>, se assemelham bastante com temas iconográficos importantes.



**Imagem 4:** São Jorge lutando com Dragão. Igreja de Yilanli, Capadócia, século XI. Retirado de [http://1.bp.blogspot.com/\\_mYc94PComOo/SZ\\_VbgW9S1I/AAAAAAAAAYo/ZE4gTGp484Q/s1600-h/1-st-george-st-theodore-goreme-yilanli-kilise-1.jpg](http://1.bp.blogspot.com/_mYc94PComOo/SZ_VbgW9S1I/AAAAAAAAAYo/ZE4gTGp484Q/s1600-h/1-st-george-st-theodore-goreme-yilanli-kilise-1.jpg) no dia 22/07/2009

<sup>145</sup> *Dig. Akr.* G. IV, 954-956, *Dig. Akr.* E. 1086-1096

<sup>146</sup> *Dig. Akr.* G. VI, 42-99, *Dig. Akr.* E. 1097-1138.

A luta contra o dragão transformado em jovem parece a descrição do famoso tema iconográfico de São Jorge e o dragão. O culto dos chamados “santos militares” como São Jorge, São Demétrio e São Teodoro está intimamente ligado à aristocracia militar. Muitas igrejas foram construídas, nos séculos X e XI, na Capadócia, região que deu origem a muitas linhagens de tradição militar, incluído os Phocakes, onde podemos observar imagens de vários santos trajados com uniforme militar bizantino, ao lado de imagens de Cristo, da Virgem e dos doadores que patrocinaram a construção dessas igrejas, membros da aristocracia local. (vide imagem 4) Na realidade, o culto a esses santos eram expressões identitárias tão importantes quanto os cantares épicos de fronteira, que também se inter-relacionavam. Digenis Akrites jura por São Teodoro.<sup>147</sup> Na versão Grotaferrata, quatro ícones dourados desse mesmo santo fazem parte do dote de casamento da esposa de Digenis<sup>148</sup> e, ao construir seu palácio, o herói, da mesma forma que os aristocratas capadóci, constrói uma igreja dedicada a São Teodoro.<sup>149</sup> Digenis Akrites é constantemente chamado na Canção de “*ho kappadokos*”, ou “o capadócio”, assim notamos que o autor-compositor reforça muitas vezes a ligação do herói com essa região, talvez com a intenção de fazê-lo algo como um ancestral mítico de não só dos Doukas, mas de toda uma aristocracia.

Oscar Martínéz Garcia, concordando integralmente com o bizantinista italiano Paolo Odorico, percebe que as referências a outras obras encontradas na *Canção de Digenis Akrites* e não encontradas em nenhuma dos outros cantares épicos se devem a um trabalho de adaptação ou re-elaboração de um material proveniente de uma realidade periférica, as fronteiras, para o ambiente de corte em Constantinopla. Acompanhando, assim, o movimento de constantinopolização que a aristocracia proprietária de terra sofreu, que transformou essa elite originalmente provincial em cortesã. Então, ao relacionar um herói proveniente dessa aristocracia à tradição literária greco-romana, o autor-compositor estaria seguindo as alterações de gosto que as mudanças sofridas pela aristocracia bizantina acarretaram.<sup>150</sup> É uma conclusão bastante válida, mas muito limitada, pois ainda deixa aberto a questão de quem é esse autor.

---

<sup>147</sup> Dig. Akr. G. IV, 477, Dig. Akr. E. 891.

<sup>148</sup> Dig. Akr. G. IV, 907

<sup>149</sup> Dig. Akr. G. VII, 104-105

<sup>150</sup> MARTÍNEZ GARCIA, Oscar.(introdução, tradução e notas) *Poesía Heroica Bizantina: Canción de Armuris, Digenis Akritis y Poema de Belisario*. Madrid: Gredos. 2003. p.26

Se considerarmos a *Digeneida* como só uma adaptação dos cantares de fronteira com a inserção de influências mais cultas, podemos concordar com Michael Angold que afirma que o autor da *Digeneida* “*não necessitava e provavelmente não era um homem com alta formação*”<sup>151</sup>, uma vez que as obras de Homero e os Romances de Alexandre faziam parte da biblioteca básica de qualquer bizantino leigo, ou mesmo religioso, que pudesse ler. Mas é possível analisar essa questão por uma perspectiva inversa. Se a *Digeneida* não for uma releitura sofisticada do material épico fronteiro por um autor de origem aristocrática que fosse familiar a essa tradição, mas uma tentativa de um letrado constantinopolitano, patrocinado pela elite militar, mas que não fazia parte dela, para criar uma obra que se assemelhasse com cantares épicos fronteiros? Isto é, a *Canção de Digenis Akrites* não seria só uma adaptação literária de cantos fronteiros trazidos durante a imigração aristocrática da Anatólia para Constantinopla, mas sim uma composição original, principalmente os feitos de Digenis Akrites.

Os antigos cantares fronteiros não mais correspondiam ao gosto da aristocracia militar que, depois de 1081, havia se tornado também uma elite imperial, portanto, exigiam um texto, um cenário e principalmente um herói diferente. Não entraremos aqui na discussão se o herói Digenis Akrites já existia antes da composição da *Digeneida* na passagem do século XI para o XII, mas o importante é que, se ele existia, o “novo” Digenis Akrites narrado na *Canção* foi completamente relido para se adaptar à nova elite imperial e os novos gostos que surgiram dentro dela. Há fortes indícios que suportam essa afirmação.

Nas dos textos aqui analisados, as versões Escorial e a Grotaferrata, percebemos a existência de certa fragmentação não só narrativa, mas também na construção dos personagens e cenário. No *Cantar do Emir*, há um claro reflexo do tenso dia-a-dia das fronteiras bizantinas pré-Manzikert, pois sua trama é centrada no eterno embate entre bizantinos e muçulmanos, por outro lado não se percebe essa tensão na narração dos feitos de Digenis. A “fronteira” que Digenis Akrites vai viver com sua esposa assemelha-se a um jardim edênico ou palaciano, coberto de árvores frutíferas e pássaros de belo cantar. A ameaça frequente dos *raids* plurianuais que os potentados muçulmanos vizinhos realizavam e que resultavam num estado de eterna vigilância nas fronteiras bizantinas é substituído pelo aparecimento esporádico de leões, dragões, bandidos e uma amazona que têm sempre o mesmo objetivo: raptar a esposa de Digenis.

---

<sup>151</sup> BEATON, Roderick. *The Medieval Greek Romance...* p. 49.



Tudo se passa entre uma sessão e outra de dança e música entre o herói e sua amada. Devido à facilidade que o herói tem para desbaratá-los, esses inimigos parecem ser somente meios dos quais o autor se utilizou para comprovar as virtudes bélicas inerentes ao conjunto de valores aristocráticos que Digenis Akrites representava.

Depois de ter realizado tantos feitos e se afirmado virilmente como um aristocrata, faltava a Digenis uma prova cabal de sua sofisticação e bom-gosto, tão importante aos *archontes komnenoi* quanto a prática bélica. Esse assunto se resolve quando o herói decide construir um palácio na beira do Rio Eufrates.<sup>152</sup> A descrição do palácio que Digenis constrói não deveria ser nada semelhante às moradas provinciais da aristocracia fronteiriça, que mais provavelmente tinham um aspecto de fortaleza. O palácio de Digenis, feito a partir dos melhores materiais possíveis - mármore, ouro e pedras preciosas - com seus belos jardins, decorados com árvores e animais exóticos, vários salões cobertos de mosaicos retratando cenas bélicas tiradas do Antigo Testamento, do Romance de Alexandre e das obras de Homero e da mitologia greco-romana, mais se assemelhavam com os palácios que os Comnenos e seus parentes construíram desde o início do reinado de Aleixo I, os quais foram tão criticados pelo cronista João Zonaras. Lucy-Anne Hunt também percebe essa semelhança ao fazer um paralelo entre o palácio de Digenis, os palácios dos *archontes komnenoi* e os palácios dos potentados sedjuclidas. Fazendo essa comparação a autora percebe uma forte influência orientalizante por parte da aristocracia bizantina que se refletiu na descrição do palácio de Digenis.<sup>153</sup> Hunt associa essas absorções e afirma que elas se deram devido ao estabelecimento de parte da aristocracia da fronteira oriental em Constantinopla a partir de meados do século XI, que, junto de seus costumes, trouxe uma admiração pela arquitetura dos vizinhos muçulmanos. Entretanto, essa transferência de tendências muçulmanas para a arquitetura palaciana cortesã bizantina não foi um fenômeno iniciado a partir dessa migração aristocrática. A fascinação por parte dos bizantinos pela arquitetura islâmica vem desde os dias do imperador iconoclasta Teófilo (829-842), quando ele construiu um pavilhão no Palácio Imperial em Constantinopla seguindo moldes ditados pelos palácios dos Califas Abássidas.

A partir dessas considerações, autor anônimo da *Canção de Digenis Akrites* possivelmente era parte do meio literário de Constantinopla, pouco familiarizado com as

---

<sup>152</sup> *Dig. Akr.* G. VII, 1-107, *Dig. Akr.* E. 1606-1694

<sup>153</sup> HUNT, Lucy-Anne. *Comnenian aristocratic palace decoration: description and islamic connection*. In: ANGOLD, Michael. *Byzantine Aristocracy*...pp. 138-147

durezas de uma vida fronteiriça, mas que tenta construir, tendo como ponto de partida um cantar proveniente da fronteira que resultou no *Cantar do Emir*, sua visão de uma fronteira, baseado também em referências literárias externas a esse mundo: os heróis de Homero, figura heróica de Alexandre, os romances helênicos e as inúmeras narrações de guerras presentes no Antigo Testamento. Resultando, desse modo, no cenário em que Digenis Akrites realiza seus feitos. Ao escrever assim, o autor estaria agradando a uma aristocracia recém-empossada e em vias de reformulação.

Aleixo I, seu filho João II e seu neto Manuel I, queriam que os *archontes komnenoi* fossem uma elite fechada, diferentemente da aristocracia de que eles mesmos provieram, onde não havia controle para a entrada de novos-homens, pois, se a descentralização política é inevitável e a repartição do poder necessária, os *Basilei Komnenoi* queriam ter o controle total dessa distribuição. Por conseguinte, os matrimônios dentro da família eram considerados assuntos de primeira importância e tratados diretamente por esses imperadores. Nessa reformulação onde essa elite procurava uma nova identidade, ao patrocinar um letrado constantinopolitano para escrever sobre um herói aristocrático, um membro dos *archontes komnenoi* queria criar uma obra que se diferenciasse dos cantares épicos tradicionais e criar um novo modelo de costumes e atitudes. Afirmando-se assim ao mesmo tempo como uma casta guerreira à moda antiga e uma nova elite dirigente, orgulhosa de suas origens, suficientemente ilustrada e capaz de realizar as mudanças necessárias para que o Império dos romanos voltasse a ter o brilho que um dia teve.

Ficamos, entretanto, com a dúvida em relação do grau de importância que nosso autor-patrocinador tinha dentro da aristocracia dos Comnenos. Seria parte de uma das linhagens da aristocracia militar anatólica migrada em Constantinopla que não havia sido ainda assimilado pela família imperial e, com a *Canção de Digenis Akrites*, pretendia chamar atenção do imperador e seus parentes com esse elogio aos valores da nova aristocracia? Seria ele já um membro dos *archontes komnenoi* só que de parentesco distante, portanto com pouca visibilidade política e quis, através da obra, chamar atenção para ele e para os seus? Ou seria um representante do núcleo familiar mais próximo do imperador, ou mesmo o próprio, querendo exaltar as virtudes do regime que estava sendo fundamentado? São perguntas que serão deixadas em aberto e que esperamos que esse trabalho de Dissertação possa inspirar outros estudos que pretendam respondê-las. Afinal, um bom trabalho científico é aquele que responde a uma questão e cria várias outras.

## **CAPÍTULO 10: A PROPOSTA DA CANÇÃO OU DIGENIS AKRITES E ALEIXO I COMNENOS**

Em um primeiro momento, a elevação de Aleixo Comnenos à púrpura imperial não mudou a situação de abandono que a Ásia Menor se encontrava desde 1071, pois ele se concentrou na defesa dos territórios ocidentais, deixando as regiões a leste de Constantinopla a própria sorte. No entanto, a chegada dos cruzados em Bizâncio, em 1096, criou a oportunidade e a necessidade do início de um projeto de reconquista. Pondo, desse modo, em confronto as forças imperiais não somente com os turcos, mas também com antigos potentados, armênios principalmente, que anteriormente estavam ligados ao Império, mas que, com a invasão turca, haviam se tornado praticamente independentes e, por último, com os príncipes latinos que haviam se apoderado de praças na Síria e na Palestina, que, porém, mantinham fortes interesses pelas possessões imperiais e mesmo por Constantinopla. É nesse período, de reconquista imperial nos antigos territórios orientais e de conseqüentes disputas entre diversos poderes, que a surgimento da *Digeneida* foi situada por vários historiadores e, nesse sentido, relacionaremos esse contexto com a composição da obra e a formação do personagem *Digenis Akrites* conforme ele é representado nas versões da *Canção* que nós conhecemos.

### **10.1. Nova situação nas fronteiras orientais.**

Embora não houvesse um interesse direto do Sultanato Sedjucida em ocupar o território bizantino na Ásia Menor após a vitória em Manzikert, as várias facções que se confrontaram nas seguidas guerras civis a partir de então atraíram um grande número de turcos para dentro dos territórios orientais do Império, para lutarem como mercenários. Uma vez instalados, lá se estabeleceram, tomando vilas, cidades e terras tanto de camponeses quanto de grandes proprietários bizantinos. Tal estratégia de atrair grupos turcomanos para dentro do território bizantino é aparentemente bastante paradoxal e nem um pouco inteligente, todavia, os bizantinos acreditavam que o poder imperial deveria ser restabelecido antes de se expulsar os invasores. Os turcos eram, segundo a perspectiva bizantina, um povo fragmentado, desorganizado, facilmente manipulável pelo hábil corpo diplomático bizantino, portanto seriam facilmente expulsos tão logo o

poder e o exército imperial fossem reconstituídos.<sup>154</sup> Desse modo, os imperadores e usurpadores que atraíram as hordas turcomanas para dentro da Ásia Menor bizantina não imaginaram que estariam patrocinando o início de um processo migratório não visto desde a primeira expansão muçulmana iniciada pelo profeta Maomé, no início do século VII, talvez maior que ela. Relatos bizantinos, árabes, georgianos e armênios, do final do século XI, descrevem grupos de dezenas ou centenas de milhares de turcos adentrando na Anatólia. No entanto, eles não eram novidade para Bizâncio. Os turcos há muito tempo estavam presentes no Oriente Próximo e Médio. Geralmente eram pequenos grupos que se estabeleciam dentro do mundo muçulmanos como soldados mercenários ou, como no caso dos búlgaros, no século VII, dos húngaros, no século X, e dos petchenegos, no século XI, eram hordas que atravessavam as estepes russas e invadiam o Império através de sua fronteira danubiana, nos Bálcãs.

O caráter da presença turca nas fronteiras orientais mudou radicalmente a partir do século X. Tendo os sedjucidas como pontas de lança, iniciou-se uma migração massiva de grupos étnicos turcomanos para o Ocidente. Em primeiro lugar, os turcos conquistaram o mundo muçulmano. Os sultões sedjucidas conquistaram o Califado Abássida em Bagdá, em 1055, e se nomearam protetores dessa instituição e os mamelucos, soldados-escravos de origem majoritariamente turca, destronaram os aiúbidas, em 1248, no Egito. Com a derrota de Manzikert, em 1071, a migração turca se dirigiu a territórios da Anatólia bizantina. A presença turca nessa região resultou em dois processos relacionados e correlatos: a “nomadização” e a “islamização” ou “sultanização” da Ásia Menor.<sup>155</sup>

Os turcos<sup>156</sup> se estabeleceram principalmente nas áreas mais altas e isoladas da Anatólia, onde poderiam manter seu modo de vida nômade e pastoril, mas no verão eles desciam às terras baixas e aos vales, mais urbanizados e de economia agrária, para

---

<sup>154</sup> ANGOLD, Michael. *The Byzantine Empire, 1025-1204*..... p. 118

<sup>155</sup> Sobre a “nomadização”, “islamização”, “sultanização”, entre outras transformações acarretadas pela presença turca na Anatólia bizantina vide AHRWEILER, Helene. *La Frontière et les Frontières de Byzance en Orient*... pp.228-230, VRYONIS, Speros. *Nomadization and Islamization in Ásia Menor*. In: *Dumbarton Oaks Papers*, vol. 29. Harvard: Dumbarton Oaks. 1979, TREADGOLD. Warren. *Op. Cit.* pp. 668-670. ANGOLD, Michael. *Byzantine Empire, 1025-1204*... pp. 117-120.

<sup>156</sup> A partir desse momento, será utilizado constantemente o termo “turco”. Gostaria de deixar claro que estou me referindo a grupos nômades turcomanos vindos da Ásia Central e não dos naturais do país Turquia. Fiz essa observação, pois a maior parte dos grupos turcomanos estudados aqui não tem relação com os “turcos atuais” que têm a sua origem numa tribo turca surgida no século XIII na região da Bitínia: os Otomanos.

saquear, pilhar e seqüestrar, retornando no inverno. Talvez por isso que essa invasão tenha sido inicialmente subestimada, pois sua presença mais se assemelhava a um banditismo crônico do que uma invasão militar aos moldes que os bizantinos conheciam. Rapidamente os turcos tornaram impossível a manutenção da sociedade sedentária e agrária na Ásia Menor, uma vez que seus habitantes, tanto camponeses quanto aristocratas, tendo suas propriedades tomadas e com medo de serem mortos ou raptados pelos nômades, migraram da Ásia Menor para as ilhas do Mar Egeu, para as províncias ocidentais ou para Constantinopla. Sendo que a consequência mais visível desse fenômeno histórico foi o estabelecimento de famílias da aristocracia anatólica na capital. Esse processo se deu de forma tão ligeira que quando Aleixo Comnenos ascendeu ao trono imperial, exatamente dez anos depois da derrota de Manzikert, praticamente toda a Ásia Menor estava sob domínio turco.

O Grande Sultanato Sedjucida, centrado em Bagdá, apesar de o seu núcleo ser em alto grau arabizado, isto é, centralizado e sedentário, seus comandantes em regiões mais afastadas ainda mantinham o estilo de vida nômade e tribal. Na Ásia Menor, a partir de 1071, gradualmente os turcos começaram a se estabelecer mais firmemente, fundando emirados que, apesar de manter uma ligação de vassalagem ao Grão-sultão em Bagdá, eram praticamente independentes. Quando Aleixo I se tornou imperador, havia registro de vários emirados turcos, ou *beyliks*, em antigas cidades bizantinas na Ásia Menor. Tzachas, seu irmão Yalvac, Tangripermes, Merak, Elchanes e Scaliarios são alguns desses chefes que estabeleceram emirados no Oeste da Anatólia que, por estarem mais próximos de Constantinopla, foram mais amplamente registrados e por consequência, são os que melhor conhecemos. Esses *beiliks* eram, no entanto, extremamente frágeis e efêmeros, pois os chefes turcos eram rapidamente depostos. Essa instabilidade política dificultou o estabelecimento da sedentarização de estilo islâmico ou, como preferem grande parte dos autores, “sultanização” na Ásia Menor. Então, devido por um lado ao desaparecimento total das instituições militares e civis que representavam o poder imperial e por outro, à inexistência de qualquer organização política maior que os instáveis laços familiares que eram a base da sociedade tribal turca, a Anatólia se tornou uma enorme “*no man’s land*”, isto é, uma região sem nenhuma autoridade formal bem estabelecida, entre 1071 e 1096, ano que marca o reinício da reconquista da Anatólia por Aleixo I.

Ainda que os nômades arredios a qualquer autoridade maior dificultassem o estabelecimento de instituições sedentárias muçulmanas, nem todos os emires turcos estabelecidos na Ásia Menor eram efêmeros. Na realidade, um principado turco obteve bastante sucesso como sendo aquele que criou as bases da islamização permanente da Ásia Menor: o Sultanato Sedjulgida de Rum.

Em 1077, Suleiman Bin Kuttalmish, um parente distante do Grande Sultão Sedjulgida, declarou-se independente e sultão das antigas províncias do Império Romano ou Bizantino, por isso seu sultanato é conhecido por ser de “*Rum*” ou Roma, com a capital em Nicéia. Seus domínios eram principalmente as terras altas centrais do planalto anatólico, que se adaptavam mais ao estilo de vida pastoril dos turcos. No entanto, o objetivo dos sedjulgidas de Rum era estabelecer um domínio permanente e para isso, iniciaram um processo de sedentarização ao estilo muçulmano. Portanto, os sultões sedjulgidas construíram palácios, mesquitas, mercados, hospitais, *madrassas* (escolas de ensino islâmico) e *caravansarais* (albergues situados em rotas de comércio, onde os viajantes e comerciantes poderiam encontrar alojamento e alimentação, para eles e para seus animais, de graça). Essas instituições eram geralmente mantidas pelo regime de *waqf*, que cedia parte da renda, seja em dinheiro seja em produtos, de vilas e cidades para sustentá-las. Os sultões de Rum também atraíram para sua corte artistas e homens de letras, muçulmanos e cristãos. Assim, seja para sustentar um governo centralizado de estilo sultânico, seja para manter essas instituições muçulmanas mantidas pelas *waqfs*, os sedjulgidas de Rum necessitavam de um mundo sedentário com cidades, plantações e comércio, isto é, uma intensa atividade econômica. Logo, os sedjulgidas incentivaram a manutenção de cristãos e o estabelecimento de árabes em seus domínios, uma vez que a maior parte dos turcos não estava adaptada para a vida sedentária. Portanto, nos primeiros anos do Sultanato de Rum, a maior parte de seus súditos era cristã, mas gradualmente, devido à imigração, sedentarização dos turcos, conversões espontâneas, incentivadas por pregadores ou por desejo de *status* político, para não mais pagar o imposto exclusivo aos cristãos e judeus e algumas conversões forçadas, a população cristã na Ásia Menor foi diminuindo na mesma proporção que a muçulmana foi aumentando. Documentos episcopais bizantinos confirmados por censos demográficos otomanos nos mostram que no século XV, trezentos anos depois do início da invasão turca na Ásia Menor, a população muçulmana já era a massiva maioria. Os nômades, no entanto, continuaram a ser um empecilho para o estabelecimento, no caso

dos sedjulgadas, e para o restabelecimento, no caso dos bizantinos, da vida urbana, comércio em larga escala e da agricultura na Ásia Menor durante todo o século XII. E continuaram a ser até mesmo quando os otomanos já haviam estabelecido seu império no final do século XV.<sup>157</sup>

O Sultanato de Rum e os *beiliks* turcomanos, no entanto, não foram os únicos obstáculo para o restabelecimento do poder imperial na Anatólia. Depois da derrota em Manzikert, alguns poderosos cristãos locais e antigos *strategoi* nomeados por imperadores anteriores se negaram a fugir e decidiram fazer frente aos turcos, nominalmente como representantes do Império, mas na prática criaram principados independentes no que era a antiga fronteira oriental bizantina. Quando Aleixo iniciou sua reconquista anatólica, muitos deles não se interessaram na incorporação aos *archontes komnenoi*, portanto resistiram da mesma forma que os turcos, mas talvez não com tanto sucesso.

## 10.2. Os senhores das fronteiras depois de Manzikert

A invasão normanda à Grécia Bizantina em 1082, liderada por Roberto Guiscardo, encontrou o imperador Aleixo I numa situação de emergência. Ele tinha acabado de tomar a púrpura imperial e encontrado o Império Bizantino sem recursos e sem exército. Para remediar essa situação, Aleixo tomou uma série de medidas, entre elas chamar as tropas imperiais que restavam na Anatólia. A situação foi descrita por Ana Comnena de tal forma:

“Entretanto, sendo não só um homem corajoso e perseverante, mas tendo uma excelente experiência na guerra, ele (Aleixo I Comnenos) quis restaurar o Império, trazendo-o de novo para um porto seguro depois de terrível choque e com a ajuda de Deus quebrando, como as ondas que batem na rocha, os inimigos que, em sua loucura, se rebelaram contra ele. Ele decidiu que havia chamar rapidamente todos os **toparcas** no Oriente, homens que como governadores de fortificações e cidades estavam bravamente resistindo contra os turcos. De uma vez, ele enviou despachos para todos eles: para Dabatenus, governador temporário da Herácleia Pontica e Paflagônia; para Burtzes, governador da Capadocia e Choma; e para outros oficiais. (...) Ele ordenou que eles mantivessem a segurança de suas províncias, deixando para isso soldados suficientes, mas que o resto fosse mandado para Constantinopla, trazendo junto dessem o quanto de recrutas hábeis fosse possível”<sup>158</sup>

---

<sup>157</sup> VRYONIS, Speros. *Nomadization and Islamization in Ásia Menor...* p.58.

<sup>158</sup> ANA COMNENA. Livro 3, IX. Tradução do inglês por este autor.

Nesse relato observamos algumas características bastante interessantes. Primeiro o tom elogioso de Ana Comnena referente a esses chefes locais, citando a heróica resistência aos turcos e o termo que utiliza para designá-los: *toparcas*. Cecaumenos descreve, entre 1070 e 1080, alguns anos antes da descrição de Anna Comnena, o *toparca* como um príncipe autônomo que tem seus domínios na região fronteira do Império, que, apesar de poder ser um cliente ou um protegido do imperador, ainda mantinha a independência e domínio total de seu território. Apesar de ser bizantino, Cecaumenos desaconselha firmemente ao *toparca* de trocar sua liberdade e seus territórios por honras e dinheiro, já que, uma vez sem seus domínios, esse *toparca* perderia totalmente seu valor frente ao imperador.<sup>159</sup>

A diferença entre os *strategoi* das fronteiras e os *toparcas* de Cecaumenos era tênue. Talvez a única diferença entre um e outro é o grau de independência em relação ao imperador. O estabelecimento de *toparcas* aliados a Bizâncio era uma primeira etapa para a anexação de seu território ao Império. No contexto fronteiro oriental, os *toparcas* eram exatamente aqueles chefes locais, principalmente armênios e georgianos, que eram gradualmente absorvidos para dentro do mundo bizantino, os quais o controle da fronteira bizantina dependia fundamentalmente de suas fidelidades na época de expansão territorial dos séculos X e XI.<sup>160</sup> A incorporação dessa elite local foi cuidadosamente construída pela diplomacia bizantina, sua base foi uma força centrípeta exercida pela aculturação, isto é, conversão para o cristianismo ortodoxo, adoção de hábitos bizantinos (vestimenta, alimentação, idioma etc) e a atração que o poder simbólico da autoridade imperial bizantina tinha. Em troca do reconhecimento formal da autoridade imperial, o Império daria apoio para suas reivindicações locais frente a outros potentados da região. Muitas vezes esse auxílio era somente o reconhecimento imperial da autoridade desses poderosos através da concessão de títulos honoríficos ou mesmo de altos cargos no exército bizantino. Aqui é importante reconhecer o poder de legitimação que um título palaciano ou um cargo militar bizantino teria nessas regiões onde o poder era fragmentado em pequenos príncipes independentes.

O processo de absorção dessas elites fronteiriças foi um processo lento e mesmo que alguns dos *toparcas* se tornassem *strategoi* sua lealdade era tênue. De forma que, quando a autoridade imperial bizantina desapareceu nas fronteiras orientais, depois de

---

<sup>159</sup> CECAUMENOS. Livro XVI. 1 e 2.

<sup>160</sup> Vide capítulo 5.2.



1071, muitos desses potentados, dos que não se exilaram em Constantinopla, como a maioria o fez, foram facilmente cooptados pelos sedjulgidos, ainda que alguns tenham resistido<sup>161</sup>.

Na Cilícia, sul da antiga fronteira oriental bizantina, Rupen, um representante da dinastia armênia de Ani, lá se estabeleceu na segunda metade do século XI, criando inicialmente uma corte predominantemente armênia e um domínio privado regional, mas sob autoridade bizantina. No início do reinado de Aleixo I, Rupen cortou os laços políticos que o ligava a Constantinopla e se estabeleceu como um governante independente, descobrindo, nos cruzados, aliados providenciais. Esse domínio dinástico armênio, no decorrer do século XII, se tornou um reino independente e um difícil obstáculo para o projeto de supremacia anatólica defendida pelos Comnenos.

Os Gabrades foram o exemplo mais duradouro e interessante por ilustrar bem as dificuldades que Aleixo Comnenos e seu sucessor João II Comnenos encontraram ao tentar lidar com os poderosos independentes da Anatólia, ainda que não abrissem mão de ser parte do Império. Os Gabrades têm sua origem na região da Córdia, no noroeste da Anatólia, cujo principal centro urbano é Trebizonda. No reinado de Aleixo, o chefe dessa família era Teodoro Gabras, um aristocrata militar que, com suas próprias forças, reconquistou a cidade de Trebizonda dos turcos e passou governar a região como se fosse seu soberano. Anna Comnena<sup>162</sup> descreve que Teodoro Gabras estava em Constantinopla e Aleixo Comnenos, provavelmente temendo conspirações, o enviou de volta para Trebizonda com sua autoridade reconhecida através do título de *doux* da Córdia. O imperador estabeleceu, entretanto, que seu filho, Gregório Gabras, deveria ficar em Constantinopla, onde, seguindo as mais tradicionais práticas bizantinas em relação a poderes locais de regiões limítrofes, seria uma espécie de garantia de bom-comportamento do pai ou, em outras palavras, um refém. Gregório Gabras seria também educado no círculo imperial para que mais tarde desposasse a filha do irmão do imperador e *sebastocrator* Isaac, que o ligaria para sempre essa família aos *archontes komnenoi*. O relato de Ana Comnena demonstra claramente que Teodoro Gabras não estava interessado em entrar no círculo político e familiar dos Comnenos, no entanto não queria se indispor com Aleixo I. Assim, Teodoro Gabras criou uma série de

---

<sup>161</sup> Visões gerais sobre os antigos *akritai* que se mantiveram na Ásia Menor como príncipes independentes depois da batalha de Manzikert, como os Gabrades, Rubenidas e Filaretos Brachamios, vide TREADGOLD, Warren. Op.cit. p. 614, 668-672. & ANGOLD, Michael. *The Byzantine Empire, 1025-1204*..... pp. 117-120. & CHEYNET, Jean-Claude. *Op. cit.* pp. 237-239.

<sup>162</sup> ANA COMNENA, Livro 8, ix.

artimanhas para impedir o casamento entre seu filho e a sobrinha do imperador. Em primeiro lugar, ao se enviuvar, se casou novamente como uma princesa georgiana, que era irmã da esposa do *sebastokrator* Isaac, impedindo canonicamente, desse modo, o casamento de seu filho com a sobrinha de Aleixo Comnenos, uma vez que, como o casamento, eles haviam se tornado primos em primeiro grau. No entanto, Aleixo não desistiu de cooptar os Gabrades para sua elite imperial. Ele manteve Gregório em Constantinopla, planejando o casar com alguma de suas filhas. Para evitar isso, Teodoro veio a Constantinopla, planejou e realizou o rapto de seu filho. Aleixo, contudo, o alcançou no Mar Negro e o apresentou um dilema: manter seu filho e se tornar um inimigo do imperador ou abrir mão dele e continuar como um amigo imperial. Teodoro escolheu a primeira opção e voltou sozinho a Trebizonda, onde manteve seu domínio pessoal até sua morte, quando foi capturado em batalha e depois morto pelos turcos por se negar a aceitar a conversão ao Islamismo, tornando-se, assim, o primeiro mártir da era dos combates contra os turcos. Seu filho Gregório Gabras voltou a Constantinopla para continuar sua educação no seio da linhagem Comnenos, mas gradativamente sua relação com a família imperial se degradou. Envolveu-se em conspirações e, por isso, foi enviado às masmorras. Outro filho de Teodoro, Constantino Gabras, continuou desvinculado aos Comnenos e como senhor de fato de Trebizonda e região, até ser forçado a associar sua família aos Comnenos e com isso, entregar seus domínios pessoais integralmente ao poder imperial por volta de 1140. Há também registros de uma ramificação da família Gabras absorvida pela corte sedjulgida de Rum. O sultão Kilidj Arslan I, enviou, como emissário à Manuel II Comnenos, logo após a derrota bizantina em Myriokephalon, em 1178, Ihtiyar al-Din Hasan ibn Gabras, que foi quem negociou com imperador os termos de sua derrota.<sup>163</sup>

Os Gabrades e os Rupenidas foram exceções, a maior parte não resistiu e foi conquistada pelos sedjulgidas, como foi o caso de Filaretos Brachamios. Ele era um aristocrata de origem armênia, *protokouropalates* (*kouropalates* era um título tradicionalmente dado a potentados estrangeiros e aristocratas militares) e *Domestikos* das *Scholae* da Anatólia, ou comandante das tropas imperiais no Oriente, durante o reinado de Romano IV (**vide imagem 5**). Depois da derrota de Manzikert e a deposição desse imperador, Brachamios reconheceu somente a autoridade simbólica do imperador, mas na prática era um potentado independente e dominou grande parte do que era a

---

<sup>163</sup> Sobre o martírio de Teodoro Gabras e a existência de uma ramificação dessa família em meios sedjulgidas vide VRYONIS, Speros. *Nomadization and Islamization in Ásia Menor...* p.62-63

fronteira oriental, como o norte da Síria, incluindo Edessa, e Antioquia, até sua morte em 1085. Depois disso, suas possessões foram divididas entre seus filhos e comandantes que formaram outros pequenos principados independentes que foram logo conquistadas pelos sedjucidos e cruzados. Um de seus subordinados era Thoros-Theodoro que se apoderou da cidade de Edessa depois da morte de Brachamios. Em 1098, Balduíno de Bolonha, um dos líderes da primeira cruzada, desviou seu caminho para Edessa e negociou sua adoção por Thoros. Depois de adotado, Balduíno incitou a população armênia de Edessa a se revoltar contra Thoros, que o odiava por professar a ortodoxia bizantina, portanto a multidão espancou-o até a morte. Com isso, Balduíno tomou a cidade e fundou o Condado de Edessa.



**Imagem 5:** Selo de Philaretos Brachamios datado como sendo de 1080/1082. Coleção do Vaticano.

Frente: Imagem de algum santo militar. Verso: inscrição Filaretos Protokouropalates & Domestikos da Schola da Anatólia ou

+ ΦΙΛΑ(ΡΕΤΟΣ) ΠΡΟΤΑΚΥΡΟ(ΠΑΛΑΤΕΣ) ΔΟΜΕ(ΣΤΙΚΟΣ) ΤΟ ΣΚΟ(ΛΑ) Τ(ΟΝ) ΑΝΑΤΟΛΙΚΟΝ  
+

A aproximação de Aleixo com esses “toparcas”, relatada por Anna Comnena, deve ser percebida por uma perspectiva diferente de Michael Angold, que afirma que ela foi somente uma mobilização emergencial de tropas. Aleixo, ao tentar captar as forças dos toparcas, tentou estabelecer sua preponderância sobre eles. No entanto, para que esses poderosos concordassem em abrir mão de suas limitadas tropas disponíveis, eles teriam de aceitar a autoridade de Aleixo e, como podemos perceber nos casos dos Rupenidas, Gabrades e Filaretos Brachamios, muitas vezes isso não aconteceu.

No último terço do século XI, houve nas fronteiras orientais um movimento inverso ao que se observou nos períodos anteriores. Quando a atração de príncipes locais, como Melias no final do século IX, permitiu a expansão das fronteiras do Império sem a necessidade de envio de expedições e embates armados. Por outro lado, essa aproximação imperial a chefes locais inseriu, na aristocracia bizantina, as práticas políticas desagregadoras daqueles, cujas ligações clânicas sobrepuseram por muitas vezes à fidelidade ao imperador. Por um tempo, o comando das fronteiras estava assegurado, pela política autocrática de imperadores como Basílio II ou pela liberdade de ação que alguns outros imperadores davam a essa elite akrítica, desde que esses reconhecessem nominalmente a autoridade imperial em seus domínios e se comprometessem a liderar seus exércitos. Porém, a crise política, as guerras faccionais e, por fim, a derrota em Manzikert abalou esse sensível equilíbrio. A aristocracia anatólica rachou. Os que acreditavam que tinham mais a ganhar com a proximidade do trono imperial partiram para Constantinopla, mas outros ficaram. Esses eram os toparcas a que se referiu Ana Comnena.

A sucessão de usurpações do trono afetou a autoridade imperial nas suas fronteiras, pois, cada imperador que se sucedia, fazia seguidas nomeações para as províncias limítrofes, logo, os comandantes fronteiriços indicados pelos imperadores depostos ou mesmo o chefes de linhagens de grande destaque local aproveitavam a situação e declaravam fidelidade ao imperador anterior, se tornando, assim, a semelhança dos ancestrais dessa elite fronteiriça, toparcas independentes. Esse foi o caso de Filareto Brachamios, que indicado por Romanos IV Diógenes, não reconheceu os seus sucessores e, muito provavelmente, também dos armênios do clã Rupenida e dos trapezuntinos Gabrades.

### **10.3. A Reconquista Anatólica de Aleixo I**

Apesar de Aleixo I ser parte de uma família que foi expulsa da Anatólia pela invasão turca, a reconquista dessa região não parecia ser nenhuma prioridade para seu programa de governo. Pelo contrário, Aleixo Comnenos retirou o restante de tropas imperiais que ainda restavam na Anatólia para fazer frente à invasão normanda na Grécia, em 1082. Durante muito tempo esse imperador não teve interesse em reconquistar as regiões a leste de Constantinopla, se concentrando na defesa dos Balcãs e da Grécia, onde se situavam as províncias mais ricas e que, portanto, trariam mais rendas. Aleixo havia estabelecido fortalezas na região de Nicomedia, cidade anatólica

próxima a Constantinopla, no verão de 1095<sup>164</sup>, que provavelmente serviria como cabeça-de-ponte para uma suposta reconquista bizantina que estava em seus planos, mas, por falta de recursos, dificilmente seria posta em prática. A situação mudou drasticamente com o início de um movimento que a curto prazo trouxe benefícios à Bizâncio, a médio prazo, muitos problemas e a longo prazo, a ruína dessa civilização: as Cruzadas<sup>165</sup>

Tradicionalmente, a Primeira Cruzada é descrita como uma reação a certa carta que Aleixo I teria enviado ao papa Urbano II (1042-1099) pedindo ajuda ocidental contra os turcos. Há um grande debate, entre os que estudam as cruzadas sob a ótica bizantina e os que estudam as Cruzadas sob a ótica dos cruzados, em relação à existência ou não dessa carta de Aleixo I para Urbano II. Os primeiros afirmam que dificilmente ela teria existido e se existiu, ao mandar essa missiva ao papa, Aleixo Comnenos tinha em mente o envio de um contingente de mercenários e não a relacionou com a chegada do massivo exército cruzado. A prova desse argumento é suposta surpresa que Ana Comnena afirma que seu pai e todos os bizantinos tiveram ao acordarem com essa enorme e inconveniente multidão entrando em suas fronteiras. Paul Magdalino indaga que talvez essa “surpresa” foi criada por Ana Comnena para suprimir da História o embaraçoso fato de que Aleixo I Comnenos sabia que ele foi em parte responsável pela mobilização daquele movimento que causou tantos problemas para ele e seus sucessores. Lembremos que Ana Comnena escreveu a *Alexiada* com uma clara agenda política pró-Aleixo e anti-João II e numa data muito próxima, senão durante, a Segunda Cruzada (1147-1149), que trouxe ao seu sobrinho Manuel II Comnenos o mesmo tipo de inconvenientes que Aleixo I enfrentou.

Existindo ou não essa carta, a real motivação do início do movimento cruzado para o Oriente - pois não podemos esquecer que esse conceito de guerra santa não nasceu nesse momento e sim na guerra contra os muçulmanos na Península Ibérica - foi um impulso guerreiro da nobreza que há tempos a Igreja tentava controlar. Por conseguinte, ao proclamar a cruzada em 1095, o papa canalizava-o para o Oriente e, afirmando que era bom e virtuoso derramar sangue muçulmano, Urbano II criou uma

---

<sup>164</sup> TREADGOLD, Warren. *Op.cit.* p. 620.

<sup>165</sup> Para uma visão geral sobre as cruzadas vide FERNANDES, Fátima Regina. *Cruzadas na Idade Média*. In: MAGNOLI, Demétrio.(org). *História das Guerras*. São Paulo: Contexto. 2006. pp. 99-130. Para a perspectiva bizantina da 1ª Cruzada vide ANA COMNENA, Livros 10 e 11. TREADGOLD, Michael. *Byzantine Empire, 1025-1204...* pp. 157-167. MAGDALINO, Paul. *The Byzantine Background to the First Crusade*. In: Canadian Institute of Balkan Studies. 1996

solução adequada a esse problema. Entretanto, para Bizâncio, tal movimento fugia daquilo que era conhecido. Os bizantinos reconheciam o valor da peregrinação à Palestina, terra sagrada a todos os cristãos, mas não entendiam por que, de um dia para o outro, o Ocidente Latino inteiro, ao que parecia para eles, decidiu se armar e se dirigir a Jerusalém para conquistá-la. Para muitos bizantinos, incluindo a filha do imperador Ana Comnena, aquilo parecia uma artimanha de alguns líderes da Cruzada, como Boemundo de Tarento, para se aproveitar daquele exército e conquistar Constantinopla. Por isso, Aleixo, apesar de ter recebido e ajudado os exércitos cruzados enquanto eles passavam por território bizantino, teve grande receio em relação a eles. Limitou a entrada de seus líderes em Constantinopla, forçou-os a prestar um juramento de lealdade para que eles se comprometessem a devolver cidades e regiões que eles conquistassem dos muçulmanos que anteriormente pertenciam aos bizantinos antes da invasão sedjúcida e, ao conseguir esse compromisso, apressou, ao máximo, a partida dos cruzados para o outro lado do Bósforo.

A conquista da Terra Santa não era prioridade bizantina na época, mas, por outro lado, a presença de uma força militar daquela proporção que teoricamente estava submetida a Aleixo I poderia ser um instrumento interessante para o início da reconquista da Anatólia. O momento era propício. Desde a morte do grande vizir abássida Nizan Al-Mulk e do Sultão Malik Shah, em 1092, o Sultanato Sedjúcida de Rum estava debilitado por guerras civis e a chegada dos cruzados dificultou ainda mais a situação para eles. A cooperação entre bizantinos e cruzados, por outro lado, não foi fácil, havia uma desconfiança mútua e o rompimento entre as duas partes não demorou a acontecer. O primeiro grande desafio dos cruzados foi a cidade de Nicéia, importante centro urbano anatólico e capital do Sultanato de Rum. Em 1097, os cruzados iniciaram o cerco a cidade, mas, durante o cerco, Aleixo enviou secretamente emissários para negociar uma rendição da população, de maioria cristã ortodoxa, portanto mais ligada a Aleixo I Comnenos, diretamente a tropas imperiais. Com medo de um provável massacre caso os cruzados entrassem na cidade, os habitantes de Nicéia capitularam ao imperador. Temor esse bem fundamentado, se observarmos o comportamento desses mesmos cruzados, dois anos depois, ao conquistar Jerusalém. Com a capitulação de Nicéia a Aleixo Comnenos, os líderes cruzados se sentiram traídos pelo imperador, fragilizando a já fraca aliança entre eles. Oficialmente ela só acabou durante o cerco de Antioquia. Aleixo chegou a marchar até Antioquia para auxiliar no cerco, mas foi tarde demais, os cruzados liderados pelo filho de Roberto Guiscardo, portanto um dos

principais inimigos de Aleixo, Boemundo de Tarento conseguiram entrar em Antioquia, tomando-a. Boemundo se negou a entregar a cidade a Aleixo, quebrando o juramento que havia feito anos atrás em Constantinopla e iniciando uma contenda entre os imperadores bizantinos e príncipes normandos que iria durar muitos anos.

Enquanto isso, Aleixo I organizou uma série de ofensivas contra os turcos para aproveitar o momento de fragilidade causada pela presença dos cruzados em seus territórios, sendo a mais importante a campanha liderada por João Doukas, cunhado imperial, em 1098, numa ofensiva em mar e terra contra o Emirado estabelecido por Tzachas em Smirna e região. A campanha de João Doukas foi um grande sucesso, ele venceu os turcos em uma série de batalhas campais e reconquistou as cidades de Smirna, Éfeso, Sardes, Filadélfia e Poliboto. Essa expedição marcou o início da reconquista bizantina de parte da Anatólia. Outras campanhas para dentro da Ásia Menor foram lideradas tanto por Aleixo Comnenos quanto por comandantes enviados por ele e vão se seguir a essa. Contra Boemundo de Tarento, várias vezes entre 1101 e 1108, que vai resultar na vitória bizantina, conquista da Cilícia (sudeste da Anatólia) e no Tratado de Devol, onde Boemundo reconhece o domínio bizantino em Antioquia. Porém, o tratado não significou muita coisa na prática, uma vez que os latinos tomaram posse dessa cidade e não reconheceram o tratado.<sup>166</sup> Aleixo ainda travou embates contra os sedjucidas de Rum, quando ele derrotou os sedjucidas de Rum nas cercanias Philomelium, em 1116, mas não se estabeleceu por falta de contingente.<sup>167</sup>

No fim de seu reinado, Aleixo I Comnenos conseguiu, através de sua habilidade militar e política, associada ao oportunismo, restabelecer o domínio bizantino na parte ocidental da Anatólia. No entanto, as vitórias militares de forma nenhuma eram um triunfo *per se*, mas sim o início de um longo e complicado processo. A reconquista de cada cidade micro-asiática significava o início de um trabalho de reconstrução da própria cidade, pacificar os arredores, para que a agricultura e comércio sejam retomados, e encontrar pessoas dispostas a morar nesse local, tarefa que imaginamos ter sido difícil. Ora quem iria querer sair das províncias ocidentais, ricas e relativamente seguras, para ir morar numa Ásia Menor pobre e desolada e ainda conviver com uma ameaça constante de ter suas propriedades saqueadas ou até mesmo ser levado como cativo pelos turcos? Mesmo que o *doux* local conseguisse destruir ou dispersar um

---

<sup>166</sup> ANA COMNENA. Livro 13.

<sup>167</sup> Sobre as conquistas anatólicas de Aleixo I vide ANA COMNENA. Livro 11, v-vi, TREADGOLD, Warren. *Op.Cit.* pp. 619-629, VRYONIS, Speros. *Nomadization and Islamization in Ásia Menor...* p. 44.

grupo de turcos que estivesse assolando uma região, ela era rapidamente substituída por outro grupo recém-chegado da Ásia Central, pois não podemos perder de vista que estamos tratando aqui de uma imigração massiva e contínua. Portanto, é aqui que Paul Magdalino aponta um dos maiores sucessos de Manuel I Comnenos (1143-1180), assim como de seu pai, João II Comnenos e de seu avô, Aleixo I Comnenos, pois, embora esses três imperadores não tenham reconquistado toda a Ásia Menor, restauraram com bastante sucesso o domínio bizantino em grande parte dela; com certeza nas terras mais ricas e férteis, que eram as províncias perto do litoral, permitindo, nem que seja por um século, o reflorescimento da civilização bizantina, da vida urbana, da agricultura e do comércio anatólico.<sup>168</sup>

#### **10.4. Casamento de Digenis Akrites e surgimento político de Aleixo Comnenos**

Levando em conta as pontuações feitas sobre o contexto anatólico entre a derrota em Manzikert, em 1071, e o fim do reinado de Aleixo I Comnenos, em 1118, iremos, a partir de agora, traçar um paralelo com a composição, na mesma época, *Canção de Digenis Akrites*, situada nessas mesmas fronteiras orientais, para assim tentar compreender prováveis motivações para sua composição, as quais dificilmente poderão se atribuir, como foi feito até então, a um ressoar nostálgico de uma elite deslocada. Por outro lado, também vão muito além do novo discurso palaciano surgido com a supremacia da facção Comnenos-Doukas. Logo, comparações entre as duas trajetórias e personalidades, de Digenis Akrites, em sua canção e a de Aleixo, em suas biografias, trazem semelhanças que dificilmente poderíamos atribuir ao acaso, ou ainda a uma utilização de mesmos *topoi* literários.

Aquela justaposição entre o primeiro episódio narrado na *Alexiada*, quando o jovem Aleixo tenta acompanhar Romanos IV em sua campanha contra os turcos, e os episódios de amadurecimento dos cantares akríticos, em especial da *Canção de Digenis*<sup>169</sup> é a primeira de todas. Após provar-se como homem feito na caça de ursos e outras feras, Digenis volta para casa, mas, no caminho, faz uma parada nas propriedades do General (*strategos*) – que, na versão Grotaferrata, é da linhagem Doukas e na versão

---

<sup>168</sup> Sobre a reconquista bizantina de parte da Anatólia sobre os Comnenos vide MAGDALINO, Paul. *The Empire of Manuel Komnenos...* pp.123-132.

<sup>169</sup> Aqui não iremos entrar em muitos detalhes, pois considero que ela já foi suficientemente analisada no capítulo 10.1



Escorial, a linhagem do general não nos é informada, talvez porque a narração esteja corrompida – e lá o herói conhece a filha daquele General. Aqui há uma forte influência do romance helenístico, pois os dois possuem uma beleza incomparável e, por isso, se apaixonam perdidamente um pelo outro à primeira vista. A donzela, contudo, está receosa, pois seu pai tem o costume de matar todos os seus pretendentes, mas Digenis não se intimida e propõem uma fuga. A donzela concorda e os dois marcam para o dia seguinte, quando Digenis voltaria e os dois fugiriam secretamente. Assim, o Akrites retorna ao lar paterno, perturbado pelos novos sentimentos que até então nunca havia sentido. Por isso, não come nada na ceia, preocupando sua mãe. No cair da noite, Digenis Akrites toma suas armas e sua *kithara* (provavelmente um instrumento de cordas) que ele mesmo fez e manda o cavaliário preparar seu cavalo negro. Com tudo pronto, Digenis parte para a casa do General, onde se posta abaixo da sacada do quarto de sua amada e começa a tocar e cantar. Depois de um breve intervalo, mas o suficiente para deixar Digenis inseguro, a donzela aparece, desculpando-se por ter adormecido durante a espera. Assegurado o amor dos dois, a donzela desce de sua sacada, monta no cavalo de Digenis e iniciam sua fuga, não sem antes de Digenis gabar-se, abaixo da janela do General, de estar raptando a filha dele. O General, desesperado por perder sua preciosa filha, envia seu exército pessoal, parentes e filhos para matar Digenis e tomar de volta a donzela. No entanto, o herói mata todos que foram enviados para lhe oferecer combate, exceto os cinco irmãos e o pai da donzela, a pedido de sua amada. A luta somente se interrompe quando o pai da dama reconhece o valor de seu pretense genro e aceita a união entre os dois, mas pede para levar a filha para casa para que se apronte de forma apropriada o casamento. Porém, de forma respeitosa, Digenis nega o pedido e afirma que ele levará a donzela para sua casa, onde acontecerá o matrimônio e onde os seus sogros serão convidados de honra. O General, impotente, aceita.

Depois da luta pela posse da donzela, Digenis a leva para sua casa, onde sua noiva é saudada por seus pais, tios, familiares e servos. O casamento é realizado conforme a tradição aristocrática: presentes e dotes à altura do *status* familiar são trocados, seguido por uma festa que tem a duração de vários dias e, por fim, Digenis, seguro da posse legal de sua esposa, decide ir morar nas fronteiras.<sup>170</sup>

---

<sup>170</sup> Esse episódio foi retirado de *Dig. Akr. G. IV*, 254-952, *Dig. Akr. E.* 793-1088. Há algumas diferenças em alguns detalhes entre as duas versões, mas, no principal, a história é a mesma e é o que foi resumido aqui.

Embora o rapto se mantenha, os episódios de casamento do Emir e de Digenis Akrites são bastante variados. O casamento do Emir com a donzela que ele havia raptado respeitou as convenções sociais bizantinas em relação a matrimônios, isto é, um trato entre duas famílias, negociada pelos varões de cada uma delas, sendo que a noiva teve pouca ou nenhuma participação na organização de seu casamento. A única excepcionalidade é que geralmente tais tratos eram realizados pelos pais dos noivos, que eram os chefes da casa (o *oikodespotes*), mas, na *Canção do Emir*, eles não estão presentes. O pai da donzela está exilado por conspiração e o pai do Emir não é mencionado, provavelmente já é morto.

O casamento de Digenis foge completamente do *modus operandi* social bizantino. Embora o pai do Akrites, o Emir, tenha tentado iniciar uma negociação matrimonial com o General, ela foi logo abortada, pois este acreditava que não havia noivo bom o suficiente para sua filha<sup>171</sup>, a decisão de se casar foi integralmente idéia dos jovens apaixonados. Nos versos, é clara a consciência de que ambos não estavam respeitando as regras estabelecidas e tinham medo, especialmente a donzela, das implicações de seus atos, mas tudo era justificável pela intransigência do General e principalmente pelo amor que um nutria pelo outro. Por isso, arriscando suas vidas e suas honras, decidiram partir sem a benção dos pais da donzela, resultando numa amostra viril de habilidades em luta por parte de Digenis Akrites, que, vencendo todos em embate armado, mantém a donzela consigo e a leva para casa de seus pais.

Apesar de estarmos aqui lidando com a clara inserção de um *topos* literário retirado do romance helenístico, tão famoso e tão apreciado no meio literário secular bizantino dos séculos XI e XII, ao ler a obra como um todo inserido num certo contexto histórico - que é o objetivo primário desse trabalho - percebemos que esse episódio vai além de suas influências ou gostos literários do autor e de seus leitores. Passando a comparar esse episódio da narração dos feitos de Digenis com o que conhecemos da fase pré-imperial da carreira pública de Aleixo Comnenos, algumas aproximações são possíveis.<sup>172</sup>

Assim como Digenis Akrites, Aleixo Comnenos se destaca precocemente por suas habilidades bélicas, como guerreiro e comandante. Ele foi promovido a general, ainda no reinado de Miguel VII Doukas (1067 - 1078) e obteve seguidos sucessos.

---

<sup>171</sup> *Dig. Akr. G. IV*, 300-309.

<sup>172</sup> Sobre mais informações sobre o início da carreira de Aleixo Comnenos até sua ascensão ao trono imperial vide ANA COMNENA, Livros 1 e 2

Logo, se pensarmos que Aleixo Comnenos tinha seus 14 anos quando tentou acompanhar Romanos IV (1068-1071) em sua campanha contra os turcos, podemos imaginar que, ao tomar o posto de general, ele estaria ainda na adolescência ou, no máximo, na flor de sua juventude. Seu primeiro sucesso como comandante foi contra Roussel de Bailleau, um franco que, num primeiro momento servia como capitão mercenário para os bizantinos, mas, depois da derrota em Manzikert e o declínio do poderio imperial nessa região, havia estabelecido um domínio particular extremamente popular na cidade e região de Amaseia, na *themata* dos Armeniakos. Com ajuda de contingentes turcos, Aleixo Comnenos derrotou e aprisionou Roussel. Também, já no reinado de Nicéforo III Botaneiates (1078-1081), Aleixo derrotou o aristocrata Nicéforo Brienios, que havia formado uma facção de aliados e se rebelado contra o imperador, ansiando pelo trono imperial. Por esses e outros sucessos, Aleixo Comnenos e seu irmão Isaac conquistaram a afeição do imperador Nicéforo III e principalmente de sua esposa Maria da Alânia, divorciada do imperador precedente Miguel VII Doukas, que foi obrigado a tomar hábito monástico. No entanto, esse casamento desfeito havia resultado em um filho, Constantino Doukas, o qual Nicéforo Botaneiates se tornou protetor legal de sua legitimidade sucessória. A ligação entre os irmãos Comnenos e a imperatriz foi determinante quando Nicéforo Botaneiates, já um idoso ao se tornar imperador, apontou como seu sucessor um parente seu ao invés de Constantino Doukas. Aleixo Comnenos, parente dos Doukas por matrimônio, decidiu defender os interesses de Constantino Doukas e tomar o trono imperial. Sendo assim, delineamos um paralelo interessante entre a trajetória de Aleixo Comnenos e a história de Digenis Akrites. Da mesma forma que o herói afronta o General ao raptar sua filha, Aleixo Comnenos se rebelou contra Nicéforo III, que antes de ser imperador foi um general (*strategos*) de reconhecida carreira no exército imperial e originário de uma ilustríssima família anatólica que se dizia remontar da antiga *gens* romana dos Fabii.

É significativo também que na *Canção de Digenis Akrites* e na *Alexiada* são relatadas tentativas de acordos. Depois de Digenis Akrites derrotar todos os que foram enviados para combatê-lo e retomar a donzela, o próprio General surge e Digenis interrompe o combate para prestar-lhe reverência. O General, percebendo a qualidade de seu pretenso genro e a impossibilidade de retomar a sua filha, aceita o casamento, mas pede a Digenis Akrites para que possa retornar para casa com ela, para, desse modo, preparar o casamento da forma correta. Nesse momento da narração, o General oferece um dote ao herói para que ele entregue a noiva antecipadamente. Curiosamente,

no texto Grotaferrata, há, entre os presentes oferecidos pelo General, “*su corona de fama mundial, una obra encomiable / compuesta de oro y piedras preciosas*”<sup>173</sup>, uma descrição semelhante à de um diadema imperial. Respeitosamente Digenis nega o pedido, afirmando que o casamento seria em sua casa e que o General e seus parentes deveriam ir, pois seriam recebidos de forma honrada. O pai, chorando copiosamente por ter perdido a filha, mas impossibilitado de fazer alguma coisa, aceita os termos de Digenis, que leva a donzela para sua casa. Ao se casar, Digenis recebe um dote ainda mais rico.

No relato histórico de Ana Comnena, o imperador Nicéforo Botaneiates, quando soube que Aleixo Comnenos tinha sido aclamado imperador e suas tropas já estavam dentro de Constantinopla, propõe um acordo: ambos, Nicéforo e Aleixo, seriam imperadores, mas somente Aleixo teria a autoridade real. O Comnenos reinaria, nomearia cargos e comandaria os exércitos, enquanto Nicéforo seria um imperador nominal, com direito de portar os trajes imperiais, compartilharia as aclamações e viveria calmamente no palácio até a sua morte. Aleixo Comnenos, no entanto, recusou a proposta. O idoso Nicéforo Botaneiates percebeu então que não havia como resistir e decidiu se retirar a um monastério, fazendo do jovem Aleixo Comnenos o imperador incontestável da Nova Roma.<sup>174</sup>

A semelhança entre as duas narrações é inegável. Da mesma forma que, mesmo reconhecendo a derrota, o General da *Canção de Digenis* oferece uma saída honrosa para ele e sua família, Nicéforo III apresenta a Aleixo Comnenos uma possibilidade em que ele poderia conservar seu título imperial mesmo perdendo autoridade. No entanto, estando tanto Digenis quanto Aleixo numa posição vantajosa, ambos negam essa possibilidade, restando aos seus antagonistas se lamentarem e aceitarem os seus destinos como derrotados. Os objetivos de ambos, no entanto, aparentemente se diferem, pois Digenis anseia pela donzela inatingível e Aleixo ansiou pelo trono imperial, mas o fato de que o objeto de disputa entre o General e Digenis Akrites ser uma donzela, uma figura feminina, é bastante significativo.

A ligação do Império e em especial da cidade de Constantinopla com figuras femininas é antiga e extremamente forte. Antes de ser rebatizada por Constantino I, a cidade grega de Bizâncio tinha Artemis como deusa protetora. Com a cristianização do

---

<sup>173</sup> *Dig. Akr. G. IV*, 714-715.

<sup>174</sup> ANA COMNENA, Livro 2. xi-xii

Império Romano, criou-se uma idéia de que esse império era a imitação (*mimesis*) do Reino dos Céus, o imperador passou a ser o representante de Deus na terra e Constantinopla foi dedicada à Virgem Maria.<sup>175</sup> Desse modo, pode se afirmar que a capital tinha de certa forma uma “identidade feminina”. Esse caráter feminino era expresso nos vários nomes que Constantinopla era chamada: a Cidade (*He polis*), a capital imperial (*He Basileúousa*) e, como Ana Comnena amiúde a nomeia, a Rainha das Cidades. Em grego, todos esses títulos são substantivos femininos.



**Imagem 6:** Mosaico sob pórtico na catedral de Santa Sofia em Istambul retratando o imperador João II Comnenos (1118-1143), a Imperatriz Irene e a Virgem *Theotokos* (“Portadora de Deus”) entre eles. Retirado de

[http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/09/Istanbul\\_2009\\_Comnenus\\_Mosaics.JPG](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/09/Istanbul_2009_Comnenus_Mosaics.JPG).

Essa associação de Constantinopla e do Império com o feminino se reforça entre 1028 e 1118, quando uma série de mulheres teve um grande destaque na alta política bizantina. Figuras como Zoé e Teodora, filhas de Constantino VIII (1025-1028), Maria da Alânia, Anna Dalassena, Irene Doukas e Ana Comnena exerceram intensa atividade política, algumas tiveram enorme influência junto ao poder imperial, quando não governaram o Império de fato. A presença política dessas mulheres não foi resultado de uma emancipação feminina na sociedade bizantina ou porque ela havia se tornado matriarcal, mas por uma série de eventos que se desenrolaram dentro das estruturas

<sup>175</sup> RUNCIMAN, Steven. *A Teocracia Bizantina...*

sociais bizantinas, predominantemente masculinas, que, por razões específicas, catapultaram essas mulheres para o ápice do poder.

Não iremos aqui nos delongar muito na situação das mulheres na sociedade bizantina<sup>176</sup>, mas basta dizer que, como uma sociedade cristã, a figura da mulher bizantina se equilibrava entre dois paradigmas: da Eva, que representava o modelo mulher-sexualizada e fonte de tentações, e da Virgem Maria, modelo de “mulher-mãe” perfeita e virtuosa. De forma geral, as mulheres bizantinas eram uma eterna fonte de perigo, para suas almas e para sua honra e de toda sua família, principalmente as jovens e não viúvas. Por isso, o comportamento modelar dizia que a mulheres, principalmente as aristocráticas, deveriam ser isoladas de contato público, vista somente por seus pais, irmãos e parentes. Na *Canção de Digenis Akrites*, esse modelo é seguido à risca pelos personagens femininos até o rapto. Tanto a mãe e quanto a esposa de Digenis Akrites são descritas como belezas que nunca haviam sido vistas por homens que não fossem de seu círculo familiar. Tal característica aparece como sendo uma de suas virtudes. Cecaumenos, nos seus conselhos, afirma a necessidade de afastar as mulheres da casa de todos os olhares, senão os de sua família. Para confirmar seus argumentos, ele dá exemplo de um notável que tinha como esposa uma nobre e virtuosa mulher, mas, em certo momento, ele recebeu em sua casa um estranho que se dizia parente de sua esposa, que a seduziu e a desonrou para sempre.<sup>177</sup>

Ainda que esses exemplos citados acima nos apresentem modelos de comportamento, sabemos que, na prática, as mulheres aristocráticas bizantinas tinham muito mais liberdade do que os moralistas, como Cecaumenos, gostariam de aceitar, mas Bizâncio era uma sociedade masculina, portanto sua liberdade era limitada pela sociedade dominada por homens. Por mais que o cotidiano feminino fosse menos rígido que os ditames modelares, as mulheres bizantinas – e aqui sempre temos que reafirmar - aristocráticas não tinham os mesmos direitos de exposição que os homens. Longos vestidos cobrindo todo o corpo e véus cobrindo as faces eram trajes tradicionais femininos em Bizâncio. Não estamos aqui afirmando que a sociedade bizantina era misógina. Por outro lado, não podemos esquecer que, por mais refinada que essa civilização fosse, as sociabilidades que nela se criaram não foram afetadas pelo

---

<sup>176</sup> Sobre a mulher em Bizâncio vide TALBOT, Alice-Mary. *A Mulher*. In: CAVALLLO, Guglielmo(org.). *O Homem Bizantino...* pp. 117-139

<sup>177</sup> CECAUMENOS. IX, 11, i-ii.

processo de controle social dos instintos que marca a nossa “sociedade civilizada” e a faz ser exponencialmente menos violenta que as sociedades que a precederam, inclusive a bizantina. Portanto, sendo a violência uma constante no dia-a-dia bizantino e sendo muitas vezes o regulador social e político dessa civilização, principalmente nas províncias, onde a guerra e as invasões eram constantes, as mulheres ficam em desvantagem. Apesar de a situação geral feminina na sociedade bizantina não ter se alterado muito, o período em que os imperadores da dinastia fundada por Basílio, o Macedônio (867-1056) reinaram causou algumas mudanças no pensamento político bizantino, que permitiram uma maior participação feminina no núcleo do poder em Bizâncio.

A prosperidade ligada aos reinados desses imperadores e o fato de que sucessões de pais para filhos evitavam as sangrentas guerras civis, resultaram na supremacia da legitimidade da sucessão dinástica. Os direitos políticos dos *porphyrogenetoi*, aqueles nascidos da câmara púrpura<sup>178</sup>, se tornaram praticamente inalienáveis. Por isso que, com a morte do último varão dessa dinastia, a legitimidade passou integralmente para as mulheres, Teodora e Zoé, filhas de Constantino VIII (1025-1028). Teodora desde cedo se afastou da vida palaciana, mas sua irmã a abraçou completamente. Quando o pai delas faleceu, apesar de estar associada à sua irmã Teodora, Zoé se tornou a imperatriz incontestável do Império por quase trinta anos, ainda que ela tenha se associado, através de matrimônio, a homens os quais eram delegados a púrpura imperial. Primeiro, devido à natureza masculina do poder imperial, segundo, para gerar herdeiros. Zoé não teve nenhum filho, mas era de fato a detentora do poder imperial, pois teve a liberdade de trocar de marido – e por isso, imperador - três vezes: Romanos III Argyros (1028 - 1034), Miguel IV Paflagônio (1034 – 1041) e Constantino IX Monomachos (1042 – 1055). Após a morte de Miguel IV, Zoe adotou como filho Miguel V Calafate (1041-1042) que chegou a afastá-la do poder imperial, forçando-a a tomar o hábito monástico. A população de Constantinopla, porém, não aceitou o tratamento dado à descendente de imperadores de venerada memória como Basílio I, Leão VI e Constantino VII. De forma que um grupo armado de cidadãos de Constantinopla se dirigiu ao monastério para o qual Zoé havia sido enviada, arrombando violentamente o santuário, retiraram-na de lá, segundo Psellos, contra a vontade dela, vestiram-na com trajes imperiais e a

---

<sup>178</sup> A câmara púrpura era um recinto específico no palácio onde as imperatrizes davam à luz. Ele era todo coberto de mármore púrpura (pórfiro), a cor imperial por excelência, e por isso aqueles nascidos lá ostentavam um título de alta distinção em Bizâncio: *porphyrogenitos*

levaram ao Palácio, enquanto Miguel Calafate fugia aterrorizado.<sup>179</sup> Isso aconteceu em 1042 e nunca mais a aristocracia bizantina esqueceu-se da força política do sangue imperial. O marido seguinte de Zoé e também imperador Constantino IX Monomachos, mesmo tendo uma amante da família Skleros, nunca deixou de tratar sua esposa com devido respeito. Em 1056, Teodora, a última portadora do sangue de Basílio I, faleceu e não havia mais nenhum, ou nenhuma, *porphyrogenito* para ocupar o trono imperial.

A legitimidade sucessória voltou, não com tanta força, com os Doukas no poder. Constantino X Doukas (1059 - 1067) e Miguel VII Doukas (1067 - 1078) não foram imperadores tão memoráveis como os da Dinastia Macedônia, suas administrações foram sem grande êxito, seus reinados foram associados a freqüentes derrotas militares e diminuição do prestígio bizantino, mas mesmo assim conseguiram criar uma legitimidade dinástica e baseada nela, que Aleixo Comenos ansiou pelo trono imperial. Na dinastia Doukas, a legitimidade sucessória não foi portada pelas mulheres, mas uma só se tornou a guardiã dela. Maria da Alânia, esposa divorciada de Miguel VII, não titubeou ao saber das intenções de seu idoso segundo marido Nicéforo III de indicar um parente dele como sucessor e não Constantino Doukas. Ela rapidamente articulou seus apoios políticos, a *oikos* Comnenos, com os quais havia se aliado ao tomar Aleixo Comnenos como filho adotivo e os convocou a defender os direitos políticos de seu filho.

A próxima figura imperial feminina em destaque é Ana Dalassena, mãe de Aleixo Comnenos, uma mulher extremamente inteligente que havia se tornado chefe da família desde a morte de seu marido, João Comnenos. Antes de seu filho tomar o poder, ela articulou a aliança familiar entre os Comnenos e os Doukas, união essa que deu a base legitimadora para que seu Aleixo Comnenos pudesse reivindicar o trono imperial. No reinado de Aleixo Comnenos, Ana Dalassena angariou grande autoridade. Ela era a governante *de facto* do Império quando seu filho estava em campanha, condição bastante freqüente no reinado de Aleixo. O Imperador chegou até redigir um *chrysobullos*, um édito imperial, para oficializar a autoridade de sua mãe como regente, com direito a ser chamada de *despoina*, o feminino de “*despotes*”, que significa “senhor” em grego, título que, no período dos Comnenos, era exclusivo aos imperadores ou a os filhos deles. Apesar de sua importância política, Ana Comnena não nos dá muita informação de como o enorme poder de Ana Dalassena, sua avó, terminou, mas há

---

<sup>179</sup> MIGUEL PSELLOS. Livro 5, ff xxxix-il



alguns indícios que sua remoção foi mesmo discreta e se deu por suspeitas de heresia. Obviamente nem Aleixo Comnenos nem Ana Comnena se interessariam em tornar público o fato de a matriarca da Dinastia ser uma herege, explicando, desse modo, a discrição de ambos<sup>180</sup>

Steven Runciman escreve, em seu capítulo “*Women in Byzantine Aristocratic Society*”<sup>181</sup>, que as mulheres bizantinas dos estratos mais altos, apesar dos modelos de conduta ditados por santos e moralistas, tinham uma liberdade de ação bem grande. Elas podiam estudar, participar das cerimônias da corte imperial e, mesmo, se envolver em conspirações políticas. Nessa área de ação, Runciman aponta, que elas tinham uma vantagem sobre os homens. Enquanto os bizantinos puniam os homens acusados de conspiração com punições físicas terríveis (vazamento de olho, extirpação de nariz, arranco de língua...), eles não tinham o costume de punir mulheres fisicamente, limitando-se a afastá-las para monastérios, alguns deles bastante suntuosos, ou confiscar suas propriedades. Runciman afirma também que essa liberdade pareceu se expandir no período dos Comnenos, mas não vai muito além na questão. As causas dessa expansão de aumento da liberdade foi, sem dúvida, uma decorrência do estabelecimento da facção aristocrática Doukas-Comnenos no trono imperial. Nas famílias aristocráticas anatólicas, as mulheres tinham grande importância social e política, pois, ao se casarem com *oikosdepotes*, os chefes da casa, elas se tornavam uma membro da família do esposo e se responsabilizavam pela economia da *oikos*, não só a física, mas institucional, as quais muitas delas abarcavam uma multidão de familiares, servos, escravos, amigos e dependentes. Na viuvez, o poder dessas mulheres aumentava, pois, com a morte do marido, elas se tornavam chefes-da-casa e responsáveis pelos negócios públicos da família.<sup>182</sup> A supremacia dos Comnenos, trouxe ao poder imperial, junto das práticas políticas patrimoniais de se apropriar do Império como fosse uma *oikos* particular, as tradições e as práticas em relação às suas mulheres. Nesse sentido, entendemos a eficiência com que Ana Dalassena assumiu o papel de chefe da família

---

<sup>180</sup> Sobre as personalidades de Maria da Alânia e Ana Dalassena vide HILL, Barbara. *Alexios I Komnenos and the Imperial Women*. In: MULLET, Margareth & SMYTHE, Dion. (org.) *Alexios Komnenos: Papers...* pp. 52-53

<sup>181</sup> RUNCIMAN, Steven. *Women in Byzantine Aristocratic Society*. In: ANGOLD, Michael. *The Byzantine Aristocracy...* pp. 10-22.

<sup>182</sup> NEVILLE, Leonora. *Op. cit.* pp. 70-72

Comnenos, mais tarde a governança do Império e a devoção pela legitimidade dos Doukas por parte Maria da Alânia.<sup>183</sup>

Para estar no poder em Bizâncio, logo, era imprescindível estar nas graças de uma série de figuras femininas. Era preciso ser aceito pela antiga instituição do povo e Senado que representava a cidade de Constantinopla. Era necessário ser escolhido pela Providência Divina, sendo que a Virgem Maria era considerada uma das principais, senão a principal, interventora para isso, além de ser a incorporação de Constantinopla na *mimesis* terrena do Reino dos Céus. Por essa razão que uma das principais imagens da iconografia imperial bizantina era o imperador, ou o casal imperial, ao lado da Virgem, que quase sempre os abençoa (vide imagem 6). Para mostrar, desse modo, a todos que esse soberano foi o escolhido de Deus para ter a posse da cidade consagrada à Virgem Maria e governar o Império, que era o reflexo terreno do Reino de Deus. Mais especificamente, no decorrer do século XI, angariar as graças de uma série de mulheres que eram as detentoras ou protetoras da legitimidade imperial era imprescindível para conquistar o trono imperial e lá se manter.

Essa leitura ficaria mais embasada se recordarmos a presença forte que a linhagem Doukas tem na *Canção de Digenis Akrites*. A mãe do herói, por conseguinte, o próprio herói, é dessa família, assim como sua esposa. Portanto, parte da identidade do Akrites como herói, a que o faz ser *eughenos* (bem-nascido), provém do sangue Doukas. Essa associação com a família Doukas vem do lado feminino de sua família, porque, pelo lado de seu pai, ele é muçulmano, de origem ilustre naquele meio, mas ainda infiel, portanto uma origem inferior à sua origem romana. Logo, Digenis Akrites, apesar de seu caráter heróico ter *a priori* provido de seus feitos viris, de sua *andreia* (valentia), ele precisou da associação com essa família específica para se tornar o senhor das fronteiras, pois só depois do casamento com a filha do General que ele passou a viver naquelas paragens.

No caso de Aleixo Comnenos, assim como o herói, apesar de seus méritos pessoais, foi seu matrimônio com Irene Doukas que lhe abriu o caminho para o poder. Os Comnenos eram parte de uma linhagem recente. Sua proeminência se deu ao bom serviço de Manuel Comnenos Erotikos ao imperador Basílio II. Aleixo Comnenos foi somente o neto desse fundador. Os Doukas já eram famosos há muitas gerações. Eles já

---

<sup>183</sup> Sobre as mulheres imperiais na Era dos Comnenos vide HILL, Barbara. *Alexios I Komnenos and the Imperial Women...* pp. 37-54,

estavam politicamente e socialmente bem estabelecidos há mais de duzentos anos e ocupavam o trono imperial há mais de trinta. Portanto, tal qual Digenis precisou se associar com os Doukas para se estabelecer de forma definitiva como “Akrites”, Aleixo Comnenos, não sendo parte do círculo mais tradicional da aristocracia bizantina e tendo seu destaque político mais fundado em seus feitos do que sua origem, precisou da associação familiar com os Doukas para estabelecer-se na púrpura imperial. Não podemos aqui esquecer de Miguel Psellos que recordou que a ramificação da família Doukas a qual pertencia Constantino X (1059-1067), por conseguinte a imperatriz Irene Doukas, esposa de Aleixo Comnenos, era a mesma daqueles Doukas que se rebelaram continuamente contra os imperadores Leão VI e Constantino VII no início do século X e com quase toda certeza inspiraram cantares como “*o do Filho de Andronikos*” e “*do Emir*”.<sup>184</sup> Portanto, Digenis Akrites ligado aos Doukas anatólicos por seus parentescos femininos assemelhava-se profundamente com Aleixo Comnenos, que também tinha ligações familiares femininas com os Doukas de seu tempo, que eram constantinopolitanos, mas descendentes daqueles aristocratas anatólicos, guerreiros e rebelados do passado, os quais provavelmente serviram de fonte de inspiração para os Doukas épicos e parentes de Digenis Akrites.

Não se pode dizer ao certo que os eventos políticos do reinado de Nicéforo III inspiraram a composição do episódio do casamento de Digenis. Tal afirmação é impossível de se confirmar sem que algum outro documento da época que fizesse essa ligação. Os poemas *ptochoprodromicos* escritos nos reinados do filho e neto de Aleixo Comnenos são os únicos onde são achadas relações curtas e esporádicas entre Digenis Akrites e os imperadores dessa dinastia. O que foi realizado acima são relações baseadas estritamente na *Canção de Digenis Akrites*, na *Alexiada* de Anna Comnena e no contexto bizantino da segunda metade do século XI analisado por outros historiadores. Assim, pode-se observar a questão sob a perspectiva simulada de um leitor bizantino que, familiarizado com a trajetória inicial de Aleixo Comnenos e a sua tomada do trono pela insurreição contra o velho general Nicéforo Botaneiates, teria sido capaz de fazer essas mesmas aproximações por si só. Principalmente se ele estivesse inserido no meio cortesão composto pelos familiares e aliados de Aleixo Comnenos, onde seus feitos de juventude deveriam ser constantemente lembrados para ressaltar a

---

<sup>184</sup> Vide Capítulo 5.3. O micro-ciclo dos Doukas e as relações “aristocracia – poder imperial”.

predeterminação divina que o escolheu como futuro imperador, lembrados através dos elogios dos retóricos ou narrações heróicas, como a *Canção de Digenis Akrites*, que não enaltece diretamente imperador, mas constrói personagens, cenários e situações análogas às que existiram durante o reinado desse *basileos*.

### 10.5. As fronteiras de Digenis Akrites e o cenário de Aleixo Comnenos

Depois do episódio do rapto e do casamento, a *Canção* passa a narrar a vida de Digenis, com sua esposa, sozinhos nas fronteiras. Vivendo em sua tenda montada em locais edênicos, Digenis combate uma série de antagonistas que tentam em todo momento matar-lhe e tomar-lhe a esposa.

A fronteira em que Digenis vive é diferente da que viveram seus pais. No *Cantar do Emir* há passagens constantes entre o território muçulmano, a Síria, e o território bizantino, a *Romania*. Essa fronteira é uma região específica que demarca os limites de dois universos que estão bem estabelecidos: o Império Bizantino e o Califado Abássida. Já a fronteira onde Digenis decide ir morar depois de seu casamento já não faz mais referência a um “outro lado”. Ela não é mais uma zona restrita que separa dois universos, a fronteira de Digenis é um universo em si. Não sabemos muito bem onde Bizâncio termina e o mundo muçulmano começa. O que de fato se assemelha muito com a situação em que a Ásia Menor bizantina se encontrava na virada do século XI para o XII, quando toda ou quase toda aparelhagem econômica e governamental imperial havia desaparecido, para dar lugar ao domínio aos grupos nômades turcomanos ou de potentados bizantinos totalmente independentes; quando a agricultura deu lugar ao pasto, cidades a tribos e as guerras entre exércitos organizados que consistiam basicamente em cercos que objetivavam a conquista territorial foi substituída por ataques espontâneos e predatórios que somente ambicionavam a conquista de butim e captura de cativos.

Na *Canção de Digenis Akrites*, os bandidos das fronteiras, os *apelates* são os principais antagonistas do herói e estes foram uma instituição real dentro do mundo bizantino, que, segundo Agostino Pertusi:

Em um texto do *De Cerimoniis* o qual se fala de prisioneiros sarracenos convertidos ao cristianismo que por matrimônio começavam a fazer parte de uma família bizantina, civil ou militar, detinham, no caso da última, a estratégia, o

término *apelatai* muda profundamente de valor. Desses ex-prisioneiros, que receberam um lote de terra para se estabelecer em território bizantino e desfrutar de uma isenção fiscal por três anos, ao tornar-se pobre, (suas obrigações) devem ser atribuídas aos contribuintes para que eles possam cumprir *strateia* do seu serviço ou, em casos graves de destituição completa, que estão isentos deste serviço e são colocados entre o *apelatai*<sup>185</sup>

Mais à frente, Pertusi afirma, concordando com Ahrweiler e Lemerle, que os *apelatai* eram um corpo de soldados mais ou menos irregulares, de origem estrangeira, mas pago pelo governo imperial, que tinham como função guardar as fortalezas fronteiriças bizantinas e coletar informações sobre inimigos. Provavelmente pelo caráter irregular desse tipo de tropa, os *apelatai* podiam facilmente mudar sua fidelidade ou mesmo apelar para o banditismo.

Esse processo de absorção de grupos irregulares fronteiriços deve ter funcionado de forma formidável até o início do século XI, quando os limites orientais do Império eram compostos por um grande número de etnias, que lutavam entre si e o poder imperial era forte e centralizado. Assim, mesmo que fidelidade dos grupos estrangeiros que defendiam a fronteira bizantina fosse instável, a manutenção dos limites do Império Bizantino estava segura, pois sempre podia sentir a presença da autoridade imperial, através dos generais das *tagmata*, das *themata* e dos coletores de impostos. Entretanto, o crepúsculo da casa Macedônia e a instabilidade sucessória que a seguiu, a partir de 1056, enfraqueceram a autoridade bizantina sobre essas tropas irregulares de fronteira e, com o fim derradeiro do predomínio bizantino na Ásia Menor causada pela derrota em Manzikert, tal controle simplesmente deve ter desaparecido.

Já citamos Michael Angold para apontar a utilização dos invasores turcos como tropas auxiliares nas seguidas guerras de facção que dominaram o contexto político bizantino aos finais do século XI e como isso estimulou a instalação dos turcos na Anatólia, mas dificilmente podemos afirmar que foi aí que, pela primeira vez, turcos serviram sob o estandarte bizantino. A presença deles no Oriente Médio e Próximo

---

<sup>185</sup> in un testo del De Cerimoniis, in cui se parle di prigionieri saraceni convertiti al cristianesimo che entrano per matrimonio a far parte di una famiglia (oikos) bizantina, civile o militare, detentrici, quest'ultima, di una *strateia*, il termine *apelatai* cambia profondamente di valori. Questi ex-prigionieri, che hanno ricevuto un lotto di terra para stabilirsi in territorio bizantino e che godono di un'esenzione fiscale per tre anni, nel caso in cui diventino poveri, è previsto che vengano loro assegnati dei contribuenti in modo che possano assolvere al loro servizio della *strateia*, oppure, nei casi più gravi di completa indigenza, che siano esentati da tale servizio e siano immessi tra gli *apelatai* PERTUSI. A. *Op. Cit.* p.247. Tradução do autor.

remontava do século IX e se tornou mais intensa a partir do século X, quando os Sedjucidas conquistaram Bagdá e se tornaram os tutores políticos e militares do Califado Abássida, ou do que restou dele. Portanto, muitos desses grupos turcomanos que se instalaram em terras bizantinas no período pós-Manzikert já deveriam estar presentes em suas fronteiras orientais nos anos que antecederam essa batalha servindo exatamente como tropas-auxiliares irregulares ou *apelatai*. Com a desmobilização da fronteira oriental bizantina, o termo polivalente “*apelatai*”, que, como apontou Pertusi, significava tanto soldados irregulares como bandidos fronteiriços, passou a ter somente um único significado, o último, pois não mais existindo uma organização militar fronteiriça centralizada que os pagaria e principalmente os controlariam, eles passaram a viver integralmente do banditismo. Dessa forma, os turcos, com sua vida pastoril sempre em cima de seus cavalos, se espalharam por toda região e com número bem menor de pessoas, ocuparam um espaço geográfico muito grande, necessitando de grandes áreas de pasto e saqueando cidades, vilas e propriedades bizantinas. Foi no meio dessa época de muitas transformações políticas, territoriais e militares em Bizâncio, que foi situada a composição da versão original da *Canção de Digenis Akrites*.

Apesar dos nomes dos *apelates* da *Canção* não serem de origem turca, pois nomes como Filopapos, o líder, Ioannakes, Kinnamos, Melimitzes e amazona Máximo são gregos ou mesmo armênios e provavelmente tirados de outros personagens da épica fronteiriça bizantina<sup>186</sup>, seu modo de vida e forma de combater é extremamente semelhante ao dos turcos. Da mesma forma que os grupos turcomanos, os *apelates* da *Canção de Digenis* vivem em redutos isolados, montanhas são constantemente mencionadas, do rapto e do saque. Tanto no texto Escorial quanto no texto Grotaferrata, o *clímax* da narração acontece quando o trio de *apelates* Philopapos, Kinnamos e Ionnakes se encontram com Digenis Akrites e sua esposa.<sup>187</sup> Esses *apelates*, ao vagar pelas fronteiras, acabam ouvindo a esposa de Digenis cantar e ao vê-la de longe, se apaixonam. Por isso, tentam tomá-la à força de Digenis, mas são derrotados por ele. Vencidos, Philopapos, Kinnamos e Ionnakes vão à procura de outro grupo de *apelates*, esses comandados pela amazona Maximo e seu imediato Melimitze. Para esses, Filopapos mente, contando a história de que a esposa de Digenis seria na verdade uma

---

<sup>186</sup> Há uma comparação entre os feitos de Digenis com os dos *apelates*, como eles também fossem personagens heróicos em *Dig. Akr.* G. IV, 33-35.

<sup>187</sup> Episódios praticamente semelhantes narrados em *Dig. Akr.* G. VI, 120-845 e *Dig. Akr.* E. 1150-1605.

donzela prometida ao seu filho Ioannakes, mas fora roubada por Digenis e, por isso, ele queria ajuda para recuperá-la. Maximo aceita ajudá-los e eles retornam para onde Digenis estava. Ao ver que iria combater um só homem e não um exército inteiro, Máximo amaldiçoa Filopapus e vai enfrentar Digenis. Ela por fim é derrotada pelo herói. Vencida, a amazona se oferece a Digenis, que não resiste à sua beleza.

O simbolismo desse episódio vai além de somente reflexo de algumas virtudes guerreiras clássicas da épica bizantina. Os personagens do cantar do Emir representam a fronteira bizantina no século X e seus senhores, pois nos mostram um domínio aristocrático de uma situação fronteira bem estabelecida. Já com Digenis a situação é bem diferente. Como não há um limite como havia no *Cantar do Emir*, o Akrites, depois de se casar, sai da casa de seus pais, do seu *oikos*, para ir onde não mais havia o Império, somente o ermo, bestas selvagens e o banditismo. Lá, pela força, ele estabelece a ordem e se torna o senhor das fronteiras. Também, através do bem-viver com sua esposa, ele traz, àquelas paragens dominadas por *apelates*, a sofisticação aristocrática bizantina, através da música, da dança, das vestimentas e, por fim, de seu palácio.

No texto Escorial, há um episódio exclusivo narrando um embate anterior entre Digenis e os *apelates* que evidencia ainda mais claramente esse simbolismo. Digenis vai até os passos montanhosos, o reduto dos bandidos, dizendo que queria também ser um deles. Ao saber disso, o chefe dos *apelates* Filopapos lhe impõe uma série de desafios, como ir ao posto de guarda e raptar donzelas, mas Digenis desdenha dos *apelates* e os desafia para que baixem as terras planas e lutem com ele. Finalmente, nas terras baixas, Digenis derrota cada um dos *apelates*, põe todas as armas dos vencidos aos pés do líder Philopapos e diz: “*Toma, Filopapús, - mazas de los apelates/ y si no te gusta, anciano, - también ti lo haré*”.<sup>188</sup>

A *Canção de Digenis Akrites* estabeleceu uma convivência antagônica, por assim dizer, entre o herói e os *apelates*, que se assemelha a uma situação constituída com a reconquista Comnena da Anatólia. Durante o período em que eles reinaram, o Império Bizantino não tinha exércitos nem recursos o suficiente para reconquistar a Anatólia inteira, portanto retomaram as cidades que mais lhe interessaram, as mais ricas e populosas do litoral, deixando o resto da região para os turcos. Contudo, ao deixá-los estabelecidos nas regiões internas e altas da Anatólia, as regiões reconquistadas pelos bizantinos ficavam constantemente ameaçadas por ataques predatórios dos turcos, que

---

<sup>188</sup> Episódio narrado em *Dig. Akr.* E. 622-701. Citação específica Digenis Akrites E. 700-701.

obrigavam o governo imperial a enviar constantes forças expedicionárias para expulsar as hordas turcas de suas províncias, de forma que a maior parte da atividade bélica desenvolvida na Anatólia no século XII seguiu a essa lógica. Essas retaliações tinham como objetivo expulsar os grupos de invasores dos territórios bizantinos e enviá-los de volta ao interior anatólico, o que não acabava de forma nenhuma com a situação de ameaça que as províncias anatólicas viviam. Alguns tratados foram firmados entre o imperador bizantino e o sultão sedjuldica de Rum, mas não havia garantias em relação a instabilidade política que vicejava no sultanato e muito menos a total ausência de controle por parte do sultão em relação aos grupos nômades. Desse modo, nos dois episódios que aqui analisamos, apesar de Digenis derrotar os *apelates*, ele não os aniquilou, mas os deixou partir para que eles ficassem livres para oferecer combate quando eles quisessem, estabelecendo, assim, uma posição semelhante a que Aleixo I Comnenos e seus sucessores utilizaram na Anatólia, isto é, uma estratégia reativa, de não combater as causas da ameaça, *apelates* na literatura e os turcos na realidade, mas sim lidar conforme elas se apresentassem.

Da mesma forma que o rapto e o casamento de Digenis com a filha do General se aproxima em estrutura e escopo da elevação de Aleixo Comnenos à púrpura imperial, a constante ameaça em que a esposa de Digenis vive, nas fronteiras, tendo vários inimigos querendo tomá-la, e seu fatalismo somado à sua passividade, sempre buscando o herói Akrites para defendê-la, é uma situação equivalente em que o Império Bizantino viveu no reinado de Aleixo I Comnenos. Constantinopla, nesse período, é, de fato, uma donzela em perigo, cercada de inimigos por todas as direções, bárbaros de todas as nações querem tomá-la e espoliá-la de suas riquezas. Esse ambiente é facilmente perceptível no discurso dos autores metropolitanos. Aliás, não só nesse período, mas em toda História desse Império, Constantinopla sempre foi uma jóia desejada por todos e o medo dos bizantinos de ter sua majestosa capital violada por bárbaros foi uma constante. Porém, o evento simbólico da derrota em Manzikert, o período de instabilidade política e governos ineficazes enfraqueceram e muito o prestígio bizantino, que aumentou a ganância dos poderes vizinhos, assim como a vulnerabilidade da cidade imperial e o medo dos bizantinos por consequência. No meio dessa crise surgiu Aleixo Comnenos, como, conforme ele queria ser visto e à semelhança de Digenis salvando sua esposa de bandidos e bestas que queriam tomá-la, um paladino da ortodoxia e salvador do Império. Ainda que seu novo regime patrimonial e aristocrático tenha provavelmente estabelecido as fundações da decadência derradeira do Império, ele obteve um sucesso



memorável, pois não só conseguiu salvar Bizâncio da situação emergencial em que se encontrava, também restabeleceu o prestígio bizantino dentro do balanço de poder no Mar Mediterrâneo enquanto ele, seu filho e seu neto viveram e governaram.

Para realizar esses feitos, Aleixo Comnenos, de forma semelhante a Digenis Akrites, passa longos períodos de seu reinado longe de sua casa, acampado nas fronteiras do Império. No geral, Aleixo Comnenos é retratado como um imperador que nunca está à vontade em Constantinopla. Mesmo em tempos de paz ele preferia viver fora da cidade, recebendo seus ministros, secretários, familiares, comandantes e requerentes em entrevistas particulares, como um general faria em campanha.<sup>189</sup>

A partir da última expedição contra Boemundo de Tarento, em 1106, Aleixo I passou a trazer a imperatriz Irene Doukas junto de si. Segundo sua biógrafa e filha, isso aconteceu devido à forte ligação que um tinha pelo outro<sup>190</sup>, mas Michael Angold acredita que havia motivações além dessa questão pessoal.<sup>191</sup> A agenda política da imperatriz Irene Doukas não deveu nada a suas antecessoras. Durante a vida de sua sogra, Ana Dalassena, a presença da imperatriz nas fontes é tímida, talvez sua personalidade tenha sido eclipsada pelo poder da mãe de Aleixo I, mas com o fim da vida pública de sua sogra, Irene Doukas passou a ter cada vez mais relevância no governo do Império. Em 1112, Aleixo Comnenos ficou bastante adoentado e a imperatriz rapidamente começou a articular o processo de sucessão beneficiando a sua filha mais velha, a historiadora Ana Comnena, e seu marido o César Nicéforo Briénios, em oposição ao segundo filho do casal imperial, varão mais velho e predileto de Aleixo para a sucessão, o *porphyrogenitos* João Comnenos. Apesar da idade, Aleixo se recuperou e aumentou o controle dele sobre sua esposa. Com a morte de seu pai, em 1118, João Comnenos teve de mobilizar rapidamente o apoio dos *archontes komnenoi*, pois sua mãe e irmã já conspiravam para tirá-lo da linha sucessória. No fim, João Comnenos obteve vantagem e foi nomeado o segundo imperador da dinastia Comnenos, enviando sua mãe e irmã para um exílio forçado. O ressentimento de Ana Comnena em relação a seu irmão se exprime em todo o momento em sua narrativa, especialmente

---

<sup>189</sup> ANGOLD, Michael. *Alexios I Komnenos: an Afterword*. In: MULLET, Margareth & SMYTHE, Dion. (org.) *Alexios Komnenos: Papers...* pp. 407.

<sup>190</sup> ANA COMNENA, Livro 14, iii.

<sup>191</sup> Ao contrário de praticamente toda a sua obra, a narração de Ana Comnena dos eventos políticos e processo sucessório dos últimos anos de Aleixo I Comnenos não pode ser inteiramente confiada, devido à participação política que ela teve nesse período. Portanto para uma compreensão mais crítica sobre os últimos anos de Aleixo I vide ANGOLD, Michael. *Alexios I Komnenos: an Afterword*. .... Pp. 398-417.

quando ela opina sobre os eventos posteriores à morte de seu pai. Apesar da enfermidade, é muito plausível que a agenda política de Irene Doukas em relação à sucessão, que iam diretamente contra as vontades de Aleixo I, deveria ter se iniciado muito antes da doença do imperador, em 1112. Muito provavelmente foi essa a causa da insistência de Aleixo I para que sua esposa o acompanhasse nas campanhas imperiais, para ter maior controle sobre suas atividades e articulações na corte de Constantinopla.

#### **10.6. Digenis Akrites a “Fronteirização de Constantinopla”**

O movimento que nomeamos de “Constantinopolização” da aristocracia anatólica faz referência à mudança que muitas famílias fizeram ao gradativamente se estabelecerem na capital imperial e abandonando suas propriedades familiares nas províncias. Isso aconteceu por vários motivos. Por opção, para ficar perto do centro do poder, como provavelmente foi o caso dos Doukas. Por ordens do imperador, como aconteceu com os Dalassenos durante o reinado de Miguel IV (1034-1040).<sup>192</sup> Ou por contingências emergenciais, sendo que a mais corrente e conhecida foi a invasão turca. A aristocracia anatólica, por mais poderosa e bem-armada que fosse, não conseguiu resistir em suas províncias sem o apoio do poder imperial e, por isso, muitos tiveram de abandonar suas propriedades e se mudarem de forma definitiva para suas moradas na capital. Isso aconteceu com os Comnenos e com várias outras famílias. Apesar da derrota em Manzikert ter acelerado esse processo, ele se iniciou muito antes, no século X, quando os primeiros membros dessas linhagens militares começaram a tomar postos na administração imperial ou no alto comando do exército bizantino. Logo, muitas dessas famílias adquiriram propriedades em Constantinopla, para ficarem perto de onde emanava o poder em Bizâncio.

O aceleração da imigração da aristocracia anatólica para Constantinopla causada pela invasão turca é, por outro lado, parte de um processo histórico menos conhecido e menos estudado: a “fronterização” de Constantinopla. Uma década depois do início da infiltração turca na Anatólia, quase toda ela já tinha sido tomada e os turcos já haviam estabelecido um sultanato com sua capital em Nicéia, cidade anatólica a cem quilômetros de Constantinopla. Portanto, em um curto período de tempo, a fronteira mudou-se das longínquas regiões da Armênia, Síria e vale do Eufrates para as terras no outro lado do Bósforo, praticamente no território *extra-muri* de Constantinopla. Mesmo

---

<sup>192</sup> Sobre a “Constantinopolização da Aristocracia” vide KAZHDAN, A. P. & EPSTEIN, Ann Wharton. *Change in Byzantine Culture...* p.65

depois da reconquista dos Comnenos de parte da Anatólia, a fronteira continuou não muito distante da capital. Desse modo, sendo Constantinopla, ao mesmo tempo, capital e fronteira, algumas mudanças aconteceram, seja na sua aparência física, seja na sua composição social, cultural e política.

Paul Magdalino faz uma interessante descrição de como seria a aparência de Constantinopla no reinado de Manuel I Comnenos (1143-1180).<sup>193</sup> Segundo esse autor, apesar dessa cidade ter mantido sua estrutura urbana praticamente inalterada desde o século VI, a linha do horizonte constantinopolitana seria marcada não por prédios públicos e igrejas imperiais constantinianas e justinianas, mas por vários palácios e monastérios construídos por patrocínio dos imperadores Comnenos e de seus familiares. A patrimonialização do poder e a supremacia da facção Comnenos-Doukas transformaram Constantinopla, a Nova Roma, numa cidade predominantemente aristocrática e isso se refletiu nas sociabilidades urbanas. O povo de Constantinopla deixou de ser um corpo de cidadãos representados por seu imperador, para se fragmentar em grupos de dependentes inseridos em várias *oikoi* aristocráticas, seja através da inserção no ambiente pessoal e doméstico dos palácios, seja através de um sistema assistencial provido pelos monastérios familiares. Talvez a manifestação popular que trouxe de volta Zoé, a Porfirogênita, de volta ao trono imperial, em 1042, tenha sido a última amostra do espírito cívico da *poleis* a que Constantinopla assistiu.

Se considerarmos as mudanças acima descritas, ficará claro que não foi só a aristocracia que mudou suas práticas e valores para se estabelecer em Constantinopla, a própria cidade transformou-se ao ser conquistada por essa elite. Portanto, podemos analisar esse processo histórico tanto como uma urbanização da aristocracia, quanto uma realocação desta para uma nova fronteira, isto é, a elite anatólica ao se estabelecer na capital não deixou de ser fronteiriça. Tanto que ao se mover para Constantinopla, ela trouxe suas práticas políticas e sociais, ambas ligadas ao conceito de *oikos*, para capital, modificando até mesmo seu espaço físico. Da mesma forma que faziam em suas províncias natais, a aristocracia migrante ergueu edifícios de caráter inteiramente aristocráticos, como palácios e monastérios fundados e mantidos através de patrocínio familiar. Porém, adaptando-as ao novo meio em que se encontravam, diminuindo o caráter defensivo de suas moradas e monastérios e aumentando seu luxo. A expressão

---

<sup>193</sup> Sobre a aparência e vida urbana de Constantinopla no período dos Comnenos vide MAGDALINO, Paul. *The Empire of Manuel Komnenos...* pp. 109-123

máxima das intervenções urbanas aristocráticas no período dos Comnenos foi o Palácio Imperial de Blaquernae.

Quando Aleixo I Comnenos tomou o trono, ao invés de ir morar no Palácio estabelecido por Constantino I, ele estabeleceu que a nova residência imperial fosse o palácio no aristocrático bairro constantinoplitano de Blaquernae. Sendo assim, ele e seus sucessores expandiram o Palácio de Blaquernae, construindo um grande complexo de apartamentos, igrejas, capelas, campos de pólo e pavilhões de caça. Um paradigmático paço aristocrático para um regime aristocrático. Enquanto isso, o antigo Palácio Imperial foi sendo aos poucos abandonado.

As semelhanças entre o Palácio de Blaquernae e o palácio que Digenis Akrites constrói no fim de sua vida já foram apontados por outros estudos e seria repetitivo refazer esse trabalho.<sup>194</sup> Basta dizer que o retiro que o Akrites edifica na beira do Eufrates, com seus edifícios de mármore, ricos mosaicos de ouro e pedras preciosas e jardins com árvores e pássaros vindos de todos os cantos da terra se assemelha muito mais com o estilo arquitetônico palaciano desenvolvido pelos *archontes komnenoi* do que os austeros *kastron*, fortalezas pessoais, que aristocracia fronteiriça erigiu nos belicosos séculos X e XI, os quais, devido ao desenvolvimento primário da arqueologia nas camadas bizantinas, somente conhecemos prováveis exemplos dos *kastron* dos Phokades em Çavusin, na Capadócia, dos Gabrades em Atra, no Pontos e dos Comnenos em Kastamouni, na Paflagonia.<sup>195</sup>

Palácios são símbolos de poder, portanto os *archontes komnenoi* construíram vários complexos palacianos para representar a sua proeminência política. Se os imperadores dessa dinastia passaram a morar num outro Palácio Imperial, diferente de seus antecessores, desde Constantino I, era para estabelecer um regime diferenciado daqueles que os Comnenos sucederam. Portanto, se Digenis Akrites decidiu erigir seu palácio na beira do Eufrates foi para solidificar seu domínio nas fronteiras orientais. Sendo ele não uma fortificação militar ao estilo que os senhores dessa mesma fronteira oriental construíram nos séculos X e XI e sim uma mansão mais dedicada ao bem-viver do que a defesa contra prováveis invasores, à semelhança dos *archontes komnenoi* e do

---

<sup>194</sup> HUNT, Lucy-Anne. *Op. cit.*, pp. 138-156, KAZHDAN, A. P. & EPSTEIN, Ann Wharton. *Change in Byzantine Culture...* p. 118,

<sup>195</sup> Descrição do palácio de Digenis Akrites em *Dig. Akr.* G. VII, 1-105 e *Dig. Akr.* E. 1610-1694. Sobre as fortalezas pessoais da aristocracia akrítica vide CROW, James. *Alexios I and Kastamon: castle and settlement in middle Byzantine Paphlagonia*. MULLET, Margareth & SMYTHE, Dion. (org.) *Alexios Komnenos: Papers...* pp. 12-36.

próprio imperador Aleixo I Comnenos, mostra mais uma vez o caráter não-nostálgico da *Canção* e sim um caráter manifesto e agressivo, afirmando que, embora na virada do século XI para o XII, o poder imperial ainda estivesse muito longe de conseguir reconquistar essas regiões, mais cedo ou mais tarde o imperador-akrites iria restabelecer o poder romano até o Eufrates. Esse desejo estava no espírito de Aleixo até muito próximo de sua morte.

Em 1116, Aleixo Comnenos liderou sua última expedição militar para confrontar as forças do sultão sedjulgida de Rum, Malik Shah (1110-1116), que havia atacado e saqueado algumas cidades bizantinas na Anatólia. No fim da campanha, Aleixo saiu vencedor e impôs aos derrotados o seguinte tratado:

“Se vocês quiserem se submeter à autoridade de Roma e puser um fim aos seus ataques aos cristãos, vocês apreciarão favores e honras, vivendo em liberdade nas terras reservadas para vocês. **Eu me refiro às terras onde vocês acostumavam a morar antes de Romanos Diógenes se tornar imperador e se encontrar com o sultão em batalha** – um encontro infeliz e notório que terminou com a derrota e aprisionamento dos romanos. Seria sábio, desse modo, escolher paz ao invés da guerra, se absterem de atravessar a fronteira do Império e ficar contentes com seus próprios territórios. O conselho que eu dou a vocês é de seu interesse e se ouvirem não se arrependerão; de fato, vocês receberão liberalidades. Por outro lado, se vocês rejeitarem, estejam seguros: eu exterminarei a sua raça.<sup>196</sup>”

O sultão e seus emires aceitaram a proposta prontamente, Aleixo Comnenos retornou para Constantinopla e, dois anos depois, ele faleceu. Se não fosse o fato de que Malik-Shah, retornando aos seus domínios, ter sido derrotado, capturado e enforcado com uma corda de arco pelas ordens de seu irmão Massud, em 1117, que, ao sucedê-lo, renegou o tratado que Malik-Shah havia firmado com Aleixo, o final da vida desse imperador teria sido extremamente semelhante ao de Digenis Akrites. Ele teria restabelecido o domínio bizantino até a beira do Eufrates. Logo, ou Aleixo I se enganou sobre como funcionavam as estruturas de poder dentro do mundo sedjulgida, pois, ao impor um tratado praticamente abolindo o Sultanato Rum, ele estaria condenando Malik-Shah à deposição, ou o imperador, mesmo sabendo que tal imposição seria

---

<sup>196</sup> “If you are willing (...) to yield to authority of Rome and to put an end to your raids on the Christians, you will enjoy favors and honor, living in freedom in the lands set aside for you. I refer to the lands where you used to dwell before Romanos Diogenes became emperor and before he met the Sultan in battle – an unfortunate and notorious clash which ended in the Roman’s defeat and capture. It would be wise, therefore, to choose peace rather war, to refrain from crossing the frontiers of the Empire and to be content with your own territories. The advice I give is in your interests and if you listen to it you will never be sorry; in fact, you will receive liberal gifts. On the other hand, if you reject it, you can be sure of this: I will exterminate your race” ANA COMNENA, Livro 15, vi. Tradução do autor. (meu negrito)

impraticável, quis que um sultão dos turcos sedjulgadas reconhecesse que as regiões anatólicas que eles ocupavam eram, por direito e tradição, bizantinas. Conhecendo a agudeza política de Aleixo Comnenos e a improbabilidade de ele retomar todo aquele território, por falta de homens e recursos, a última possibilidade é mais provável. Tanto que, ao se firmar o acordo, Aleixo Comnenos não seguiu em campanha adentro da Anatólia para fazer valer o tratado, mas preferiu retornar a Constantinopla junto a uma grande multidão de cristãos anatólicos que decidiu, por sua vez, segui-lo.

Mesmo reconhecendo que esse tratado era somente uma ferramenta legitimadora da supremacia bizantina sobre a Anatólia, não devemos desmerecê-lo. Ele forneceu um discurso poderoso para os seus sucessores continuarem o seu projeto de reconquista, assim como muito provavelmente fez a *Canção de Digenis Akrites*. Ao contrário não teríamos um poeta como Ptochoprodromos comparando Manuel Comnenos, o neto de Aleixo I, com o herói Digenis Akrites, exatamente quando esse imperador estava empenhado numa reconquista de territórios no sudoeste anatólico entre 1151 e 1152.<sup>197</sup>

---

<sup>197</sup> JEFFREYS, Elizabeth. *Akritis and Outsiders...* pp. 201-202

## 11. CONCLUSÃO.

As narrações historiográficas e literárias desenharam Aleixo Comnenos como um imperador providencial, que ao mesmo tempo representa uma nova proposta aristocrática de poder e o antigo modelo imperial romano que remonta aos tempos de Augusto, tendo sido renovado pela revelação cristã. Portanto, possuindo as virtudes da aristocracia bizantina no mais alto grau, a valentia (*andreia*) expressa por suas realizações bélicas que se iniciaram na adolescência e a distinção linhagística (*eugheneia*) dos Comnenos e dos Dalassenos, enriquecida por seu matrimônio com a antiga, venerável e imperial casa dos Doukas, ele foi o escolhido pela providência divina para ocupar o trono. Já portando a púrpura, Aleixo Comnenos se tornou o paladino do Império, que pretendia devolver sua antiga glória e prestígio. Sempre em campanha, sendo que, a partir de 1096, a maior parte delas se desenrolava na Anatólia, se batendo contra turcos, armênios e cruzados, Aleixo tentou restabelecer lá o controle imperial, vivendo sempre em tendas e acampamentos, nunca à vontade em Constantinopla e tendo de forma cada vez mais freqüente em suas expedições – independente dos motivos – a companhia da imperatriz.

A *Canção de Digenis Akrites*, uma composição consensualmente datada, por quase todos que lhe dedicaram estudos, no mesmo final do século XI e início do XII que reinou Aleixo I, relatando a trajetória de um herói fronteiriço, apresentam-nos, como observamos no decorrer desse trabalho, semelhanças e despertam analogias com o reinado desse imperador, que são numerosas demais para serem ignoradas, além dos valores apreciados pela nova aristocracia imperial estabelecida no reinado dos Comnenos. Por isso, a *Canção de Digenis Akrites* é uma obra muito mais coesa do que muitos já lhe deram crédito. O Palácio no Eufrates, o herói, sua donzela sempre em perigo, sua fronteira ao mesmo tempo paradisíaca e perigosa representam *uma unidade, uma proposta e uma vontade* que, durante um curto período depois da batalha de Manzikert, os bizantinos não poderiam nem crer que ela fosse possível: a reconquista de seus territórios orientais. Apesar de Aleixo Comnenos ter deixado a Anatólia em segundo plano durante uma década, o que permitiu, segundo afirmam muitos, aos turcos firmarem raízes mais profundas em seus domínios, impedindo para sempre a reconquista integral bizantina, ele aproveitou a oportunidade dada pelo enfraquecimento político do Sultanato de Rum, causado por crises sucessórias e agravado pela chegada dos Cruzados, e iniciou a reconquista bizantina do Oriente. Através de expedições, Aleixo Comnenos não reconquistou toda a Anatólia, mas estabeleceu o poder bizantino

nos territórios a oeste dessa região. No final do seu reinado, na campanha contra o Sultão Malik-Shah, em 1116, ele fez com que o líder dos turcos da Anatólia reconhecesse que aqueles territórios invadidos depois da derrota de Romanos IV Diógenes em Manzikert eram, por direito, bizantinos. Não importa que esse mesmo sultão tenha sido destituído e morto logo depois, esse reconhecimento foi uma importante ferramenta para seus sucessores legitimarem o direito inalienável de retomar toda a Anatólia dos invasores turcos.

Dessa forma, entendemos o porquê da *Canção de Digenis Akrites* mencionar, entre as conquistas do herói, cidades e regiões ocupadas pelos turcos. Não se deve buscar aí uma figura histórica que realmente dominou as regiões orientais da Anatólia em tempos longínquos e sim uma figura histórica que queria dominá-la e acreditava que tinha direito a isso. Nesse sentido em que falamos de “*uma unidade, uma proposta e uma vontade*”, pois tal “figura histórica” existiu na pessoa do imperador que reinava na época em que a *Digeneida* foi composta: Aleixo I Comnenos. Portanto, mesmo sem relações contemporâneas conhecidas, não é irreal conjecturar que o autor-compositor da *Digeneida* tenha sido um letrado proveniente daquele meio intelectual que pôs suas habilidades ao serviço dos *archontes komnenoi*. Patrocinado por alguém ligado a essa aristocracia, não sabemos em que grau, e utilizando como base um variado leque literário, desde os antigos cantares de fronteira arraigados profundamente no espírito daquelas famílias que tomaram o poder, até as obras ficcionais gregas e romanas, o autor se inspirou na figura de Aleixo Comnenos para modelar seu herói. Já que a figura de Digenis Akrites expressa no poema se assemelha a de Aleixo I, desde sua meninice até sua velhice. Assim, provavelmente imaginamos que ela tenha sido escrita no final de sua vida ou já no início do reinado de seu filho João II Comnenos (1118-1143). Provavelmente, num período entre 1116, para que o tratado imposto por Aleixo à Malik-Shah tenha tido alguma influência na composição, e 1120, para não nos distanciarmos muito do reinado de Aleixo Comnenos, o que faria as analogias compostas na *Digeneida* perder em sua contemporaneidade.

Após todas as considerações realizadas ao longo dessa análise, ainda que baseadas em indícios e analogias, com algum grau de certeza, afirmamos que a *Canção de Digenis Akrites* não é uma obra nostálgica. Ela em nenhum momento se remete a um tempo belo porém distante, a modelos e valores que foram perdidos e a um herói derradeiro que defende um mundo prestes a desaparecer. Ao contrário, Digenis Akrites é um herói afirmativo e ofensivo, isto é, seu papel não é defender as fronteiras e sim



dominá-las. Ele vai até lá para impor sua força, seus valores e sua autoridade. A própria *Canção* tem esses aspectos, pois, deixando de lado os pequenos cantares épicos, como o *de Armouris* e *do Filho e Andronikos*, que fazem parte do mesmo gênero, não conhecemos nenhuma narrativa na produção literária bizantina que se assemelhe a ela. Assim como Digenis Akrites impõe sua força nas fronteiras dominadas por feras e *apelates*, a *Canção* impõe-se no meio literário bizantino dominado por antigos e quase irremovíveis modelos e Aleixo Comnenos estabelece seu inédito e aristocrático regime no Império Bizantino. São três imposições semelhantes, análogas mesmo e suficientemente relacionáveis para que as leituras contemporâneas não prescindam de observá-las.

## **APÊNDICE I: lista de imperadores bizantinos entre os anos de 867 e 1185.**

**Basílio I, o Macedônio** (867 - 886), fundador da Dinastia Macedônia

**Leão VI, o Sábio** (886 - 912)

**Alexandre** (912 - 913)

**Constantino VII Porfirogenito** (913 -959)

**Romano I Lekapenos** (919 - 944) co-imperador e protetor de Constantino VII

**Romano II Porfirogenito** (959 - 963)

**Nicéforo II Focas** (963 - 969) co-imperador e protetor de Basílio II e Constantino VII

**João I Tzimiskes** (969 - 976) co-imperador e protetor de Basílio II e Constantino VII

**Basílio II Bulgaroktonos** (matador de búlgaros) (976 - 1025)

**Constantino VIII** (1025 - 1028)

**Zoé** (1028 - 1050)

**Romano III Argyros** (1028 - 1034), primeiro marido de Zoé

**Miguel IV Paflagonio** (1010-1041, reinou de 1034 - 1041), segundo marido de Zoé

**Constantino IX Monomachos** (1042 - 1055) terceiro e último marido de Zoé

**Miguel V Calafate** (1041 - 1042) depôs temporariamente Zoé

**Teodora** (1042), co-imperatriz com Zoé

**Teodora** (1055 - 1056), restaurada e último membro da Dinastia Macedônia

**Miguel VI Sratiotikos** (1056 - 1057)

**Isaac I Comnenos** (1057 - 1059)

**Constantino X Doukas** (1059 - 1067)

**Miguel VII Doukas** (1067 - 1078)

**Romano IV Diógenes** (1067 - 1071) co-imperador

**Nicéforo III Botaneiates** (1078 - 1081)

**Aleixo I Comnenos** (1081 - 1118), fundador da Dinastia Comnenos

**João II Comnenos** (1118 - 1143)

**Manuel I Comnenos** (1143 - 1180)

**Aleixo II Comnenos** (1180 - 1183)

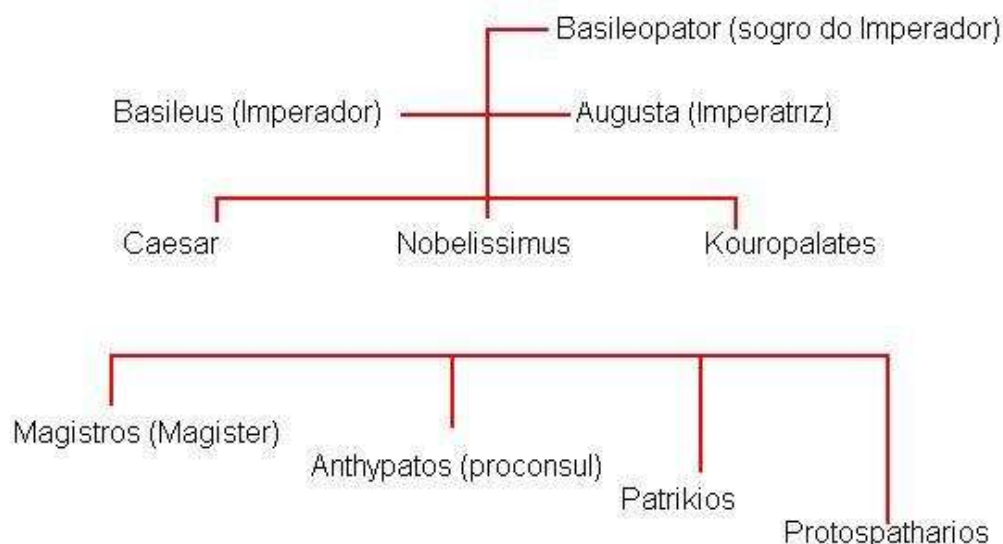
**Andronicos I Comnenos** (1183 - 1185)

**APÊNDICE II: Comparação do trecho do *Cantar do Emir* quando o próprio Emir relata sua decisão de se casar com a dama Doukas, converter-se ao Cristianismo e mudar de fidelidade a *Romania* ou Império Bizantino.**

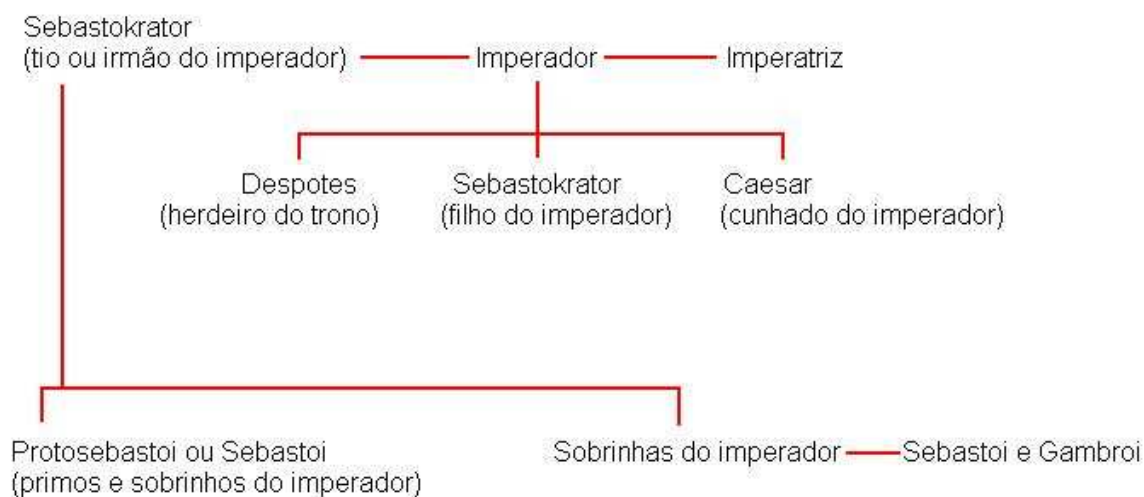
<p><b>Texto Escorial, versos 149 – 177.</b></p> <p>“A mí nunca me enfrentó – ni general ni toparca.  Ejércitos puse en fuga – de persas y romeicos  Y capturé fortalezas – sin numero y &lt;prisioneros&gt;  A príncipes he tomado – persas y también soldados;  La humillación conoci – con vosotros no lo olvido.  Desde que empecé a luchar – cumpliendo grandes hazañas  Nunca se encontró ninguno – que igualárseme pudiera,  Y que combatiera, oh joven, - para tomarme o botín.  Y ahora con vosotros – la he sufrido: no la olvido;  Avergoncé a mis ejércitos – y la stirpe mira toda.  Hoy día yo me muriera – y mi vieda no la quiero.  Pero dejaré todo esto – y el mucho charlatanear,  Y ahora muy claramente – os digo la verdade toda:  Si vosotros acptáis - el tenerme por cuñado,  Yo a vuestra hermana la tengo – y no os aflijáis por ella.  Y esto yo os juro y digo, - (digo) por el buen profeta,  ----- - por el grande Mahomed:  Ni me ha dado beso alguno, - ni palabras yo le dije.  A vosotros esperaba, - los cinco de ía y noche,  Id pues a la tienda mía – a encontrar a vuestra hermana.  Y muchas otras tomaranla – los inicuos arabitas,  Viendieronlas y matáronlas – maligna e injustamente,  Y en mi parte del botín – vuestra hermana me tocó  y a ella la preservé – a causa de su belleza.  Andad, pues, y recibid – una niña inmacillada;  Yo por su (gran) hermosura – y por su mucha nobleza  De la fe mía reniego, también de mi mucha gloria,  Y me convierto en cristiano – y con vosotros iré”</p>	<p><b>Texto Grottaferrata, Canto I versos 297 – 306.</b></p> <p>“Ni ejércitos ni generales a mí se resistieron;  en cambio me venció una hermosísima mujer;  me abrasan sus encantos, consúmenme sus lágrimas,  sus sollozos me inflaman, no sé que puedo hacer.  Yo por ella os probé em busca de certeza,  Pues no cesa un instante de llorar por vosotros.  Os lo confieso todo y la verdad os digo:  Si no os fuese desdoro ternerme por cuñado  Por los tiernos encantos de vuestra hermana  Me haré cristiano y vendré a la Romania.  Y sabed la verdad, por el Profeta juro  Que ni un beso me dio, ni palabras cruzamos.  Vamos, pues, a mi tienda, ved a la que buscáis”</p>
---	---

**Apêndice III: Organograma de títulos bizantinos anterior e posteriormente a reforma de Aleixo Comnenos.**

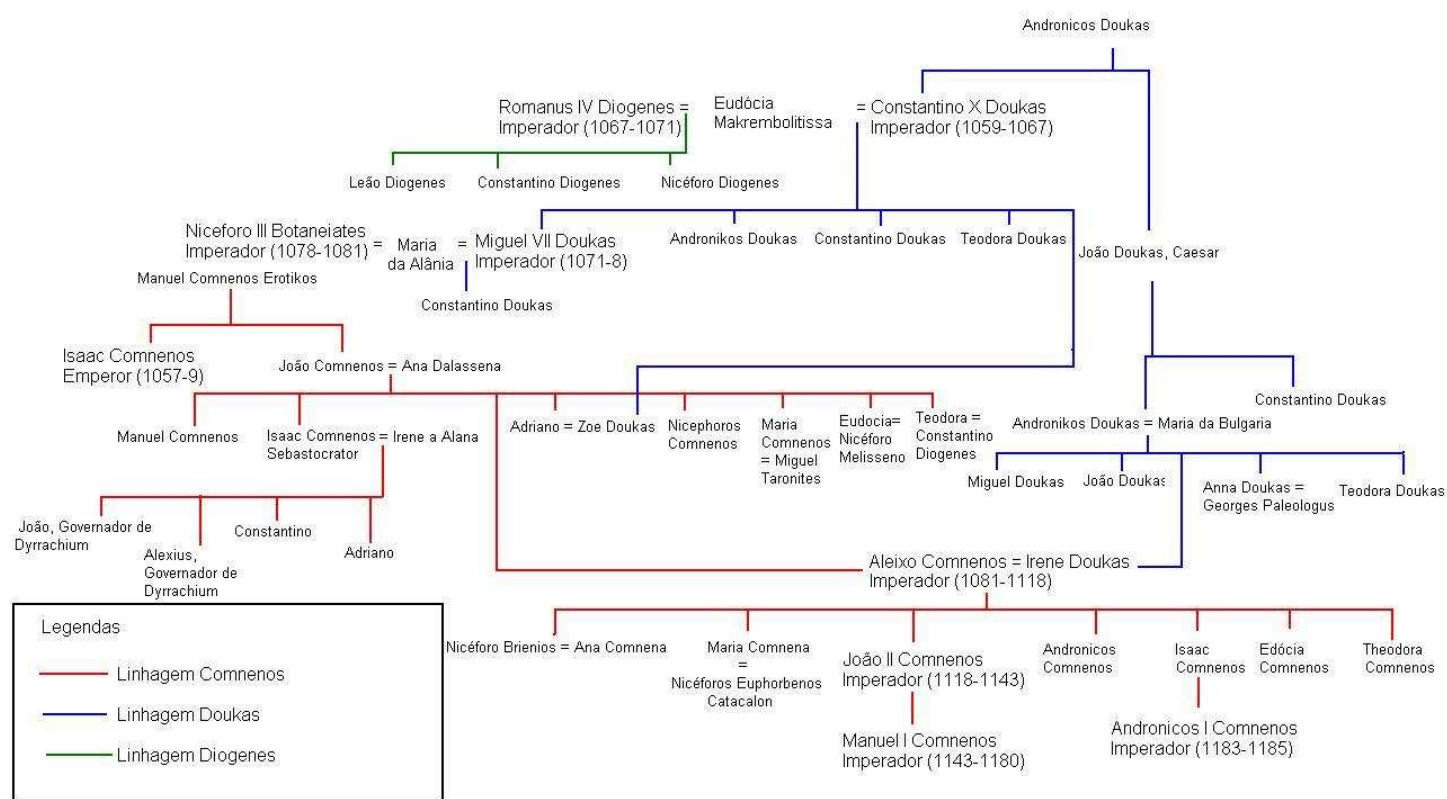
**Os títulos cortesãos mais importantes dos séculos X e XI**



**Títulos cortesãos mais importantes do século XII**



## Apêndice IV: Árvore Genealógica das linhagens Comnenos e Doukas.



## FONTES

ΒΑΣΙΛΕΙΟΥ ΔΙΓΕΝΟΥΣ ΑΚΡΙΤΟΥ: *Texto del Manuscrito Grottaferrata*. Introdução, bibliografia, notas e tradução de GARRIDO, Juan Valero. Barcelona: Bosch.1981.

CANTAR de Armuris. Tradução Miguel Castillo Didier. In: CASTILLO DIDIER, Miguel. *Poesia Heróica Bizantina: Epopeya de Digenis Akritas, cantares de Armuris y Andronico*. Santiago: Centro de Estudios Neohelenicos e Bizantinos. 1994.

CANTAR de Andronico. Tradução Miguel Castillo Didier.. In: CASTILLO DIDIER, Miguel. *Poesia Heróica Bizantina: Epopeya de Digenis Akritas, cantares de Armuris y Andronico*. Santiago: Centro de Estudios Neohelenicos e Bizantinos. 1994

CECAUMENO. *Strategikon: Consejos de un Aristócrata Bizantino*. Introdução, tradução e notas de Juan Signes Cordoñer. Madri: Alianza Editorial. 2000.

COMNENA, Ana. *Alexiada* Tradução de E.R.A. Sewters. London: Penguin, 1969

DIGENES Akritas: The Two-Blood Border Lord (the Grottaferrata Version). Tradução, introdução e notas Denison B. Hull. Athens, Ohio: Ohio University Press, 1972.

EL POEMA de Digenis Akritas. (manuscrito Escorial). Tradução Miguel Castillo Didier .In: CASTILLO DIDIER, Miguel. *Poesia Heróica Bizantina: Epopeya de Digenis Akritas, cantares de Armuris y Andronico*. Santiago: Centro de Estudios Neohelenicos e Bizantinos. 1994.

MAURICE'S STRATEGIKON: A HANDBOOK OF BYZANTINE MILITARY STRATEGY. Traduzido por DENNIS, George T. Filadelfia, EUA: Pennsylvania University Press. 1984.

MIGUEL PSELLOS. *Chronografia*. Tradução de E.R.A Sewters. Yale University Press: Yale, EUA. 1953.

SÃO MÁXIMO. *Centúrias sobre a caridade e outros escritos espirituais*. São Paulo: Landy, 2003.

TEOPHANES. *Chronografia*. Bonn, 741. In: HERRERA, Héctor & MARÍN, José. *El Imperio Bizantino: Introducción Histórica y Selección de Documentos*. Centro de Estudios Gregos, Bizantinos y Neohelenicos “Fotios Maleros”: Santiago do Chile. 1998

ZEPOS & ZEPOS, *Ius Graecoromanum*, I, pp. 205-14. Retirado em 07/06/2009 de <http://homepage.mac.com/paulstephenson/trans/theocont4.html>

## BIBLIOGRAFIA

AHRWEILER. Hélène. *La Frontière et les Frontières de Byzance en Orient*. In: Actes du XVIe. In: *Actes du XVIe. Congrès International des Etudes Byzantines*. Bucarest: Academiei Republicii Socialiste România. 1974. pp.303-314.

\_\_\_\_\_. *Hellenic Europe: Problems of Greek Continuity*. In: AHRWEILER, Hélène. *The Making of Europe, Lecture and Studies*. Athens: Nea Synora Livanis. 2000.

ANGOLD, Michael. *The Byzantine Aristocracy: IX to XIII Century*. Oxford: BAR. 1984.

\_\_\_\_\_. *Byzantine Empire, 1025-1204: a Political History*. Londres: Longman. 1997.

\_\_\_\_\_. *Bizâncio: A ponte da Antiguidade para Idade Média*. Rio de Janeiro: Imago. 2002.

\_\_\_\_\_. *Alexios I Komnenos: an Afterword*. In: MULLET, Margareth & SMYTHE, Dion. (org.) *Alexios Komnenos: Papers*. Belfast: Belfast Byzantine Texts and Translations. 1996. pp. 398-417.

\_\_\_\_\_. *Archons and Dynast local aristocracies and the cities of the later Byzantine Empire*. In: ANGOLD, Michael. *The Byzantine Aristocracy*. Oxford: BAR. 1984. pp. 236-249

ARRESE, Miguel Cortes. *O Melhor da Arte Bizantina*. Lisboa: G&Z Edições. s/d.



BAYNES, Norman. *El Imperio Bizantino*. México: FCE. 1949.

BEATON, Roderick. *The Medieval Greek Romance: 2nd Edition*. Londres: Routledge. 1996

\_\_\_\_\_. *Cappadocians at Court: Digenes and Timarion*. In: MULLET, Margareth & SMYTHE, Dion. (org.) *Alexios Komnenos: Papers*. Belfast: Belfast Byzantine Texts and Translations. 1996. pp. 262-302

BRAVO GARCIA, Antonio & ALVAREZ ARZA, José. “*La Civilización bizantina de los siglos XI e XII: Notas para um debate todavía abierto*”. In: *Erytheia* 9.1. Madrid: Asociación Hispano-Helenica. 1988.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. Mito, Pathos e Ecfrase em Luciano (DE Domo 22). Comunicação apresentada no II Colóquio Internacional do GIPSA: “Imagem e discurso na Antigüidade Clássica”. Belo Horizonte: Outubro de 2000.

BREHIER, Louis. *El mundo Bizantino: Vida e Morte y Bizâncio*. Mexico: Ed. Hispanoamericana.

\_\_\_\_\_. *El mundo Bizantino: Las instituciones del Imperio Bizantino*. Mexico: Ed. Hispanoamericana.

\_\_\_\_\_. *El mundo Bizantino: La civilización Bizantina*. Mexico: Ed. Hispanoamericana.

CASTILLO, Miguel. *Poesía Heróica Bizantina: Epopeya de Digenis Akritas, cantares de Armurís y Andronico*. Santiago: Centro de Estudios Neohelénicos e Bizantinos. 1994

CAVALLO, Guglielmo(org.). *O Homem Bizantino*. Lisboa: Presença, 1998

CHARANIS, Peter. *Diversity and Breakdown of Byzantine Power in Ásia Minor*. In: *Dumbarton Oaks Papers*, vol. 29. 1975. pp.1-20

CHEYNET, Jean Claude. *Pouvoir et Contestations à Bizance (963-1210)*. Paris: Série Byzantina Sorbonensia. 1996.

CROW, James. *Alexios I and Kastamon: castle and settlement in middle Byzantine Paphlagonia*. MULLET, Margareth & SMYTHE, Dion. (org.) *Alexios Komnenos: Papers*. Belfast: Belfast Byzantine Texts and Translations. 1996. pp. 12-36.

CROUZET, Maurice. *História Geral das Civilizações: volume 7*. Rio de Janeiro: Bertrand. 1994

DIAS, João Vicente de Medeiros Publio. *O guerreiro de fronteira bizantino Akrites segundo o Strategikon de Cecaumenos (séc. XI)*. In: *Ágora* (no.8). Vitória: UFES, 2008. <http://www.ufes.br/ppghis/agora/edicaoAtual.htm>

DIEHL, Charles. *Grandes problemas da história bizantina*. São Paulo: Ed. das Américas, 1961.

DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou o Melhor Cavaleiro do Mundo*. Rio de Janeiro: Graal. 1995

FERNANDES, Fátima Regina. *Cruzadas na Idade Média*. In: MAGNOLI, Demétrio.(org). *História das Guerras*. São Paulo: Contexto. 2006. pp. 99-130

FLETCHER, Richard. *A cruz e a crescente: cristianismo e o islã: de Maomé à Reforma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004

FRUTOS, Albert Montaner. *Introducción a la Épica de Frontera (Tradiciones Romanicas, Bizantinas e Eslavas)*. In: *Ressons Èpics en les Literatures i el Folklore Hispànic*. Barcelona: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. 2003

GEERTZ, Clifford. *Observando o Islã*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1968

GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: Ginzburg, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais. Morfologia e história*. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

HALDON, John. *Warfare, State and Society in the Byzantine World:565-1204*. Londres: Routledge. 1999.

HEATH. Ian. *Byzantine Armies 886-1118*. Londres: Osprey. 1992.

HERRERA, Héctor & MARÍN, José. *El Imperio Bizantino: Introducción Histórica y Selección de Documentos*. Centro de Estudios Gregos, Bizantinos y Neohelenicos “Fotios Maleros”: Santiago do Chile. 1998

HILL, Barbara. *Alexios I Komnenos and the Imperial Women*. In: MULLET, Margareth & SMYTHE, Dion. (org.) *Alexios Komnenos: Paper*. Belfast: Belfast Byzantine Texts and Translations. 1996. pp. 37-54

HOLMES, Catherine. *Basil II and the Governance of the Empire* Oxford: Oxford University Press. 2005

HOURLANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HOWARD-JOHNSTON, James. *Anna Komnene and the Alexiad*. In: MULLET, Margareth & SMYTHE, Dion. (org.) *Alexios Komnenos: Papers*. Belfast: Belfast Byzantine Texts and Translations. 1996. pp. 262-302.

HUNT, Lucy-Anne. *Comnenian Aristocratic Palace Decoration: Description and Islamic Connection*. In: ANGOLD, Michael. *Byzantine Aristocracy*. Oxford: BAR. 1984. pp. 138-156

IMBER, Collin. *El Império Otomano: 1300-1650*. Barcelona: Vergara. 2004

JEFFREYS, Elizabeth. *The Comnenian Background to the Romans D'Antiquité*. In: *Byzantion: Revue Internationale de Études Byzantines*. Bruxelles: Sociedade Belga de Estudos Bizantinos: 1980. pp. 456-486

\_\_\_\_\_. *Akritis and Outsiders*. In: SMYTHE, Dion C(org.). *Strangers to themselves: The byzantine outsider*. Aldershot: Variorum. s/d. pp. 189-202

\_\_\_\_\_. *Digenis Akritis: The Grottaferrata and the Escorial Versions*. Cambridge: Cambridge University Press. 1998.

JEFFREYS, Elizabeth et JEFFREYS, Michael. *The Oral Background of Byzantine Popular Poetry*. In: *Oral Tradition*, 1/3. 1986. pp. 504-47

KAPLAN, Michel. *Byzance*. Paris: Société d'Edicion Les Belles Letres. 2007.

KAZHDAN, Alexander. The Aristocracy and the Imperial Ideal. In, ANGOLD, Michael. *The Byzantine Aristocracy: IX to XIII Century*. Oxford: BAR. 1984. pp. 43-58

KAZHDAN. A. P. & EPSTEIN, Ann Wharton. *Change in Byzantine Culture in the Eleventh and Twelfth Centuries*. Berkeley: University of California Press. 1985

KAZHDAN, A & CONSTABLE, G. *People and Power in Byzantium*. Washington: Dumbarton Oaks. 1982

KRUMBACHER. Karl. *Die Geschichte der Bizantinischen Litteratur*. Munique: Beck. 1897

LORD, Albert B. *The Singer of Tales*. Cambridge: Harvard University Press. 1960

LEWIS, Bernard. *Los árabes en la História*. Buenos Aires: Edhasa. 2004.

LOVERANCE. Rowena. *Bizancio*. Madrid: Akal. 2000

MACLISTER, Suzanne. *Byzantine Developments*. In: MORGAN, J. R & STONEMAN, Richard. (org). *Greek Fiction: the Greek Novel in Context*. Londres e Nova Iorque: Routledge. 1994. pp. 275-287

MAGDALINO, Paul. *Aspects of Twelfth-Century Byzantine Kaiserkritik*. In: *Speculum*, Vol. 58, no. 2. Medieval Academy of America: sem local. 1983. pp. 326-346.

\_\_\_\_\_. *Byzantine Snobbery*. In: ANGOLD, Michael. *The Byzantine Aristocracy: IX to XIII Century*. Oxford: BAR. 1984. pp. 58-71

\_\_\_\_\_. *The Empire of Manuel Komnenos: 1143-1180*. Cambridge: Cambridge University Press. 1993.

\_\_\_\_\_. *The Byzantine Background to the First Crusade*. In: Canadian Institute of Balkan Studies. 1996

MARTÍN, Inmaculada Peres & PEÑA, Pedro Bádenas de la. (Ed.) *Bizancio y la Peninsula Ibérica: de la Antigüedad Tardía a la Edad Moderna*. Madrid: Nueva Roma. 2004.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *Os Limites da Helenização: Interação Cultural das Civilizações Grega, Romana, Céltica e Persa*. Rio de Janeiro: Zahar. 1975.

MOSNTESQUIEU. *Considerações sobre as Causas da Grandeza dos Romanos e sua Decadência*. Rio de Janeiro: Contraponto. 2002.

MULLET, Margareth. *Introduction: Alexios the Enigma*. In: MULLET, Margareth & SMYTHE, Dion. (org.) *Alexios Komnenos: Papers*. Belfast: Belfast Byzantine Texts and Translations. 1996. pp. 1-11.

NEVILLE, Leonora. *Authority in Byzantine Provincial Society, 950-1100*. Cambridge: Press Syndicate of the University of Cambridge. 2004.

NICOLLE, David. *Romano-Byzantine Armies 4th-9th Centuries*. Londres: Osprey. 1992.

NOTOPOULOS, James A. *Akritas Ikonography on Byzantine Pottery*. In: *Hesperia*, Vol. 33, No. 2. 1964. pp.108-133.

OBOLENSKY, D. *Byzantine Frontier Zone and Cultural Exchange*. . In: *Actes du XVIe. Congrès International des Etudes Byzantines*. Bucarest: Academiei Republicii Socialiste România. 1974. pp.303-314.

OSTROGORSKY, Georges. *Observations on the Aristocracy in Byzantium*. In: *Dumbarton Oaks Papers*, Vol. 25. Harvard: Dumbarton Oaks. 1971. Pp 1-32

PLATAGEAN, Evelyne. *Bizancio seculos X-XI* In: ARIES, Philippe (org.). *História da Vida Privada* Vol. 1, São Paulo: Companhia das Letras, 1990. pp.533-613

\_\_\_\_\_. Famílias e Parentelas em Bizâncio: séculos XII e XV. In: BURGUIÈRE, André, et al. *História da Família. Tempos Medievais: Ocidente, Oriente*. Lisboa: Terramar. 1997

\_\_\_\_\_. et al. *Historia de Bizâncio*. Crítica: Barcelona. 2001

PEÑA, Pedro Bádenas de la. La Épica Española y la Épica de Diyenis. In: : *Ressons Épics en les Literatures i el Folklore Hispànic*. Barcelona: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. 2003

PERTUSI, A, *Akritai e Ghâzi sulla frontiera orientale di Bisanzio* . In: *Actes du XVIe. Congrès International des Etudes Byzantines*. Bucarest: Academiei Republicii Socialiste România. 1974. pp.237-284

PROPP, W. *Morfologia do Conto Maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense. 1984.

RAMBAUD, Alfred. *Études sur l'Histoire Byzantine*. Prefácio de Charle Diehl Paris: Armand Colin. 1912.

RICKS. David. *Byzantine Heroic Poetry*. Bristol: Bristol Classics. 1990.

RUAS, Victor. Ethopoeia no Romance Bizantino do Século XII. In: OLIVEIRA, Francisco de. *O Romance Antigo: Origens de um Género Literário*. Coimbra. 2005.

RUNCIMAN, Steven. *A civilização bizantina*. Zahar: Rio de Janeiro. 1961.

\_\_\_\_\_. *A Teocracia Bizantina*. Rio de Janeiro: Zahar. 1978.

\_\_\_\_\_. *1453: A queda de Constantinopla*. Tradução de Laura Rumchinsky. Imago: Rio de Janeiro. 2002.

\_\_\_\_\_. *Women in Byzantine Aristocratic Society*. In: ANGOLD, Michael. *The Byzantine Aristocracy: IX to XIII Century*. Oxford: BAR. 1984. pp. 10-22.

SAYLES. Wayne G. *Ancient Coin Collecting V: The Romaion/Byzantine Culture*. Iola, EUA: Krause. 1998.

TALBOT, Alice-Mary. *A Mulher*. In: CAVALLO, Guglielmo(org.). *O Homem Bizantino*. Lisboa: Presença, 1998

TREADGOLD. Warren. *A History of the Byzantine State and Society*. Stanford, California: Stanford University Press. 1997.

VASILIEV, A, A . *Historia del Imperio Bizantino: tomo segundo*. Tradução e adaptação de Carlos Etchevarne Barcelona: Editorial Iberia, S.A., 1946.

VRYONIS, Speros. *Byzantium: The Social Basis of the Decline in the Eleventh Century*. In: Greek, Roman and Byzantine Studies, 2:2 Universidade de Duke: Duke, EUA. 1959

\_\_\_\_\_. *Nomadization and Islamization in Asia Minor*. In: Dumbarton Oaks Papers, vol. 29. Harvard: Dumbarton Oaks. 1979.

WALTER, Gerald. *A vida quotidiana nos tempos dos Comnenos*, Lisboa. Edição “Livros do Brasil”. 1970

ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a Voz: a “Literatura” Medieval*. São Paulo: Cia das Letra. 1993.